

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ALICE RIGONI JACQUES

**AS MARCAS DE CORREÇÃO EM CADERNOS ESCOLARES DO
CURSO PRIMÁRIO DO COLÉGIO FARROUPILHA/RS – 1948/1958**

Porto Alegre
2011

ALICE RIGONI JACQUES

**AS MARCAS DE CORREÇÃO EM CADERNOS ESCOLARES DO
CURSO PRIMÁRIO DO COLÉGIO FARROUPILHA/RS – 1948/1958**

**Pesquisa de dissertação apresentado ao curso de
Mestrado da Faculdade de Educação da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul, como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Educação.**

Dra. Maria Helena Camara Bastos

Orientadora

Porto Alegre
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J19m Jacques, Alice Rigoni.

As marcas de correção em cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha/RS – 1948/1958. / Alice Rigoni Jacques. – Porto Alegre, 2011.

198 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS.

Orientação: Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos.

1. Educação. 2. Ensino Fundamental. 2. Cadernos Escolares. 3. Avaliação Escolar. 4. Cultura Escolar. 5. Aprendizagem - Avaliação. I. Bastos, Maria Helena Camara. II. Título.

CDD 371.26

Bibliotecária Responsável:

Cíntia Borges Greff - CRB 10/1437 – norma.abnt@gmail.com

ALICE RIGONI JACQUES

**AS MARCAS DE CORREÇÃO EM CADERNOS ESCOLARES DO
CURSO PRIMÁRIO DO COLÉGIO FARROUPILHA/RS – 1948/1958**

**Pesquisa de dissertação apresentado ao curso de
Mestrado da Faculdade de Educação da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul, como requisito para a obtenção do título
de Mestre em Educação.**

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Helena Camara Bastos (Orientador/PUCRS)

Dra. Beatriz T. Daudt Fischer (UNISINOS)

Dra. Dóris Almeida Bittencourt (UFRGS)

Dra. Luciane Sgarb Grazziotin (UNISINOS)

Dra. Maria Tereza Santos Cunha (UDESC)

Parabéns!

Que Linda!

Mais Atenção!



Colégio Farroupilha

Que Feio!

Elisabeth Reifer
1953
Mais Capricho!

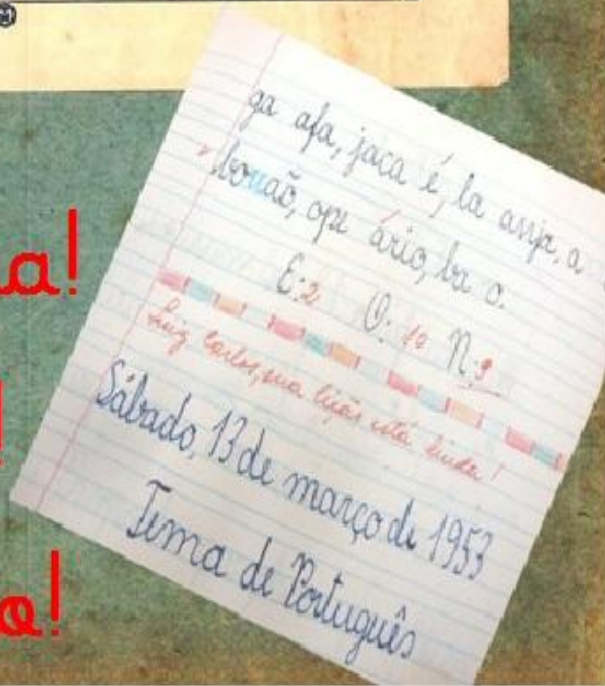
Muito Bem!

Cuidado!

Cuide da Letra!

Maravilhoso!

Bem Trabalha!



AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença sempre constante neste caminho.

À Direção do Colégio Farroupilha e sua Mantenedora que sempre me oportunizaram e disponibilizaram que participasse de Congressos, Seminários e Encontros de Educação, bem como acreditar na importância da preservação e divulgação da história destas instituições quando me permitiram organizar o Memorial.

À Professora, Orientadora e Amiga, Maria Helena Camara Bastos, por acreditar, me estimular, sugerir caminhos, por me fazer romper limites e me fazer sentir capaz de chegar até aqui.

À querida colega e amiga, Dóris Bittencourt Almeida por me mostrar que era possível e este era o caminho e o grande salto que deveria dar em minha vida.

A todos os profissionais da educação, meus professores e mestres, comprometidos, competentes e responsáveis com a construção de uma pesquisa de cunho verdadeiramente científico, onde o exemplo de postura, de compromisso ético e profissional, foram essenciais para a minha formação.

Aos ex-alunos do Colégio Farroupilha, Elisabeth Pfeifer, Gladis Renate Wiener, Erico Winfried Wickert (in memoriam) e seus familiares e Luiz Carlos Petry que conservaram seus cadernos, doaram ao acervo do Memorial e permitiram a realização desta pesquisa.

À professora Zilá que gentilmente aceitou o convite em me receber, recordar e contar suas lembranças e experiências como professora da instituição.

À minha filha, pelas palavras de incentivo e por ser minha companheira e minha grande amiga nos muitos momentos bons e difíceis de nossas vidas.

A meu companheiro pela força e incentivo, em todos os meus momentos em que tive que me afastar para me dedicar ao estudo.

A meus familiares e amigos, pela compreensão nas frequentes ausências, pela ajuda, incentivo e apoio no decorrer desta caminhada.

Especialmente, a Tatiane, Priscila, Raphael, Alzira, Dirce e Lucas por todos os momentos que passamos juntos, pelos medos, desafios, conquistas, gestos e palavras de incentivo, que me alimentaram a alma e muito me ajudaram nesta caminhada.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as marcas de correção presentes nos cadernos escolares de quatro alunos do Curso Primário do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS no período de 1948 a 1958. Nesta análise, o olhar esteve voltado para as palavras, frases, imagens e sinais gráficos utilizados pelos professores e alunos na correção das atividades escolares registradas nos cadernos escolares pelas professoras primárias. Estes documentos, que representam um marco no território da criança, integram a memória da escola onde, a partir das marcas de correção, expressam uma prática discursiva reveladora das relações de ensino e de aprendizagem da instituição. Do ponto de vista metodológico, procurei realizar uma análise bibliográfica, entrevista, mapeamentos, classificação e categorização dos recados, expressões escritas, notas, conceitos, cores e artefatos, como carimbos e figurinhas, usados pelas professoras no principal instrumento da escrita escolar que são os cadernos. Os dados para a pesquisa foram coletados em 249 cadernos escolares pertencentes ao Memorial “De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha”. Este estudo objetiva perceber de que modo os professores se apropriavam dessa prática e se elas representavam um discurso escolar da época, bem como buscar converter o cotidiano escolar em história. As considerações finais se centram no sentido que estas marcas de correção são marcos de avaliação da aprendizagem, pois foram sempre registradas de modo visível e reconhecidas pela comunidade escolar. Como representações simbólicas da presença do outro, elas indicam o julgamento do professor, da escola, da sociedade. Estas marcas de correção ou o modo como era mostrado os erros para o aluno, se davam também pela troca com os outros professores, pelos cursos de formação e capacitação, mas principalmente pela experiência e contato diário com os alunos e com as outras professoras ao longo dos anos.

Palavras-chaves: cadernos escolares; marcas de correção; cultura escolar e escola primária.

ABSTRACT

The research analyses the correction marks of four student's notebooks. They studied at Colégio Farroupilha Primary's Course, and the notebooks were used by them from 1948 to 1958. This research focused on the words, sentences, images and graphic signs used by teachers and students during the school activities correction, which was done by the primary teachers. This documents, which represent a mark of children's world, have the memories of the school, and through the correction marks show the discursive practice revealing the relation between teaching and learning at Farroupilha. Through a methodological point of view, I tried to make a bibliographic analysis; make an interview; map; classify and categorize notes, concepts, colors, stickers and stamps used by the teachers on the notebooks. The data used for the research was collected in 249 students notebooks, which belong to Memorial De Deutscher Hilfsverein. This study has as objective discover how the teachers used to learn this practice, if they used to be normal in those days, and finally, convert the usual ways of correction they had, in history.

The correction marks are important because they are landmarks of learning valuations. They were always registered in a visual way and recognized by school community. Just like symbolic representations, they show professor, school, and society's judgement. The different ways chosen by the teachers to show the students they made a mistake used to vary depending on things like teacher's different graduations, exchange of knowledge, and mostly the experience, based on the contact with the students and other teachers over the years.

Key-words: school notebooks; correction marks; school culture, primary school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Caderno Escolar da década de 1950.....	22
Figura 2: Cadernos de Aritmética, Cópia e Ditado da década de 1950.....	24
Figura 3: Primeiros sócios da Sociedade Beneficente Educacional.....	30
Figura 4: Escola da Comunidade Evangélica – Salas Alugadas.....	31
Figura 5: Primeira Sede Própria da Escola Alemã.....	32
Figura 6: Primeiras Turmas de Meninas da Escola Alemã – 1906.....	33
Figura 7: Turmas Mistas da Escola Alemã – 1929.....	33
Figura 8: Turma de alunos de 1961 da Escola Técnica de Comércio.....	35
Figura 9: Chácara Três Figueiras – década de 1930.....	36
Figura 10: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha – 2002	41
Figura 11: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha – 2011	41
Figura 12: A aluna Elisabeth Pfeifer – 1958.....	48
Figura 13: O aluno Erico Winfried Wickert – 1948.....	49
Figura 14: O aluno Luiz Carlos Petry – 1951.....	50
Figura 15: A aluna Gladis Renate Wiener – 1953.....	51
Figura 16: Tipologia dos Cadernos Escolares.....	55
Figura 17: Tipologia dos Cadernos Escolares.....	55
Figura 18: Marcas de Correção nos Cadernos Escolares do Curso Primário	59
Figura 19: Marcas de Correção nos Cadernos Escolares.....	60
Figura 20: Exercícios no Caderno.....	76
Figura 21: Carimbos – Marcas de Correção	78
Figura 22: Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 1ª série B.....	106
Figura 23: Boletim Escolar de Gladis Renate Wiener da 1ª série A.....	109

Figura 24: Boletim Escolar de Erico Winfried Wickert da 2ª série A.....	120
Figura 25: Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 2ª série C.....	121
Figura 26: Marca de Correção da Professora Maria Carmem Delgado.....	130
Figura 27: Boletim Escolar de Gladis Renate Wiener da 3ª série C.....	134
Figura 28: Exemplo da letra de Gladis Renate Wiener.....	140
Figura 29: Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 4ª série B.....	148
Figura 30: Boletim Escolar de Gladis R. Wiener da 4ª série C.....	158
Figura 31: Boletim Escolar de Luiz C. Petry da 5ª série C.....	166
Figura 32: Boletim Escolar de Gladis R. Wiener da 5ª série	173

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Nº. de alunos matriculados no Curso Primário (1948 – 1958).....	37
Quadro 2: Professores regentes do Curso Primário de 1949.....	37
Quadro 3: Professores sem regência do Curso Primário de 1949.....	38
Quadro 4: Professores regentes do Curso primário de 1955.....	38
Quadro 5: Professores especializados do Curso Primário de 1955.....	39
Quadro 6: Materiais pertencentes ao Memorial	43
Quadro 7: Materiais pertencentes ao Memorial.....	44
Quadro 8: Nº. de cadernos analisados e nome dos alunos-autores dos cadernos: (1948 – 1958).....	52
Quadro 09: Nome das professoras do Curso Primário (1948-1958).....	53
Quadro 10: Marcas de correção dos cadernos escolares de Elisabeth P. da 1ª série.....	73
Quadro 11: Normas disciplinares do Colégio Farroupilha (1958).....	75
Quadro 12: Cópias dos textos da cartilha “Vavá e Vivi” e as marcas de correção.....	90
Quadro 13: Frases do caderno de cópias do caderno de Elisabeth P.....	90
Quadro 14: Marcas de correção dos cadernos de Aritmética de Elisabeth P. da 1ª série.....	98
Quadro 15: Marcas de correção repetidas nos cadernos de Aritmética de Elisabeth P.	98
Quadro 16: Marcas de correção registradas pela professora nos cadernos de Elisabeth P. da 1ª série nas operações matemáticas.....	99
Quadro 17: Marcas de correção dos cadernos da 1ª série de Erico W. Wickert.....	100
Quadro 18: Artefatos utilizados nas correções dos cadernos de Erico W. Wickert.....	100
Quadro 19: Número de cadernos analisados de Luiz C. Petry da 1ª série -1951.....	103
Quadro 20: Marcas de correção presentes dos cadernos escolares de Luiz C. P.....	104
Quadro 21: Número de cadernos analisados de Gladis R. Wiener da 1ª série.....	107
Quadro 22: Marcas de correção presentes nos cadernos escolares de Gladis R. W.....	108

Quadro 23: Número de cadernos analisados de Erico W. Wickert da 2ª série.....	110
Quadro 24: Marcas de correção do caderno de Ditado de Erico W. Wickert.....	111
Quadro 25: Marcas de correção do caderno de Redação de Erico W. W.....	113
Quadro 26: Marcas de correção do caderno de história do Brasil Erico W.....	116
Quadro 27: Número de cadernos analisados de Luiz Carlos Petry da 2ª série.....	122
Quadro 28: Marcas de correção dos cadernos de Luiz Carlos Petry da 2ª série.....	122
Quadro 29: Número de cadernos analisados de Gladis Renate Wiener da 2ª série.....	123
Quadro 30: Marcas de correção nos cadernos de Gladis Renate Wiener da 2ª série.....	124
Quadro 31: Marcas de correção presentes nos cadernos de Ditado de Gladis R.W.....	125
Quadro 32: Marcas de correção do caderno de Redação de Erico W. Wickert	128
Quadro 33: Marcas de correção do caderno de Desenho de Erico W. Wickert.....	129
Quadro 34: Número de cadernos analisados de Luiz Carlos Petry.....	131
Quadro 35: Carimbos nos cadernos de Luiz Carlos Petry.....	133
Quadro 36: Número de cadernos analisados de Gladis Renate Wiener da 3ª série.....	135
Quadro 37: Marcas de correção do caderno de Sabatinas de Gladis R. W. da 3ª série.....	135
Quadro 38: Marcas de correção dos cadernos de Ditado de Gladis R. W. da 3ª série.....	138
Quadro 39: Expressões e frases escritas nos cadernos de Ditado de Gladis R. W.	138
Quadro 40: Marcas de correção do caderno de Redação de Gladis R. W. da 3ª série.....	141
Quadro 41: Expressões e frases escritas no caderno “Meu diário” de Gladis R.W.....	142
Quadro 42: Marcas de correção no caderno de Ciências de Gladis R. W. da 3ª série.....	143
Quadro 43: Marcas de correção dos cadernos de História de Gladis R. W. da 3ª série.....	143
Quadro 44: Marcas de correção dos cadernos de Geografia de Gladis R. W.....	144
Quadro 45: Marcas de correção do caderno de redação de Erico W. Wickert.....	145
Quadro 46: Número de cadernos analisados de Luiz Carlos Petry da 4ª série.....	149
Quadro 47: Marcas de correção dos cadernos de Aritmética de Luiz C. P. da 4ª série.....	150

Quadro 48: Marcas de correção dos cadernos de Gramática de Luiz C. P. da 4ª série.....	151
Quadro 49: Marcas de correção do caderno de Ditado de Luiz C. Petry da 4ª série.....	151
Quadro 50: Marcas de correção dos cadernos de Redação e Cópia de Luiz C. P.....	155
Quadro 51: Número de cadernos analisados de Gladis Renate Wiener da 4ª série.....	159
Quadro 52: Marcas de correção dos cadernos de Aritmética de Gladis R. W.....	159
Quadro 53: Marcas de correção do caderno de Ditado de Gladis R. W. da 4ª série.....	161
Quadro 54: Marcas de correção do caderno de provas de Ditado de Gladis R. Wiener.....	162
Quadro 55: Marcas de correção dos cadernos de Português de Gladis R. Wiener.....	163
Quadro 56: Marcas de correção do caderno de Redação de Gladis R. W. da 4ª série.....	164
Quadro 57: Marcas de correção do caderno de Cópia de Gladis R. W. da 4ª série.....	164
Quadro 58: Número de cadernos analisados de Luiz Carlos Petry da 5ª série.....	166
Quadro 59: Marcas de correção do caderno de Ditado de Luiz C. Petry da 5ª série.....	170
Quadro 60: Marcas de correção do caderno de Gramática de Luiz C. P. da 5ª série.....	171
Quadro 61: Marcas de correção do caderno de Redação de Luiz C. P. da 5ª série.....	172
Quadro 62: Número de cadernos analisados de Gladis Renate Wiener da 5ª série.....	174
Quadro 63: Marcas de correção dos cadernos de Aritmética de Gladis R. W.....	174
Quadro 64: Frases escritas nos cadernos de Aritmética de Gladis R. W. da 5ª série.....	175
Quadro 65: Marcas de correção do caderno de Ditado de Gladis R. W. da 5ª série.....	177

LISTA DE SIGLAS

ABE – Associação Beneficente e Educacional

ASPHE – Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação

E.F. - Ensino Fundamental

ETC - Escola Técnica de Comércio

MCD - Nome da professora Maria Carmem Delgado

MCF – Memorial de Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha

POA – Porto Alegre

PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RS – Rio Grande do Sul

SEM - Sistema Estadual de Museus

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNED – Universidade Nacional de Educação à Distância

UNIRIO – Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1 A Pesquisadora	16
1.2 A Pesquisa	21
1.2.1 Os cadernos Escolares	25
2. LÓCUS DA PESQUISA	30
2.1 O Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS	30
2.2 O Memorial de Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Um acervo a ser Pesquisado.....	39
3. OS CADERNOS ESCOLARES DO CURSO PRIMÁRIO COMO OBJETOS DE ESTUDO.....	46
3.1 Tipologias dos Cadernos.....	54
3.2 As Marcas de Correção Em Cadernos Escolares.....	57
3.3 Os Alunos, Seus Cadernos E As Marcas de Correção.....	73
3.3.1 Os Cadernos Escolares da 1ª Série do Curso Primário	73
3.3.2 Os Cadernos Escolares da 2ª Série do Curso Primário	110
3.3.3 Os Cadernos Escolares da 3ª Série do Curso Primário	126
3.3.4 Os Cadernos Escolares da 4ª Série do Curso Primário	145
3.3.5 Os Cadernos Escolares da 5ª Série do Curso Primário	165
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	188
ANEXO.....	196

1. INTRODUÇÃO

1.1 A PESQUISADORA

Tenho 49 anos e nasci em Erechim/RS. Sou filha de descendentes italianos e sempre tive oportunidade de estudar em escolas confessionais. No 2º grau, cursei o curso de magistério numa escola pública. Ao longo da minha vida escolar, tive muita facilidade e gosto pelas disciplinas voltadas para a comunicação, leitura e escrita. Na minha infância e pré-adolescência, meus gostos e minhas habilidades estiveram voltados para o teatro, a leitura, a comunicação e o canto. Também gostava de ser professora e já organizava, de forma bem lúdica, os planejamentos, utilizando cartilhas, revistas, enciclopédias e o próprio quadro negro. Também tinha um gosto inusitado pelas coisas antigas. Colecionava canetas, selos e moedas.

Quando terminei o 2º grau, ingressei no curso de Pedagogia - Habilitação para o Magistério, na Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Após dois anos de estudos, fui contemplada com um contrato pelo estado para ministrar aulas no meio rural, na E. E. de 1º Grau Incompleto “Rosa Argenta”, de regime multisseriado. Fui professora de 3ª e 4ª séries numa mesma sala de aula. Também éramos encarregadas da manutenção, limpeza e realização da merenda escolar. Era uma realidade de ensino bem diferente das escolas na cidade. Os alunos participavam de todo o processo e sentiam-se co-autores da sua aprendizagem. Colaboravam na organização das tarefas e no zelo pelo patrimônio. Como toda realidade do meio rural, enfrentávamos problemas de repetência e de evasão escolar. Devido ao clima, distância e necessidade das crianças desempenharem atividades profissionais, os alunos se afastavam da escola por longos períodos, ocasionando os problemas acima citados.

Ao término do curso de Pedagogia, fui orientada por uma professora de graduação, na disciplina de Estrutura e Funcionamento, a buscar outras especializações, em uma cidade que pudesse oferecer mais recursos do que a cidade na qual morava. Foi então que consegui transferir meu contrato de professora para a cidade de Porto Alegre.

Trabalhei na E. E. Açorianos, com turmas de 3ª série, do Currículo por Atividades. Outra cidade, outra escola, outra realidade. A escola é pública, cuja maioria dos alunos são carentes. Outro desafio iniciava-se neste momento. Alunos carentes, com precárias condições

de saúde, dificuldades de aprendizagem e socialização, gerando muitas vezes problemas de disciplina.

Em 1985, procurei a rede privada de ensino. Participei de um processo de seleção e fui admitida, então, no Colégio Farroupilha. Atuei por cinco anos nesta instituição, na 3ª série do Currículo por Atividades. Sendo que nos dois últimos anos pedi exoneração do Estado e assumi, em turno integral, a escola particular. Foi um período difícil, pois trabalhava e vivenciava situações de ensino-aprendizagem em escolas com realidades bem distintas.

Passados estes cinco anos, fui convidada, por parte da Direção da escola, a assumir a Coordenação Pedagógica de 5ª a 8ª série. Para isso, tive que retornar à universidade e fazer algumas disciplinas que me fornecessem capacitação para atuar na Supervisão Escolar. Estudei, por dois anos e meio, na Faculdade Porto Alegre, obtendo a habilitação em Supervisão Escolar.

Até o 2º grau parecia que as disciplinas que estudava não estavam relacionadas a nada. Na faculdade, essa concepção mudou. Conseguia contextualizar, abstrair, estabelecer relações. A Filosofia, a Sociologia e a Psicologia me mostraram uma nova visão de homem, de mundo e de sociedade.

Ao longo do curso de Pedagogia, fui construindo novos olhares em relação ao conhecimento. Aliada à teoria, eu também tinha a prática, e isso foi importantíssimo para a minha formação como educadora.

Nos anos em que atuei na Coordenação Pedagógica do Colégio Farroupilha, atualizamos o Regimento Escolar, adequamos o Projeto Político Pedagógico da Escola e capacitamos os professores para trabalhar com o desenvolvimento de habilidades e competências. Aprimoramos o fazer pedagógico com a implantação de projetos interdisciplinares e estudamos sobre a avaliação.

Toda instituição passa por mudanças e, em 2000, mudou a Direção da Escola e fui remanejada para o Setor de Apoio Cultural. Foi então que montei um projeto para a criação de um Memorial, que contasse a história da instituição. Essa idéia surgiu porque me preocupava o fato da instituição ser centenária e não possuir um local onde pudéssemos divulgar e preservar a história da escola e da sua mantenedora.

Assim, outros caminhos foram se abrindo. Ganhei o espaço e descobri muitas informações, contatos, estudos e pesquisa de materiais para registrar a história da escola e de

sua mantenedora. Arquivos, documentos, objetos, fotografias, cadernos, livros, mobiliários foram sendo organizados, preservados, catalogados e divulgados.

Cadastrei o Memorial no SEM - Sistema Estadual de Museus e no Sistema Federal, surgindo, com isso, grupos de apoio e de estudo, que me deram suporte para organizar o Memorial, utilizando técnicas de catalogação, restauro e cuidados com o acervo.

Desde a criação do Memorial “De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha”, realizo um trabalho curricular com as turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. São encontros semanais, num período de dois meses, nos quais desenvolvo alguns conteúdos de Estudos Sociais: a história do memorial, da escola, do bairro, da cidade de POA, da imigração alemã e da imigração açoriana. Utilizo vários recursos didáticos que o memorial dispõe: fotografias, mapas, desenhos e objetos da cultura escolar da instituição. Atividades lúdicas como quebra-cabeças, jogos de memória, trilhas com informações sobre a história, jogos com dados e pinos também são realizadas nas aulas.

Paralelo às atividades para as turmas do Ensino Fundamental, ministrei em 2010 aulas para os alunos do curso de Pedagogia da UFRGS, UNISINOS e mestrandos e doutorandos da PUCRS sobre a História da Escola e informações sobre o acervo e formas de catalogação dos objetos e documentos arquivados. Também para a empresa de Transportes Planalto, realizei uma palestra sobre organização e preservação de materiais e documentos.

Além das exposições permanentes de cadernos, boletins, periódicos, livros didáticos e trabalhos dos alunos, organizei três exposições itinerantes sobre os 120 e 125 anos do Colégio Farroupilha e os 150 Anos da Associação Beneficente e Educacional de 1858, mantenedora da escola. Para complementar esta última exposição, produzi um livro com os textos pesquisados e fotografias que ilustrassem a história da mantenedora.

Quanto ao acervo do memorial, o mesmo está organizado de acordo com um sistema de registro por letras e números, em cadernos e em pastas com as fichas de doação e de tombamento, que descrevem o material, facilitando sua localização nos expositores¹. As letras correspondem aos demais materiais.

Para cada número tem uma graduação em cores para identificação do objeto catalogado. Também tem um caderno de registro de retirada de materiais e agenda de visitas.

¹ Sobre o Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha, ver ALMEIDA; BASTOS e JACQUES (2008).

Diante do exposto e devido a uma visita da professora, Dra. Maria Helena Camara Bastos e da minha colega de escola Dóris Almeida Bittencourt ao Memorial da Escola, vim buscar, no curso de Pós-Graduação em Educação, o suporte teórico para o meu trabalho e fazer com que a história da Escola e da sua mantenedora se transforme num espaço de pesquisa da cultura escolar.

Nestes anos que frequentei o curso de Pós-Graduação em Educação, fui me identificando cada vez mais com a linha de pesquisa que escolhi: Teorias e Culturas da Educação. O fato de compartilhar com os outros colegas as experiências como mestrandos e doutorandos, fez com que aos poucos, eu fosse me direcionando com mais intensidade para o meu objeto de pesquisa. As disciplinas que cursei os professores que compartilharam desta caminhada, os livros que li, fizeram com que me aventurasse na vida acadêmica. Essa aventura se deu, quando comecei a enviar trabalhos para congressos, os mesmos sendo aceitos, apresentados e publicados. No início parecia tudo tão difícil e muitas vezes assustador, entretanto, fui amadurecendo como aluna, perdendo o medo, até que atualmente, escrever um artigo é desafiador, mas antes de tudo, muito prazeroso.

Quanto à escolha do tema da pesquisa, sempre me chamou atenção a rotina da escola e o uso dos materiais escolares. Certos objetos ficam registrados no tempo, pois sua história legitima a escola. Eles não representam apenas “curiosidades”, mas sim, um referencial de identidade e de cultura.

Permito-me aqui, falar um pouco de mim, dos meus cadernos que no curso primário também eram de brochura, cuja capa e conteúdos eram grampeados no centro, com poucas folhas e na maioria escritos a lápis.

Sobre as capas dos cadernos, eram encapados com plásticos transparentes coloridos. E iniciar um novo ano, passear no centro da cidade e visitar a papelaria e a livraria, era um ritual que me causava muito prazer. Era nesse momento que escolheríamos a cor do plástico que seriam encapados nossos cadernos e livros. Verde, cor de rosa, amarelo, azul... Cada ano era uma expectativa. Comprar os livros, os lápis, a borracha, os estojos de lata com os lápis de cor, tudo isso era uma festa. Ao chegar em casa, a família toda se envolvia na tarefa de encapar e identificar o material escolar que iríamos usar.

Não lembro de ter usado caneta tinteiro na minha vida escolar. Fui utilizá-la quando professora da 3ª série do Colégio Farroupilha, onde introduzíamos o conteúdo didático com a

caneta tinteiro. As lembranças que me remetem a ela vêm dos cadernos de meus irmãos, que utilizavam nas séries do curso ginásial e de meu pai que era um colecionador.

Sobre meus cadernos, lembro do capricho, da letra bem traçada, da passagem da script para a cursiva, dos desenhos, enfeites e carimbos que eles continham. Durante o curso primário também tínhamos cadernos para diversas disciplinas. Os de Matemática eram quadriculados e utilizados para cálculos, tabuadas e problemas matemáticos. Aliás, a disciplina de matemática me causava certo medo. Os exercícios, principalmente as histórias matemáticas estavam sempre erradas. E a marca de correção da professora (uma irmã religiosa) era com caneta vermelha expressa com um risco (/) ou um (X) bem grande em cima da resposta errada. Na parte superior da folha do caderno o conceito atribuído pela professora era (I) de Insuficiente, (R) de Regular e (S) de Suficiente. Geralmente o conceito vinha acompanhado de uma expressão escrita “Mais atenção!” Mas como poderia eu ter mais atenção se não entendia o exercício. O conceito (I), (R) e (S) eram escritos com caneta vermelha e necessitavam da assinatura dos pais. Entretanto nas redações, exercícios de Estudos Sociais e Ciências meus conceitos de avaliação eram sempre “M.B.”, “Ótimo”, “Continue Assim”, “Parabéns”.

Lembro também dos meus cadernos de desenho do curso primário na escola de freiras em que estudei, o “Colégio São José”. Meu caderno era fino, com poucas páginas e em espiral. A capa parecia um papelão na cor cinza escuro. Antes de cada folha branca de desenho, tinha uma folha de papel de seda. Nestas folhas também desenhávamos, mas na maioria das vezes, arrancávamos estas folhas e usávamos para copiar os mapas dos Atlas e depois transpassá-los para a folha de desenho. Atrás do desenho copiado na folha de seda, riscávamos bem forte com a grafite do lápis para depois passar a caneta em cima do desenho copiado e transferi-lo como uma cópia para a folha branca do caderno.

Tenho também lembranças de situações onde a professora copiava as tarefas em nossos cadernos quando estávamos ausentes da sala de aula, por motivo de viagem, doença ou outro compromisso qualquer. Ficávamos envaidecidos quando nos deparávamos com a escrita da professora, sua letra linda, bem feita e caprichada. Essa atitude vinha carregada de afetividade e revelava que a professora se importava com a nossa aprendizagem e que a sua tarefa de ensinar estava sendo cumprida. Observávamos o capricho, o traçado da letra, o carimbo que era colocado, a figurinha d’água que era colada ou o recadinho que era escrito. Isso fazia com que sentíssemos orgulho e satisfação pelos nossos cadernos. Ficávamos tão

estimulados que nos tornávamos alunos melhores. Caprichávamos mais e realizávamos as tarefas com mais estímulo e empenho.

Com estas vivências que me fazem reportar à minha infância, e vibrando com cada caderno ou coleção que chega ao memorial, sendo por meio de doação ou achado em algum armário qualquer, me interessei em tentar compreender uma determinada época quanto à interação dos alunos e dos professores, com estes documentos que apresentam suas marcas no que tange às correções dos cadernos escolares.

1.2 A PESQUISA

Toda a pesquisa é uma reconstituição, um banco de dados, que em sua estrutura contém, supõe, conduz a uma leitura do real, não sendo apenas um guardado, um aglomerado de documentos (WERLE, 2000, p. 61).

No MCF², o acervo de cadernos é bastante significativo, portanto, meu objeto de pesquisa está voltado para as práticas educativas em cadernos escolares do curso primário no período de 1948 a 1958 em que dentro das práticas educativas, o recorte se deu nas marcas de correção da coleção de 249 cadernos escolares.

Nas marcas de correção a análise incidiu-se sobre as anotações de correção dos professores nas tarefas dos alunos, expressas por meio de frases formadas por uma só palavra ou por várias palavras e textos; os sinais gráficos, letras e signos; as imagens, aos desenhos feitos pelos professores, adesivos e carimbos. Em síntese, todas as intervenções efetuadas pelos professores nos cadernos dos alunos.

Um caderno escolar é um produto da cultura escolar, de uma forma determinada de organizar o trabalho na sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos, e dos ritmos, regras e pautas escolares. Como produto escolar, o caderno reflete a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino em que se utiliza (VIÑAO, 2006, p. 39).

Sendo os cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha, o objeto de pesquisa, parto de uma definição, pois foram eles a fonte para minha análise. Para Bluteau (1973), a palavra caderno ou *quaderno* significava quatro ou cinco folhas de papel cosidas umas com as outras. Essas folhas andavam reunidas numa pasta, em maços diferenciados,

² Sigla utilizada para Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha

formando o que se chamava um “badameco” (vade-mécum). O portfólio teria a ver, provavelmente, com esses espaços de papéis relacionáveis com as diferentes matérias em estudo.



Figura 1 – Caderno Escolar da década de 1950
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farrroupilha (2002)

O caderno escolar é uma pista privilegiada do ensino que nos leva a conhecer tanto o passado como o presente dos sistemas educativos; eles representam a pluralidade que existe nos modos de viver e ver a escola.

Tomados como escritas ordinárias³ são ego-documentos que expressam uma memória da educação escolarizada e permitem refletir sobre a cultura escolar, os saberes e práticas desenvolvidas no processo de formação de sujeitos no período de 1948 a 1958. Os cadernos produzem memórias e integram um conjunto de práticas em conformidade com um modelo, de forma prescritiva e útil (BASTOS, 2008, p. 180).

³ Sobre Escritas Ordinárias, ver HÉBRARD (2001).

Desde a segunda metade do século XIX, ocorre uma progressiva introdução dos cadernos no âmbito escolar, em substituição às folhas soltas. Eles representam o espaço gráfico adequado para conter boa parte de trabalhos, tornando-os uma fonte de utilização para seu estudo e identificando-os como objetos da cultura escolar.

Cultura escolar pode ser definida como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que concebem a aquisição de conhecimentos e habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização (JULIA, 2001, p. 10).

Sendo assim, os cadernos registram os espaços de escrita. A partir deles, percebe-se um espaço de interação entre professores e alunos – neles conseguimos ver os efeitos dessa interação, ou seja, a tarefa escolar.

Nos cadernos escolares, encontramos variadas produções manuscritas dos alunos, apresentando uma ampla diversidade de formas e modos de produção e uso. Os cadernos do curso primário, utilizados para a presente pesquisa, documentam múltiplas produções.

Nos de português, por exemplo, há cadernos específicos de gramática, ditado, redação, caligrafia e cópias; nos cadernos de aritmética, temos exemplares para exercícios com histórias matemáticas e outros para cálculo mental.

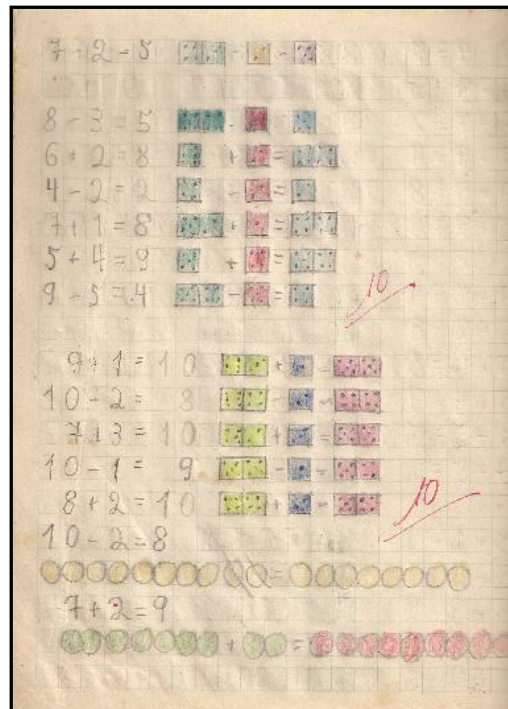
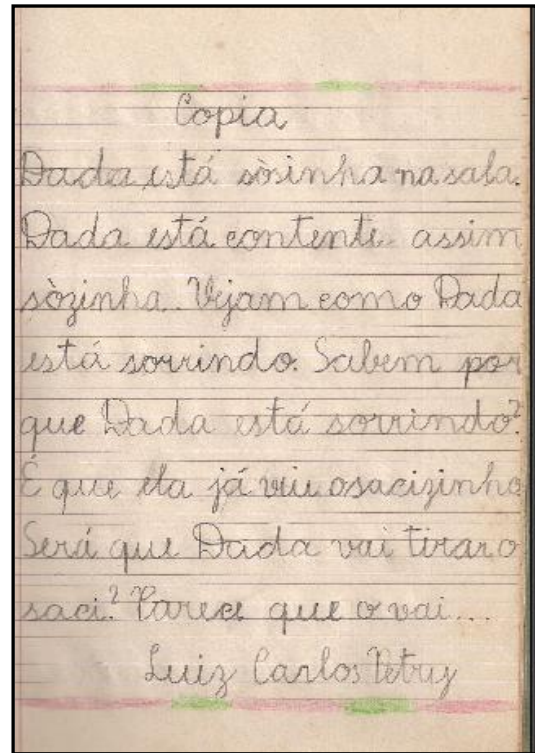
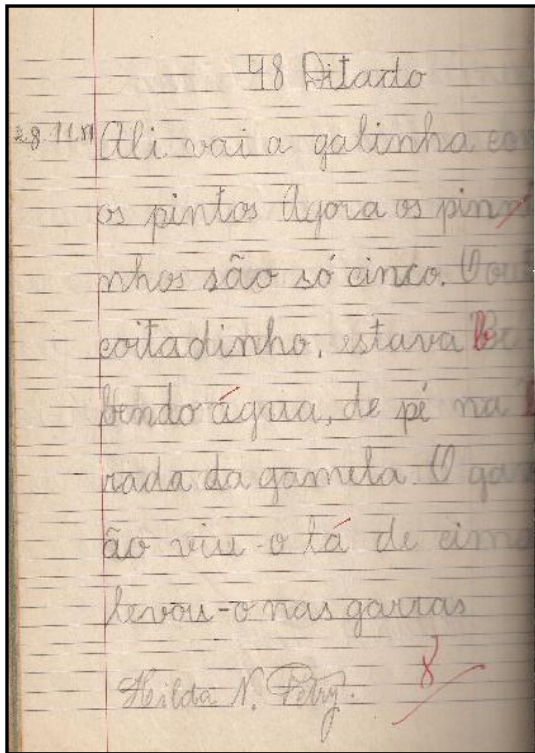


Figura 2 – Cadernos de Aritmética, Cópia e Ditado da década de 1950.
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

O corpus documental da pesquisa compreende 249 cadernos escolares do curso primário, do período de 1948 a 1958, nos quais analisei as marcas de correção dos professores, dos alunos e dos pais que ordena e classifica estes cadernos.

A partir desta análise, a investigação se baseou nas seguintes questões:

- De que forma os professores registravam a avaliação nos cadernos escolares?
- De que modo os professores se apropriavam dessa prática?
- As práticas educativas nas marcas de correção dos professores se davam: Pelas lembranças enquanto alunos? Pela interação com os outros professores? Pelos cursos de formação e capacitação?
- As marcas de correção expressam uma recorrência das práticas de correção ao longo da década analisada?

1.2.1 OS CADERNOS ESCOLARES

Os cadernos escolares são objetos tão comuns e corriqueiros no universo escolar que não nos damos conta de sua história, que se entrecruza com a história da educação. Pais, alunos, professores, diretores, supervisores, orientadores, passam por eles despreocupadamente, sem enxergar que eles “falam”.

Repletos de letras trêmulas, borrões de tintas, traços vermelhos, decalques, exercícios, frases edificantes, bilhetes, elogios e reprimendas – marcas da aprendizagem e do exercício da escrita - velhos cadernos escolares têm permanecido esquecidos em gavetas, caixas e armários. Diferentemente do que se poderia desejar, não estão preservados em arquivos escolares (MIGNOT, 2008, p. 7).

Estudos sobre os cadernos escolares, analisados em coleções ou individualmente, tem sido tema frequente para pesquisadores da história da educação. Países como Espanha, Portugal, França, Argentina e Brasil apresentam com frequência estudos e pesquisas desenvolvidas sobre cadernos escolares.

Dissertações e teses defendidas recentemente, em diversas localidades do país, bem como projetos, artigos e ensaios, têm contribuído para o enriquecimento do tema.

De acordo com Mignot (2008), os historiadores da educação, assim como os especialistas em currículo e formação de professores e os psicólogos, entre outros, preocupados em examinar o vivido na sala de aula, têm se voltado para os cadernos, que passam a ser considerados importantes objetos ou fontes de pesquisa. Um indicador dessa inflexão é a realização de alguns eventos acadêmicos que elegem o caderno escolar como

temática. Em 2006, um encontro sobre os cadernos escolares como fonte histórica reuniu investigadores espanhóis e argentinos na Universidade Nacional de Educação à Distância/UNED em Madrid.

Em setembro de 2007, ocorreu na Universidade de Macerata, Fonte Completa per la Storia delle Culture Scolastiche e dei Costumi Educativi tra Ottocento e Novecento, que congregou pesquisadores de várias partes do mundo – Itália, Suíça, França, Espanha, Portugal, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Suécia, Sérvia, Eslovênia, Rússia, China, Brasil, Bolívia, Argentina e Canadá. Esse evento teve o apoio de diversas instituições, o que expressa o movimento de profissionais de diferentes tradições disciplinares no sentido de aprofundar a análise sobre esse suporte da escrita infantil, à propaganda política contida nas capas e nos exercícios ou ao caderno como fonte de pesquisa sobre a história da edição escolar, da didática, da educação escolar e da língua.

Em 2008, no III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica em Natal (RN), ocorreu a exposição “Não me esqueça... num canto qualquer” (MIGNOT, 2008), que tomou por objeto central o caderno escolar e suas diferentes apropriações.

Também em 2008, no XIV Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisa em História da Educação – ASPHE, realizado em Pelotas (RS), houve a exposição “Cultura Material Escolar: Memórias e Identidades”, com foco nos cadernos escolares, livros e suportes da escrita.

O estudo de Bastos (2008), sobre cinco tomos de cadernos da aluna Gladis Renate Wiener do Curso Primário do Colégio Farroupilha de Porto Alegre (RS), de 1953 a 1957, detém-se no exame da materialidade do acervo, dos processos de didatização do ensino, dos conteúdos e temas abordados em cada disciplina, dos exercícios escolares e dos critérios de avaliação.

A maioria dos autores, que dedicam seus estudos sobre os cadernos escolares, preocupam-se em informar a origem dos cadernos com os quais trabalham, refletem a respeito de sua complexidade como objetos/fontes de pesquisa, discutem as dificuldades metodológicas que se apresentam durante a investigação, e apontam a necessidade de preservação desse tipo de documento da vida escolar.

Dentro do vasto campo de estudos sobre este tema a ser pesquisado, podemos dizer que cadernos são uns dos muitos objetos-memória que sobrevive em meio a outros tantos documentos que registram as miudezas ao longo do tempo. Contém a “memória

autobiográfica”, isto é, a “lembrança de pessoas, lugares, objetos, acontecimentos e sentimentos que fazem parte da vida de alguém” (KOTRE, 1997, p.14). Evocam um dos “lugares autobiográficos” cada vez mais comuns às últimas gerações: a escola⁴.

Desaparecidos dos arquivos escolares, podemos dizer que o MCF atualmente é um local onde os cadernos estão ao alcance dos historiadores, devido ao seu crescente acervo.

Dominique Julia (1993), a partir da análise da coleção do Museu Nacional de Educação de Rouen (França), considera que os cadernos constituem-se em importantes observatórios do conteúdo ensinado, permitindo examinar os usos do tempo na escola. Nesta análise, o autor destaca que os cadernos também exemplificam como a criança foi construindo o espaço gráfico, o que pode ser visto nos títulos e entretítulos e no respeito às margens e pautas, fazendo com que os cadernos muito se assemelhem aos livros.

Silvina Gvirtz (1997, p. 76-86) reconstruiu, a partir destes dispositivos mais utilizados em sala de aula, as práticas escolares desde as primeiras décadas do último século na Argentina. Sua análise evidenciou as operações mais rotineiras no cotidiano escolar que ultrapassavam as reformas educativas, as crenças pedagógicas e os momentos políticos: copiar, traduzir, selecionar, classificar, ordenar, enumerar, completar, separar (decompor), compor, relacionar, definir, analisar, resumir, redigir, operar e resolver.

Maria Del Mar Del Pozo Andrés e Sara Ramos Zamora (2003) no texto “*Los cuadernos de clase como representaciones simbólicas de la cultura escrita escolar*” (Espanha), estabelecem uma tipologia dos cadernos (tamanho das folhas, margens, etc.) a partir de sua materialidade e examinam a hierarquização dos saberes escolar e sua representação nos cadernos de classe. Analisaram o formato interior dos cadernos, trazendo importantes elementos sobre rituais e práticas cotidianas, especialmente as margens dos cadernos que deviam ser respeitadas, com a finalidade de aproveitar sempre e cada vez mais o papel, marcando o tempo e transmitindo ordem e eficácia.

Isa Cristina da Rocha Lopes (2006), privilegia em sua dissertação de mestrado, “*Memória e discurso em marcas de correção: um estudo de cadernos escolares*” (UNIRIO – Brasil), as marcas de correção em cadernos escolares, isto é, objetiva “analisá-las” como marcas discursivas da prática escolar e se são evidências de uma construção “identitária”. Na

⁴ No âmbito da historiografia da educação, Viñao (2006) ressalta que a preocupação com a memória escolar tem gerado estudos sobre a história material e social das instituições educativas, a criação e expansão de museus escolares, a organização de exposições que objetivam conservar, catalogar, e estudar o patrimônio educacional.

coleção de cadernos eleitos para sua análise, a autora remete um olhar atento para certo e errado, verdadeiro e falso, anotações, bilhetes, elogios e admoestações, isto é, para práticas avaliativas presentes na cultura escolar.

Ferreira e Vechia (2009) apontam no artigo “*Cadernos escolares: revelando a doutrinação da infância pelo regime militar – 1964/1985*”, publicado na Revista Educação em Questão, que o caderno escolar tem sido considerado como uma das fontes mais profícuas para a compreensão da constituição do currículo, bem como para o estudo da transmissão das ideologias e valores na escola.

Segundo Hébrard (2001), o caderno escolar cumpre, também, o importante papel de “apresentar” o trabalho escolar para a família servindo como objeto de controle que ordena o espaço e o tempo do trabalho na escola. Sobre isso, vamos encontrar nos cadernos, sempre a participação dos pais com a sua assinatura ou rubrica, para marcar que “ele viu” e tomou conhecimento do trabalho do seu filho.

Sobre este tópico “*Marcas de correção em cadernos escolares*”, referenciais teóricos de Foucault (2003), Hébrard (2001), Gvirtz (1999) e Mignot (2000) foram fundamentais para embasar meu estudo sobre estes documentos de memória.

Nessa direção é que temos compreendido o estudo dos cadernos escolares e procurado, a partir do acervo destes documentos do Memorial, problematizar aspectos significativos das práticas educativas do curso primário no que diz respeito às marcas de correção e à sua tipologia.

No sentido de buscar subsídios metodológicos que embasassem as marcas de correção busquei apoio nos Manuais de Pedagogia e Metodologia do Ensino Primário da década de 1940 e 1950, que ofereciam aos professores, diretrizes e métodos sobre o ensino nas escolas.

Estes manuais de Pedagogia e Metodologia do Ensino Primário tinham como objetivo atender à lei orgânica do ensino normal que fazia da Metodologia do Ensino Primário uma das matérias básicas das Escolas Normais, como também completar a série de compêndios sobre psicologia e pedagogia que eram escritas para os candidatos ao magistério primário e secundário em nosso país.

Destinado aos alunos das escolas normais e dos institutos de educação, estes livros possuíam uma estrutura sintética e elementar, muito embora reunissem em suas páginas todos os problemas da moderna metodologia pedagógica.

Estes manuais procuravam resumir e sistematizar os ensinamentos metodológicos dos melhores autores nacionais e estrangeiros. Seu único objetivo era auxiliar modestamente, os jovens que, neste momento, se preparam para a tarefa dignificante de educar as novas gerações brasileiras.

Ao iniciar a análise destes documentos, primeiramente separei os cadernos por anos escolares. Dos cadernos existentes no MCF, escolhi aqueles que pertenciam ao Curso Primário e que continham o maior número de exemplares no acervo. Portanto os cadernos escolhidos pertenceram a duas meninas e dois meninos da década de 1940 e 1950.

A partir disso, fiz um levantamento do número de cadernos de cada disciplina que estavam contemplados para este estudo.

A próxima etapa se referiu à identificação dos sinais, símbolos e frases encontrados nestes cadernos e que se referiam às marcas de correção.

Através de tabelas e quadros fui fazendo o registro das marcas de correção encontradas nos 249 cadernos escolares destes alunos do curso primário, como também o número de vezes que eles eram registrados pelas professoras e algumas vezes pelos próprios alunos.

Também verifiquei junto aos cadernos, o nome das professoras que lecionaram e que deixaram suas marcas de avaliação, como também, o instrumento utilizado para realizar o registro, no caso a caneta com tinta na cor vermelha ou lápis de cor vermelho.

Outro aspecto analisado foi a escrita dos cadernos com caneta tinteiro, ora com tinta azul, ora com tinta preta.

Juntamente à identificação das marcas de correção encontradas nos cadernos escolares, analisei a tipologia destes documentos. Que tipo de cadernos eram utilizados, suas capas, folhas quadriculadas, linhas simples, linhas de caligrafia, etiquetas de identificação, emprego dos frisos ao término das atividades escolares.

No trabalho com os cadernos é importante ter-se em conta que, por um lado, revelam indícios de práticas, demonstram escolhas e opções teóricas e metodológicas das professoras, concepções de língua e ensino, mas por outro, possuem limitações enquanto objeto-fonte de investigação, uma vez que, eles não dizem tudo do cotidiano da sala de aula, das professoras e dos alunos. Nem tudo que se passa em sala de aula é registrado.

2. LÓCUS DA PESQUISA

2.1 O COLÉGIO FARROUPILHA DE PORTO ALEGRE/RS

O Colégio Farroupilha é uma instituição tradicional de Porto Alegre (RS/Brasil). Foi fundado por imigrantes alemães e é mantido até hoje pela Associação Beneficente e Educacional de 1858.

Entre os imigrantes alemães e seus descendentes, muitos se encontravam em difícil situação econômico-financeira, provavelmente por não terem encontrado de início um “*Richtigen Anschluss*” (um contato adequado) na nova pátria ou por terem fracassado seus primeiros empreendimentos em terras rio-grandenses. Nesses casos, não haveria para quem apelar. Não se tratava somente de casos de assistência social, mas também, de colocação de empregos e de orientação profissional para início de uma nova atividade. Evidentemente, na época, inexistia de parte do Governo uma “Secretaria do Trabalho” para preencher a tal lacuna. Dessa maneira, os alemães e seus descendentes, teriam de lutar sozinhos, sem nenhum órgão a lhes indicar um caminho a seguir (TELLES, 1974, p. 27)⁵. Nesse sentido, a ABE, cujos membros não apresentavam esta situação econômica- financeira difícil, talvez tenha sido a pioneira em Porto Alegre, no auxílio a atividades profissionais.



Figura 3 - Primeiros Sócios da Sociedade Beneficente Educacional.
Fonte: Memorial De *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha (2002).

⁵ Leandro Telles foi ex-aluno do Colégio Farroupilha em 1945, onde cursou a 4ª série ginásial. Na obra *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha* (1958/1974), o autor se consagra um memorialista quando narra a história da instituição, onde se evidencia o seu envolvimento afetivo com a própria história narrada.

Em 21 de março de 1858, foi realizada a reunião de fundação do “*Deutscher Hilfsverein*” (Sociedade Benficiente Alemã ou Sociedade Alemã de Beneficência). Naquela Porto Alegre provincial, da metade do século XIX, um grupo de senhores da colônia alemã fundava uma entidade assistencial, que introduziria muitas inovações para a época (TELLES, 1974, p. 28).

No ano de 1875, pela primeira vez, aparece o interesse da Sociedade na organização de uma escola. Em 1886, a Associação inicia as atividades educacionais, em salas alugadas nas dependências da Comunidade Evangélica, sob o nome de “*Knabenschule des Deutschen Hilfsverein*”, com 70 meninos, um diretor e dois professores. As instalações ficavam à esquerda do templo evangélico da Rua Senhor dos Passos. Estendia-se da frente aos fundos, onde se prolongavam para a direita, formando um “L”.

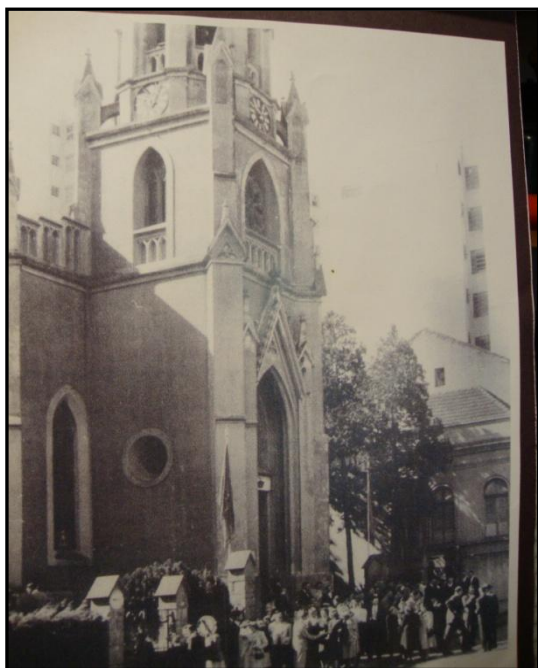


Figura 4 - Escola da Comunidade Evangélica – Salas Alugadas
Fonte: Memorial De *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha (2002).

O jornal *Koseritz' Detsche Zeitung*, em 03 de março de 1886, publica a seguinte notícia sobre o início das atividades da escola:

A escola do Hilfsverein foi aberta segunda-feira. Às nove horas da manhã muitos pais com os filhos se reuniram no edifício da escola a fim de entrega-los ao recém fundado educandário. O senhor Balduin Röhrig, na sua qualidade de Presidente do Hilfsverein e do Conselho escolar usou da palavra, pronunciando uma longa alocução em que acentuou, principalmente, que com o início dessa escola uma lacuna, existente há muito tempo, era preenchida; agradeceu a todos que se

interessaram por ela, notadamente ao Cônsul Hellwig, que também se encontrava presente, pelos esforços desenvolvidos para alcançar o objetivo. Em seguida, o Sr. Diretor Gerlach também pronunciou uma longa oração dirigida aos pais presentes e às crianças, em número de quase 70. O Sr. Diretor Gerlach apresentou de maneira clara e compreensível seus pontos de vista e objetivos, e expressou a esperança de haver uma harmonia constante entre ele e seus colegas a fim de alcançar o destino almejado; também solicitou aos pais de andarem de mãos dadas com os professores e de cuidarem para que no recesso dos lares reinasse uma ordem e costumes severos. Depois de visitadas as espaçosas instalações do estabelecimento, a reunião se dissolveu (apud TELLES, 1974, p. 51).

Em 1895, surge a sede própria da Escola de Meninos da Associação, conhecida como “Velho Casarão”, localizada na Rua São Raphael, atual Av. Alberto Bins, local em que atualmente se situa o Hotel Plaza São Rafael, permanecendo lá por 67 anos.



Figura 5 - Primeira Sede Própria da Escola Alemã
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002).

O jornal Gazeta da Tarde, de 03 de setembro de 1895, publica nota sobre a inauguração do prédio especial construído para abrigar a escola:

A festa alemã – Como havíamos noticiado realizou ontem, às 10 horas da manhã, com grande concorrência, a inauguração do edifício da Escola da Sociedade de Beneficência Alemã. A colônia allemã se achava quase toda ali representada por varias de suas associações. Vimos representantes da imprensa, encarregado do consulado allemão e innumerados convidados. Na ocasião da solemnidade da inauguração do edificio uzou da palavra o Sr. Carlos Huber, presidente da Sociedade de Beneficência Alemã, expondo os motivos da festa. Em seguida fallaram os Srs. Walmarath (sic) e representante do consulado allemão. Muitos outros cidadãos se fizeram ouvir, sendo os convidados fartamente osequiados. Às 2 horas da tarde, em frente ao edificio da Sociedade Germânia formou um grande préstito composto de todas as sociedades allemãs desta capital, que encorporadas e precedidas de 2 bandas de musica se dirigiram ao Clube de Atiradores onde se conversaram até às 6 horas da tarde, quando foi dissolvido o prestito. Durante os festejos houve a maior

ordem e entusiasmo, deixando em todos a melhor impressão (apud TELLES, 1974, p. 65).

Em 1904, por reconhecer que as meninas também necessitavam de uma formação escolar, a Sociedade Alemã, funda a “*Mädchenschule*” (Escola para Meninas), nas salas alugadas da Comunidade Evangélica.



Figura 6 - Primeiras turmas de Meninas da Escola Alemã - 1906
Fonte: Memorial De *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha (2002).

No ano de 1929, por sugestão do Diretor Kramer, a Sociedade Alemã decide unir, rapazes e meninas, formando turmas mistas, a partir da reunião das escolas da Comunidade Evangélica e do edifício da Rua São Raphael. Nesse ano, a escola passa a ser identificada com o nome de “*Deutschen Hilfsvereinschule*”.



Figura 7 - Turmas Mistas da Escola Alemã – 1929
Fonte: Memorial De *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha (2002).

Em 1934, o colégio adota a denominação de “*Hindenburgschule*” (Escola Hindenburg), em homenagem ao octogenário presidente da República Alemã, Mal. Paul Von Hindenburg, que falecera a 02 de agosto, em agradecimento ao apoio financeiro recebido da nação alemã (HOFMEISTER, 1986, p. 35).

Em 1936, o Diretor Kramer cogita a instituição de um ginásio, devido ao crescimento da escola e das necessidades da comunidade. A instituição passou a ser denominada “Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha”.

No ano de 1937, ocorre o golpe de Estado que institui o “Estado Novo”, pelo presidente da República Getúlio Vargas. Inicialmente foram abolidos os partidos políticos, as bandeiras e os hinos de todos os Estados. Por decreto, foram suprimidas as eleições. O “Estado Novo” iniciou uma forte campanha de nacionalização nas escolas e sociedades alemãs. Iniciou uma fiscalização intransigente a fim de que o mundo cultural germânico fosse incorporado à cultura brasileira. Todas as sociedades alemãs se encontravam sob intervenção e só podiam realizar reuniões mediante licença da Polícia⁶.

Quanto à escola, esta sofreu grandes mudanças, pois a campanha de nacionalização fora mais forte que a própria instituição. O “Ginásio Teuto-Brasileiro Farroupilha” teve a sua denominação simplificada para “Ginásio Farroupilha”.

Mesmo atingindo o currículo escolar com a proibição do idioma alemão nas aulas, a alteração do número de aulas diárias e a regulamentação dos feriados e das férias, determinado pelo Governo, a escola continuou a receber apoio para seu funcionamento. Nesse momento, o governo queria demonstrar que seu propósito era colaborar para a elevação do nível cultural da juventude, principalmente como um dever de consciência para com a memória dos pioneiros, que haviam fundado a escola (HOFMEISTER, 1986, p. 42).

Em 1949, o Diretor Álvaro Difini encaminhou ao Ministério da Educação e Saúde a solicitação para concessão do funcionamento do curso colegial.

A Portaria nº. 423, do Ministério da Educação dizia o seguinte:

“O Diretor de Ensino Secundário, resolve:
Art. 1º - Conceder autorização para funcionamento condicional do curso colegial do Colégio farroupilha, com sede em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, nos termos do Art. 13 da Portaria 375, de 16 de agosto de 1949.

⁶ Sobre o Estado Novo e a Nacionalização do Ensino no RS, ver GERTZ, BOEIRA e GOLIN (2007). BASTOS (2005).

Art. 2º - A denominação do estabelecimento de ensino secundário de que trata o Artigo passará a ser COLÉGIO FARROUPILHA.
Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1949
Haroldo Lisboa da Cunha – Diretor” (HOFMEISTER, 1986, p. 55).

Portanto, o sonho se tornava realidade: o Ginásio se transformava em colégio, com três ciclos. Os alunos não necessitavam mais ir para outros estabelecimentos: teriam instrução completa dentro do próprio educandário. A velha escola que começou modestamente nas salas da Comunidade Evangélica, adquiria cada vez mais importância.

No ano de 1950, a Escola Técnica de Comércio (ETC) iniciou suas atividades com 32 alunos matriculados. Era uma escola de ensino comercial de 2º Grau e, por decreto recente do Presidente da República, o diploma de formação em curso comercial dava o direito de ingresso em qualquer faculdade (TELLES, 1974, p. 153).



Figura 8 - Turma de Alunos de 1961 da Escola Técnica de Comércio
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002).

Em 19 de março de 1928, o Presidente da ABE convocou uma reunião extraordinária da Diretoria. A ordem do dia era a compra de uma área de terras com 560 metros de frente por 1200 de fundos, situada no “Caminho do Meio” (atual Av. Protásio Alves).

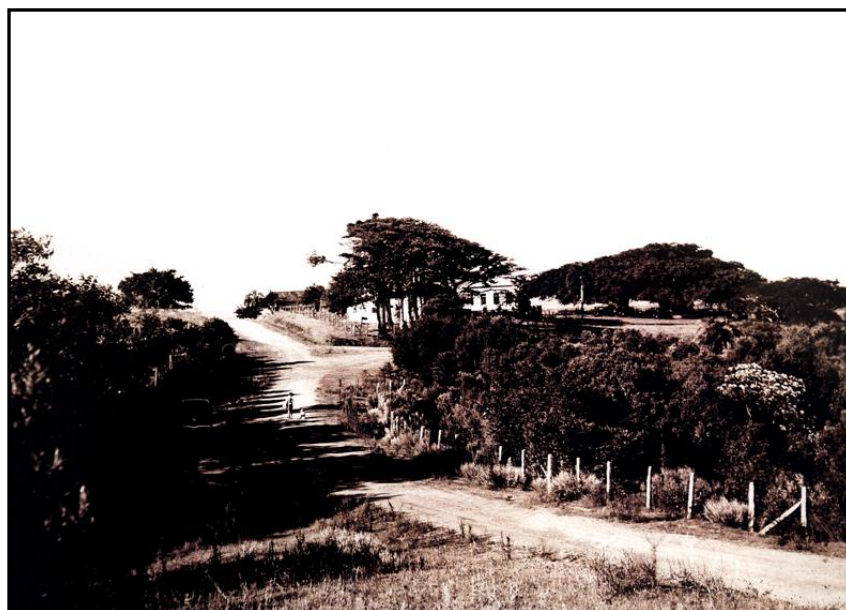


Figura 9 - Chácara Três Figueiras – década de 1930
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002).

Em 1953, o loteamento adquirido nas Três Figueiras já se achava servido pela rede elétrica. O bairro, então, começava a se desenvolver.

O Sr. Egon Renner⁷, no ano de 1956, concretizou a velha aspiração: a decisão em construir o novo prédio no terreno adquirido nas Três Figueiras.

O projeto do novo prédio previa a construção de três pavilhões, destinados ao Curso Primário, Ginásio, Colegial e aos serviços de administração escolar. Também dois salões de ginástica, com separação para meninas e meninos, um auditório proporcional, Jardim de Infância, pátio amplos, tanto ao ar livre como cobertos estavam previstos.

Em 1958, a ABE completa cem anos de existência. Diversas solenidades marcaram o centenário, como o culto evangélico e missa no curso primário, com comemoração solene.

De 1950 a 1959, o Curso Primário da Escola contou com um total de 7.146 alunos (isso num edifício cuja capacidade total era de 600 alunos) e a Diretora era a Sra. Vilma Gerlach Füncke, cuja gestão foi de 1948 a 1966.

Na tabela abaixo, pode-se verificar o número de alunos matriculados nas cinco séries do Curso primário da Escola, no período de 1948 a 1958.

⁷ Sr. Egon Renner – Presidente da Associação Beneficente e Educacional no período de 1956 a 1965.

Ano Escolar	Número de Alunos
1948	507
1949	?
1950	639
1951	668
1952	713
1953	732
1954	753
1955	772
1956	721
1957	711
1958	721

Quadro 1 – Número de alunos matriculados no Curso Primário (1948 a 1958)
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Nos relatórios da Mantenedora e do Colégio Farroupilha, de 1949 e 1955, consta o corpo docente do curso primário e a denominação de professores regentes e professores sem regência ou professores especializados.

Professores Regentes:

Ano Escolar	Classe	Professores Regentes
1949	1ª A	Alice Elisabeth Carolina Íris Dreher
1949	1ª B	Lia Mostardeiro
1949	1ª C	Suely Santos Maraninchi
1949	2ª A	Lory Hajek Noll
1949	2ª B	Maria Carmen Baños Delgado
1949	2ª C	Yedda Kionka Sander
1949	3ª A	Emma Falkenhof Moreira
1949	3ª B	Lília Maria Periera Duro
1949	3ª C	Maria Antônia Pires
1949	4ª A	Emma Falkenhof Moreira
1949	4ª B	Genny Luiza de Castilhos Ribeiro
1949	4ª C	Irene Marta Fischer Petrik
1949	5ª B	Edith Gerlach Lemmertz
Total	14	14

Quadro 02 – Professoras regentes do Curso Primário no ano de 1949
Fonte: Periódico “Das Band” de 1950

Professores sem regência:

Ano Escolar	Professores sem regência	Disciplinas
1949	Alice Fortes	Desenho
1949	Ena Nelly gerlach	Coro
1949	Gisela Hoechner	Ciências e Geografia
1949	Hans Alois Früstöckl	Educação Física
1949	Jacinta Menna Barreto Silveira	Trabalhos Manuais e Religião Católica
1949	Lilian Fritscher	Educação Física
1949	Wilhelm Karl Weihmann	Religião Protestante
1949	Armando Capra	Prefeito de disciplina
Total	08	08

Quadro 03 – Professores do Curso Primário sem regência - 1949
Fonte: Periódico “Das Band” de 1950

1955

Professores Regentes:

Ano Escolar	Classe	Professores Regentes
1955	1ª A	Íris Dreher
1955	1ª B	Lia Mostardeiro
1955	1ª C	Renée Fürstenau Diefenbach
1955	2ª A	Vera Elisabeth Reimer
1955	2ª B	Lory Hajek Noll
1955	2ª C	Maria Carmen Bãos Delgado
1955	3ª A	Maria Antonia Pires
1955	3ª B	Vera Fedosow
1955	3ª C	Zilá Schmitz
1955	3ª D	Theresinha orsi
1955	4ª A	Irene Marta Fischer Petrik
1955	4ª B	Geny Luiza de Castilhos Ribeiro
1955	4ª C	Emma Falkenhoff Moreira
1955	5ª A	Jurema de Almeida
1955	5ª B	Hedwig Schlatter Pieper
1955	5ª C	Edith Gerlach Lemmertz
Total	16	16

Quadro 04 – Professoras regentes do Curso Primário no ano de 1955
Fonte: Periódico “Das Band” de 1956

Professores Especializados:

Ano Escolar	Professores Especializados	Disciplinas
1955	Alice Fortes	Desenho
1955	Ana Maria Guedes	Educação Física (feminino)
1955	Armando Capra	Prefeito de Disciplina
1955	Ena Nelly Gerlach	Canto Coral e Música
1955	Erica Miriam Kern	Educação Física (feminino)
1955	Hans Alois Früstöckl	Educação Física (masculino)
1955	Jacinta Menna Barreto Silveira	Trabalhos Manuais e Religião Católica
1955	Miréia Gimenez Alves	Desenho
1955	Pastor Godofredo Guilherme Boll	Religião Protestante
Total	09	09

Quadro 05 – Professores Especializados do Curso Primário sem regência - 1955
Fonte: Periódico “Das Band” de 1956

No ano de 1959 inicia a construção do novo educandário no Bairro Três Figueiras e em 1962, acontece a sua inauguração⁸.

Atualmente, o colégio abrange três unidades na cidade de Porto Alegre (sede na Rua Carlos Huber, Condomínio Terra Ville e Unidade Ten. Cel. Correia Lima) e oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Escola de Instrução Militar.

2.2 O MEMORIAL DE DEUTSCHER HILFSVEREIN AO COLÉGIO FARROUPILHA: um acervo a ser pesquisado

Os museus estão entre os locais que nos proporcionam a mais elevada ideia do homem (ANDRÉ MALRAUX⁹).

⁸ Sobre a construção do novo prédio, ver JACQUES, ERMEL (2009).

⁹ André Malraux (1901-1976) – Escritor francês de assuntos políticos e culturais. Participou ativamente da resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial.

Os museus são janelas, portas e portais; eles poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro; eles políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e instituições (CHAGAS; STORINO, 2007, p. 61).

Para compreendermos a história de uma instituição precisamos adentrar no seu passado, a fim de analisarmos os diferentes momentos que foram construídos e sua repercussão na educação, na sociedade e na história de cada indivíduo. Portanto, é necessário, neste momento, penetrar no espaço - O Memorial *De Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha.

O Memorial é um espaço de memória do Colégio Farroupilha, e localizado na Rua Carlos Huber, 425, Bairro Três Figueiras. Este lugar de memória foi fundado em 05 de junho de 2002 e guarda, em seu acervo, cadernos escolares, documentos da escola, fotografias de alunos, professores, livros didáticos, boletins, convites de formaturas, uniformes, caneta tinteiro, mata-borrão, instrumentos de laboratórios, máquinas de fotografias, computadores, mimeógrafos, gravadores, etc, que fazem parte da história da escola e de sua Mantenedora, a Associação Beneficente e Educacional de 1858.

Aberto à comunidade escolar, o espaço tem por finalidade preservar e divulgar a história dessa instituição, que se destaca pela tradição, ressaltando a importância da preservação e da divulgação da ABE/1858 e do Colégio Farroupilha. Seu acervo é de grande importância para a História da Educação, permitindo aos pesquisadores uma imersão nos arquivos existentes. Trata-se de um rico acervo que oferece múltiplas possibilidades de fontes de pesquisa.

O Memorial ocupa uma sala no andar térreo, promove exposições históricas, culturais e artísticas no saguão de entrada da escola, e está aberto à visitação pública. O espaço destinado ao Memorial é uma sala bastante espaçosa, e conserva uma quantidade significativa de documentos. Outros materiais como fotografias de turmas, instrumentos musicais e classes escolares estão guardados numa sala do segundo andar do prédio administrativo e que atualmente serve de reserva técnica do memorial.

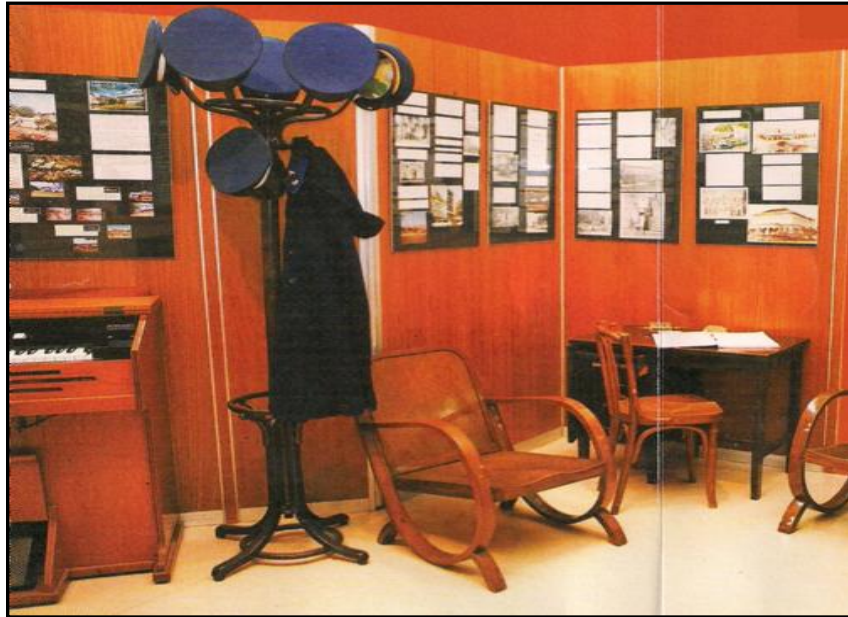


Figura 10 - Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Em abril de 2011, o Memorial ampliou seu espaço físico com o aumento de mais duas salas. Com isso, os objetos e a mobília que compõem o acervo foram distribuídos de forma mais organizada, oportunizando a criação de uma sala de aula, podendo retratar o ambiente escolar da antiga escola. Na sala de aula, contamos com a classe escolar, o quadro de giz, a mesa da professora, a lousa, os cadernos dos alunos, as cartilhas, a caneta tinteiro, a tinta azul Royal, o globo e alguns quadros de turma e dos laboratórios nas paredes.



Figura 11 – Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2011)

Sobre o início do Memorial, procurei quais seriam as referências para que pudesse montar o espaço. A organização do acervo partiu de um trabalho anterior realizado por Lia Mostardeiro, professora que atuou durante cinquenta anos na instituição como alfabetizadora, que arquivou e organizou álbuns e fotografias que estavam dispersas¹⁰. A seguir, percorri as trilhas do “arquivo inativo¹¹” da ABE e do Colégio, de onde selecionei outros materiais, objetos e documentos para compor o Memorial, com o objetivo de preservar e divulgar a memória da instituição (ALMEIDA; BASTOS; JACQUES, 2008).

Para a estruturação do Memorial, visitei os museus do Colégio Americano e do Colégio Sinodal, de São Leopoldo, que me serviram como referência para a organização do espaço.

Os materiais foram separados, higienizados e restaurados. A etapa seguinte foi classificar, catalogar, registrar e arquivar o acervo existente.

Arquivar a memória é como entrar em sótãos e porões, geralmente, a parte mais interessante dos velhos casarões, ainda que esses casarões estejam apenas em nossa imaginação. Reúnem a maior variedade de artefatos culturais, nada refugam, tudo podem receber. Organizam-se desorganizadamente, aparentemente, sem neuroses nem traumas, numa riqueza em que os modismos são postos de lado, as diferenças são aceitas e respeitadas. Tais artefatos podem ser periodicamente recuperados e causar admiração pela atualidade que sua antiguidade não apagou, ou pelo ensinamento que sua futilidade pode apresentar. Tudo depende de quem remexe essas coisas empoeiradas: se alguém com olhos para ver, sentir e aprender ou alguém voltado para a imediatez do seu tempo. Não que os novos tempos não contenham a possibilidade de sabedoria. Mas essa se constrói sobre um lastro de passado de cuja solidez depende a construção do contemporâneo (SCHÜTZ, 1994, p.7)

É com essas perspectivas que pretendo adentrar no Memorial e falar do acervo deste espaço de memória. Ele está ordenado e organizado de acordo com um sistema de registro, por letras e números, em cadernos e em pastas com as fichas de registro de doação e as de tombamento, que descrevem o material, facilitando sua localização nos armários e gavetas. As letras correspondem a todos os materiais escritos (Quadro 1). Os números correspondem aos demais materiais (Quadro 2). Para cada número tem uma gradação em cores para

¹⁰ Sobre a professora Lia Mostardeiro, ver ALMEIDA (1999).

¹¹ O Arquivo Inativo contém toda documentação dos setores da escola, Recursos Humanos, Tesouraria, Secretaria, ABE. Contém cadernos de chamada desde 1895, periódicos, atas, cadernos de chamada, etc.

identificação do objeto catalogado. Também tem outros cadernos vinculados ao Memorial: um caderno de retirada e empréstimo de materiais e outro de agendamento de visitas (ALMEIDA; BASTOS; JACQUES, 2008).

Catálogo do acervo por letras.

LETRA	DESCRIÇÃO
A	Revistas dos alunos;
B	Revistas informativas;
C	Jornais e boletins informativos;
D	Revistas sem vínculos com a escola;
E	Moedas, selos, cédulas monetárias;
F	Cartões, cartas, bilhetes;
G	Relatórios; contratos de compra e venda da escola;
H	Convites: formaturas, confraternizações, festas escolares, homenagens, etc.;
I	Flâmulas, distintivos, botons, etiquetas de cadernos, cartões postais, medalhas, troféus, placas, etc.;
J	Plantas do prédio da escola;
K	Hemeroteca (recortes de jornais);
L	Pastas variadas: livros de frequência, pastas de comemoração de datas significativas, relatórios de todas as gestões e setores da escola, materiais doados;
M	Uniformes escolares desde 1929;
N	Carimbos;
O	Correspondências, regimentos escolares;
P	Caixa com negativos de fotos;
Q	Cadernos escolares de aluno, desde 1895;
R	Boletins escolares, históricos escolares, estatutos, marco referencial da escola;
S	Documentos variados;
T	Partituras musicais;
U	Jogos didáticos;
V	Materiais doados;
X	Urnas dos alunos da primeira série, organizadas quando plantam uma árvore no bosque da sede de Viamão, que será aberta na terceira série do Ensino Médio;
Z	Álbuns da 2ª série sobre a história da escola e do bairro;

Quadro 06 – Materiais pertencentes ao Memorial

Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Catálogo do acervo por números.

NÚMEROS	DESCRIÇÃO
1 - 99	Máquinas de gabinetes;
100 - 199	Material de escritório;
200 - 299	Máquinas fotográficas, projetores, filmadoras;
300 - 399	Material de informática;
400 - 499	Aparelhagem de Telecomunicações; Pense Bem;
500 - 599	Fotos e álbuns;
600 - 699	Agendas escolares, cadernos de deveres;
700 - 799	Materiais de Artes, Trabalhos Manuais;
800 - 899	Materiais da sala médica;
900 - 999	Materiais diversos (xícaras, copos com logotipo, etc.);
1000 - 1099	Livros;
1100 - 1199	Livros didáticos;
1200 - 1299	Livros em alemão;
1300 - 1399	Aparelhagem do laboratório de física
1400 - 1499	Aparelhagem e instrumentos do laboratório de química;
1500 - 1599	Aparelhagem e instrumentos do laboratório de biologia;
1600 - 1699	Mobiliário;
1700 - 1799	Materiais do laboratório de matemática;
1800 - 1899	Slides

Quadro 7 – Materiais pertencentes ao Memorial

Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Também compõem o acervo do Memorial, os seguintes itens:

1. Mobiliário e objetos escolares: classes, cadeiras, mesas, escrivaninhas, quadro de giz, lousa de ardósia, armários, relógios, harmônio, orquestrina, discos de vinil, acordeon;
2. Recursos de ensino: episcopio, projetor de slides, filmadoras, máquinas fotográficas, máquinas de escrever, máquinas de calcular, computadores, instrumentos dos laboratórios (física, química, biologia, matemática), instrumentos musicais, planisférios, globos, mapas;
3. Material de aluno: cadernos escolares do Curso Primário e do Curso Ginásial, estojo de lápis de cor, canetas de pena, canetas tinteiro, tinta, lápis, cartilhas escolares, livros didáticos;

4. Fotografias de turma, de professores, de eventos da escola, flâmulas, taças, correspondências, convites de formatura em quadros, álbuns, envelopes;
5. Periódicos do Colégio: *Das Band* – 1929-1939, *Clarim*, órgão do Ginásio Farroupilha – décadas de 1950 e 1960, *O Farroupilha* – 2003, até os dias de hoje;
6. Livros didáticos variados;
7. Uniforme escolar; antigos desde 1229 quando foram adotados e atuais;
8. Uniformes esportivos usados pelos alunos nas competições escolares;
9. Outros periódicos: Revista do Globo, Correio do Povo, Zero Hora, Manchete, etc.

O acervo não se esgota na sua materialidade, mas necessita ampliar seus horizontes, em busca dos atores sociais – alunos, professores, funcionários, pais, fotógrafos, arquitetos, engenheiros -, que deram forma e corpo à história dessa instituição.

Pela importância desse espaço e pelo acervo existente sobre a instituição, o Memorial é um espaço de memória¹², onde encontramos um vasto campo para pesquisa. Alunos da graduação e pós-graduação procuram o acervo com muita frequência para explorar o acervo existente.

Nas últimas décadas, espaços como estes que revelam e preservam indícios da história das instituições escolares a partir da exposição, divulgação e preservação de materiais da cultura escolar, tem despertado interesse, curiosidade e desejo por parte dos pesquisadores da História da Educação.

¹² Segundo Halbwachs (1990, p.143) espaço é uma realidade que dura. O espaço é aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. Ele deve ser compreendido como lugar, paisagem e território, que estão estreitamente ligadas à memória e também à identidade.

3. OS CADERNOS ESCOLARES DO CURSO PRIMÁRIO COMO OBJETOS DE ESTUDO

CADERNO NOVO

Poucas sensações na vida se comparam ao prazer de escrever as primeiras letras na primeira folha de um caderno novo, lembra? Sentir, por trás da primeira folha, o firme volume das outras. Todas vazias, limpas, intocadas, expectantes, curiosas. Quem manejaria a pena ou o lápis nº 2 que encheriam suas pautas? Um gênio ou um burro, um asceta ou um relaxado? Era um momento simbólico, o caderno esperando para conhecê-lo e você, recém-chegado das férias, fazendo um juramento silencioso diante da sua primeira página: este ano, vou caprichar. Vou ser um aluno exemplar, vou ser digno dos meus cadernos.

Alisando a página – depois de cheirá-la bem, claro – e pensando em como era, afinal, a sua vida ali, aberta na sua frente, esperando para você fazer dela o que decidisse. As férias tinham ficado para trás, era a hora da seriedade, do compromisso. Minha vida será clara, ordenada e bonita como a minha ortografia. Minha vida não terá borrões ou folhas que precisarei arrancar e jogar fora antes que alguém as veja. Minha vida, não terá bonecos desenhados nas margens, nem grandes espaços desperdiçados com batalha naval ou esboços de bilhetes amorosos, jamais mandados, ou com o time ideal para o Colorado, ou as aventuras eróticas do Capitão Cacete. Minha vida será um caderno impecável até a última folha. Meu caderno será perfeito até a última pauta. Quando eu terminar com ele, doarei ao Museu Nacional do Bom Aluno, para inspirar as gerações futuras. Você hesitava antes de fazer a primeira letra da primeira palavra, lembra? Fazia um pequeno floreio. Ficava indeciso: uso luva branca? Não, bobagem. Novo floreio. E começava a escrever. Como se fosse um texto medieval e você, naquela idade, um monge de meticulosidade.

O cuidado durava duas, três páginas. Quatro no máximo. Na segunda semana de aula você já estava usando as folhas para limpar as mãos sem tirar do caderno. Mas naquele primeiro momento você era um virtuoso, e o caderno novo era o seu cetro, e o mundo e o ano letivo se ofereciam a sua conquista como caminhos iluminados. (VERÍSSIMO, 1991)

Escolhi a crônica “*Caderno Novo*” de Luís Fernando Veríssimo (1991) para iniciar o capítulo que se refere à análise dos cadernos escolares. Esta crônica foi me entregue pela professora Ingrid Schulze¹³

Ingrid foi aluna do Velho Casarão de 1948 a 1956 e seu número de matrícula era 693. Ingressou no Curso Primário e estudou até a 4ª série do Curso Ginásial, também foi professora de Educação Artística da 5ª série do 1º grau.

Anos mais tarde, desligou-se da sala de aula e foi responsável pelas atividades do Serviço de Audiovisual da Escola.

¹³ Ingrid nasceu na cidade de Porto Alegre, no dia 02 de outubro de 1941. É filha de Sven Robert Schulze e Lora Schulze, ambos de nacionalidade brasileira e de religião evangélica. Seu pai, já falecido, era comerciante de profissão. Foi Diretor da Escola Técnica de Comércio Farroupilha no período de 1950 a 1953.

Neste setor, Ingrid arquivava, com muito capricho, zelo e organização, diversos materiais pedagógicos que serviam de recursos para as aulas dos professores. Também guardava e conservava com muito carinho, fotografias, álbuns e lembranças relativas às memórias da escola.

Quando seu setor foi extinto, muitos materiais foram para o Memorial da Escola. E foi numa pasta com vários papéis, que encontrei esta crônica de Luís Fernando Veríssimo sobre “*Caderno Novo*”. E foi a partir dela que me inspirei para iniciar a análise do meu objeto de estudo nesta pesquisa.

A crônica de Luís Fernando Veríssimo fala da sensação de prazer em escrever nas primeiras páginas do caderno. Desejamos desde o primeiro contato, fazer das primeiras páginas as mais importantes. Caprichamos na letra, no traçado, nos desenhos. Muitos sentimentos desencadeiam dentro de nós, quando iniciamos um caderno novo. Nossos sonhos se materializam nas páginas iniciais dos cadernos escolares.

Esse contato com as primeiras páginas dos cadernos é mágico e único na vida escolar de cada um de nós. Chegamos a fazer promessas de que todas as páginas dos cadernos serão preenchidas com a mesma dedicação e desempenho das primeiras. Planejamos a cor da caneta que iremos usar, o lápis com a ponta bem feita, a borracha branquinha para não deixar manchas nem borrões e o lápis de cor ou canetinha que produzirá o melhor efeito no trabalho.

Parece que as primeiras páginas do caderno desencadearão um ano de melhor desempenho nas tarefas escolares. Ele marca o início de um novo momento na vida de cada de nós, de sorte nos estudos e de um desempenho escolar bem sucedido.

A partir deste início triunfal, teremos a impressão de que seremos alunos exemplares.

Mas, passados alguns dias, aquelas folhas mágicas, não estarão mais preenchidas com tanto capricho e dedicação. Esses devaneios e desejos só são demonstrados no início das primeiras folhas do caderno.

O caderno não é mero suporte físico, pelo contrário é um dispositivo que gera efeitos na dinâmica da sala de aula, através da interação dos alunos e professores na realização da tarefa escolar; além de um instrumento fortemente normatizado e ritualizado que contempla em sua estrutura, o conhecimento do aluno e sua avaliação (PORTO; PERES, 2009, p. 2).

Ao retratar o acervo do MCF desejo salientar a importância e relevância desses documentos, afirmando a partir desta pesquisa, que eles são um suporte da escrita escolar e que devem ser valorizados.

No acervo do Memorial, os cadernos escolares apresentam-se como documentos que registram as miudezas da cultura escolar, ao longo do tempo.

O Memorial possui um acervo significativo de cadernos escolares, que desde a sua criação se tornaram objetos de grande valor para a pesquisa. Muitos deles foram achados em reservas técnicas da escola, armários de professores e outros foram doados pela comunidade (ex-alunos, ex-professores da escola). A maioria desses cadernos pertence ao período de 1940 a 2000.

Os cadernos escolares destinados à pesquisa compreendem o período de 1948 a 1958. Os autores destes cadernos são Elisabeth Pfeifer (1958); Erico Winfried Wickert (1948 a 1951); Luiz Carlos Petry (1951 a 1954) e Gladis Renate Wiener (1955 a 1957).

Elisabeth Pfeifer



Figura 12 – A aluna Elisabeth Pfeifer
Fonte: Álbum das cartinhas escritas à Diretora Vilma Funck (1958)

Nasceu em 20 de março de 1951 na cidade de Porto Alegre/RS. Filha de Heinrich Jacob Hugo Eduardo Pfeifer e de Elisabeth Ramminger Pfeifer. O pai era bancário e brasileiro naturalizado, a mãe do lar, de nacionalidade alemã. Ingressou na escola no ano de 1958, na 1ª série do curso primário e seguiu seus estudos até o ano de 1964, na 2ª série do Curso Ginásial. Seu número de matrícula era 602.

Erico Winfried Wickert

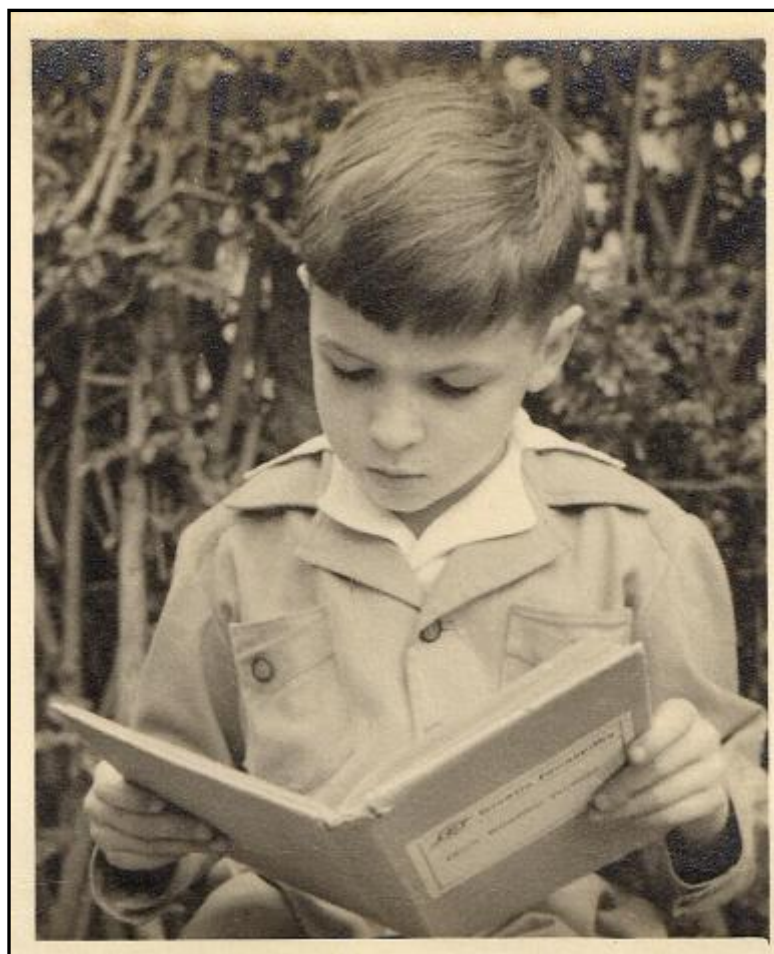


Figura 13 – O aluno Erico Winfried Wickert
Fonte: Álbum das cartinhas escritas à Diretora Vilma Funck (1948)

Nasceu em 24 de julho de 1941 na cidade de Porto Alegre/RS. Filho de Wolfdietrich Wickert e Gerda Wickert. O pai era fotógrafo e a mãe do lar. Ambos tinham nacionalidade

alemã, mas naturalizados brasileiros. Foi aluno da escola no curso primário, ginásio e científico. Seu número de matrícula era 09.

Luiz Carlos Petry



Figura 14 – O aluno Luiz Carlos Petry
Fonte: Álbum das cartinhas escritas à Diretora Vilma Funck (1951)

Nasceu em 31 de janeiro de 1945 na cidade de Montenegro/RS. Filho de Alfredo Alvício Petry (1900/1990) e Hilda Noll Petry (1908/1987). O pai era industrialista e a mãe do lar. Ambos tinham nacionalidade brasileira. O pai, de religião católica. Além de Luiz Carlos, o casal teve uma filha de criação, já falecida.

O processo de escolarização de Luiz Carlos começou no curso primário, no Colégio Farroupilha em 1951. Foi aluno da escola de 1951 a 1962. Seu número de matrícula era 104.

Gladis Renate Wiener

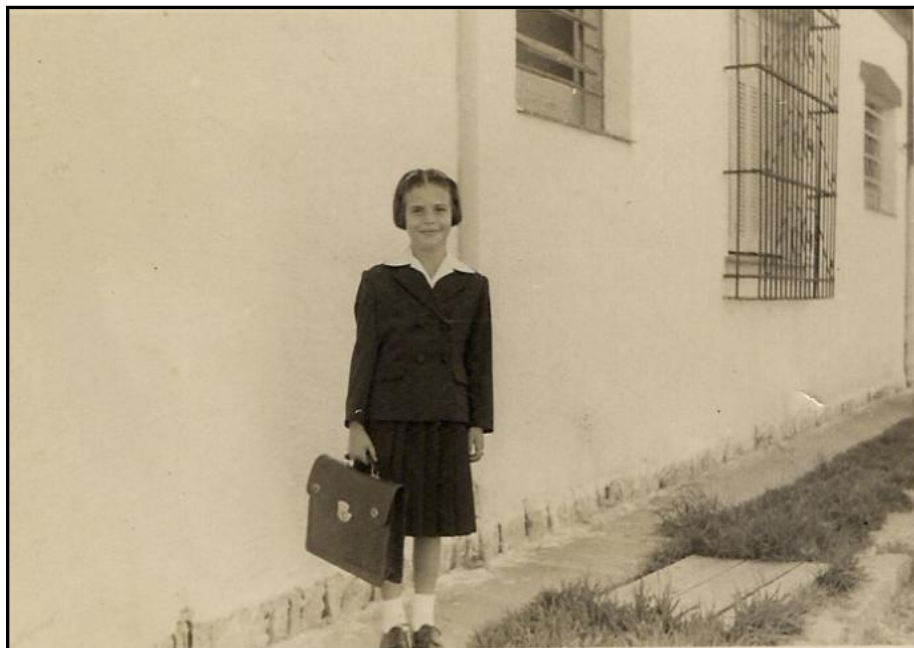


Figura 15 – A aluna Gladis Renate Wiener
Fonte: Álbum das cartinhas escritas à Diretora Vilma Funck (1953)

Nasceu em 13 de fevereiro de 1946 na cidade de Porto Alegre/RS. Filha de Kurt Wiener e Ellen Neu Wiener. O pai era comerciante e a mãe do lar. Gladis estudou no Colégio Farroupilha no período de 1953 a 1961 onde frequentou o Curso Primário e o Curso Ginásial. Seu número de matrícula era 628.

Na tabela abaixo, estão os cadernos escolares que fizeram parte do estudo e da análise das marcas de correção, bem como o nome dos autores deste objeto de pesquisa.

Série	Cadernos/Disciplinas	Elisabeth Pfeifer	Erico Winfried Wickert	Luiz Carlos Petry	Gladis Renate Wiener	Total
1ª	Aritmética	03	03	06	05	17
	Caligrafia	04	01	07	02	14
	Cópia	01	-	02	02	05
	Desenho	-	02	06	01	09
	Ditado	-	-	03	03	06
	Diário	-	-	02	-	02
	Diário do Aluno	-	-	01	-	01
	Português	-	-	-	09	09
Total	08	06	27	22	63	
2ª	Aritmética	-	-	06	06	12
	Caligrafia	-	-	01	01	02
	Ciências	-	01	01	01	03
	Desenho	-	02	03	03	08
	Deveres	-	-	01	02	03
	Ditado	-	02	02	02	06
	Geografia	-	01	01	01	03
	Gramática	-	-	06	04	10
	História	-	01	01	01	03
	Meu Diário	-	-	01	02	03
Redação	-	01	-	-	01	
Total	-	08	23	23	54	
3ª	Aritmética	-	-	05	09	14
	Caligrafia	-	-	01	01	02
	Ciências	-	-	01	01	02
	Desenho	-	01	02	02	05
	Deveres	-	-	01	03	04
	Ditado	-	-	03	03	06
	Geografia	-	-	01	01	02
	História	-	-	01	02	03
	Meu Diário	-	-	01	01	02
	Português	-	-	05	06	11
	Redação	-	01	02	01	04
Total	-	02	23	30	55	
4ª	Aritmética	-	-	03	04	07
	Ciências	-	-	01	01	02
	Desenho	-	-	02	-	02
	Deveres	-	-	02	03	05
	Ditado	-	-	01	01	02
	Geografia	-	-	01	02	03
	Gramática	-	-	07	02	09
	História	-	-	01	01	02
	Música	-	-	02	-	02
	Português	-	-	-	02	02
	Redação/Cópia	-	-	02	01	03
	Redação	-	01	-	-	01
Total	-	01	22	17	40	
5ª	Aritmética	-	-	01	03	04
	Caligrafia	-	-	-	-	-
	Ciências	-	-	01	01	02
	Desenho	-	-	03	02	05
	Deveres	-	-	03	-	03
	Ditado	-	-	01	01	02
	Geografia	-	-	02	02	04
	Gramática	-	-	03	05	08
	História	-	-	03	02	05
	Meu Diário	-	-	-	-	-
	Música	-	-	-	02	02
	Português	-	-	-	-	-
	Redação	-	-	01	01	02
Total	-	-	18	19	37	
Total Geral	08	17	113	111	249	

Quadro 8 – Número de cadernos analisados e nome dos alunos autores dos cadernos (1948-1958)

Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Na tabela seguinte, estão citadas as professoras que lecionaram no Curso Primário cujos cadernos foram analisados.

Alunos	Professoras	Classe	Ano Escolar
Elisabeth Pfeifer	Lia Mostardeiro	1ª B	1958
Erico Winfried Wickert	Íris Dreher	1ª A	1948
	Lory Hajek Noll	2ª A	1949
	Hedy S. Pieper	3ª B	1950
	Genny Luiza Ribeiro	4ª C	1951
Luiz Carlos Petry	Lia Mostardeiro	1ª B	1951
	Maria Carmem Delgado	2ª C	1952
	Zilá Schmitz	3ª A	1953
	Genny Luiza Ribeiro	4ª B	1954
	Edith Lemmertz	5ª C	1955
Gladis Renate Wiener	Íris Dreher	1ª A	1953
	Maria Carmem Delgado	2ª B	1954
	Zilá Schmitz	3ª C	1955
	Irene Petrick	4ª C	1956
	Hedy S. Pieper	5ª A	1957

Quadro 9 – Nome das professoras do Curso Primário (1948-1958)
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Na tabela acima relativa às professoras, evidenciamos que Lia Mostardeiro, lecionou na 1ª série do curso primário para dois alunos cujos cadernos foram analisados. São eles: Elisabeth Pfeifer e Luiz Carlos Petry. E, Erico Winfried Wickert e Gladis Renate Wiener, foram alunos da professora Íris Dreher.

Nos cadernos corrigidos pela professora Lia Mostardeiro vamos encontrar sempre as mesmas marcas de correção. As notas expressas em números (10,0; 9,5; 8,0, etc.), conceitos como (M.B.; Bom); Certo (C); Visto (V); Erro (/); carimbos, figurinhas coladas e frases escritas como por exemplo: “*Sabes fazer mais bonito!*”

As marcas de correção da professora Lia, estão registradas com caneta vermelha nos cadernos destes alunos.

Nos cadernos corrigidos pela professora Íris Dreher, as marcas de correção também foram realizadas com caneta vermelha e expressas em forma de notas (10,0) ou conceitos (M.B)

3.1 TIPOLOGIA DOS CADERNOS

As capas dos cadernos padronizadas revelam fotografias do universo escolar, pois preserva um acervo da memória da escola e das práticas educativas e escolares (BASTOS, LEMOS e BUSNELLO, 2007, p.50).

Os cadernos escolares têm uma história de produção, circulação e usos. Assim, há toda uma tipologia de cadernos escolares, desde o formato, dimensões, disposições dos espaços gráficos, capa, etiqueta de identificação, número de páginas, frisos¹⁴, os diferentes tipos de linhas e quadriculados, margens de diferentes espessuras, que tem a ver com as orientações ideológicas da teoria pedagógica. Os cadernos também podem ser utilizados somente para um tipo de atividade, exercício ou disciplina; especiais (caligrafia, cálculo, desenho, redação, cópia, deveres de casa, etc.).

Os 249 cadernos escolares analisados, apresentam tamanho pequeno medindo 16cm x 23cm. Alguns deles possuem 13 folhas, outros 16. Todos eles são de brochura¹⁵, grampeados no meio.

Apresentam capas na cor azul cinzenta. Esta cor era uma marca desta época. Todos os cadernos apresentam uma etiqueta branca de identificação colada na capa ou impressa pela tipografia.

A etiqueta branca colada na capa do caderno apresenta o logotipo da escola impresso: uma peninha desenhada com o GF (Ginásio Farroupilha) na cor azul marinho ou CF (Colégio Farroupilha). Na etiqueta era inserido o nome do aluno, a série, o número de matrícula, e em algumas vezes o nome da disciplina.

¹⁴ Frisos: ornamentos, diagramas decorativos, faixas simples com elementos retilíneos realizados no término das atividades nos cadernos escolares. Surgiram na década de 1930, como conteúdo específico de Desenho.

¹⁵ Brochura: folheto, cadernos, livro de pequenas dimensões, revestido com capa de papel ou cartolina colada ou grampeada na lombada.

Outros cadernos apresentam uma etiqueta branca com identificação impressa da *Casa Krahe Ltda – Livros Escolares Livros em Branco – Tudo para as aulas – Pôrto Alegre – Rua dos Andradas 1519.*

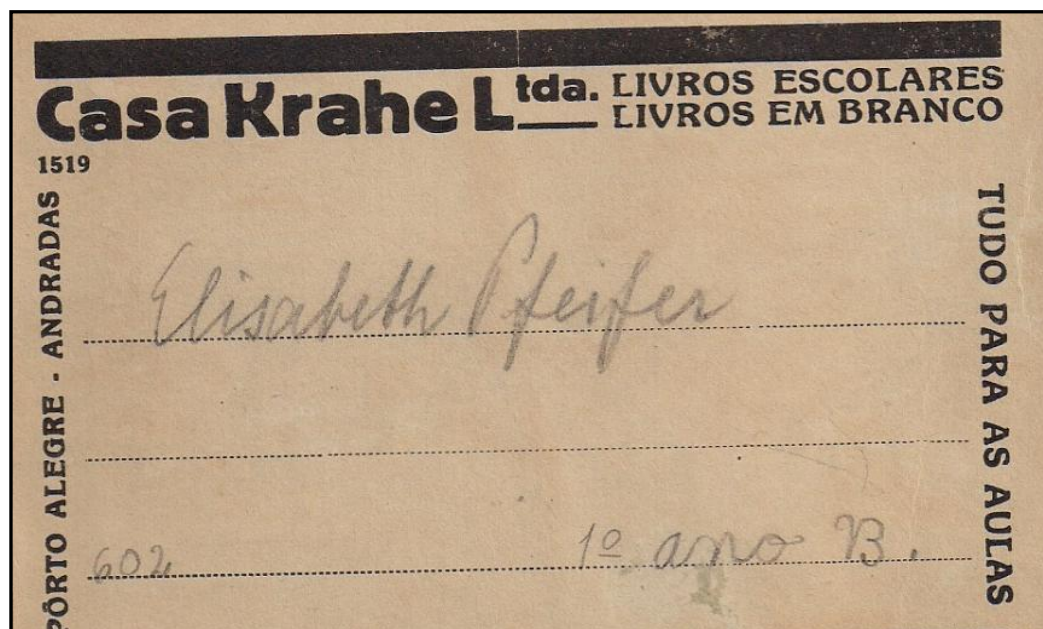


Figura 16 – Tipologia dos Cadernos Escolares
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Aparece também em algumas capas de cadernos uma etiqueta impressa da *Tipografia Mercantil de Porto Alegre - Rua Dr. Flores, 76 – Telefone 4398.*

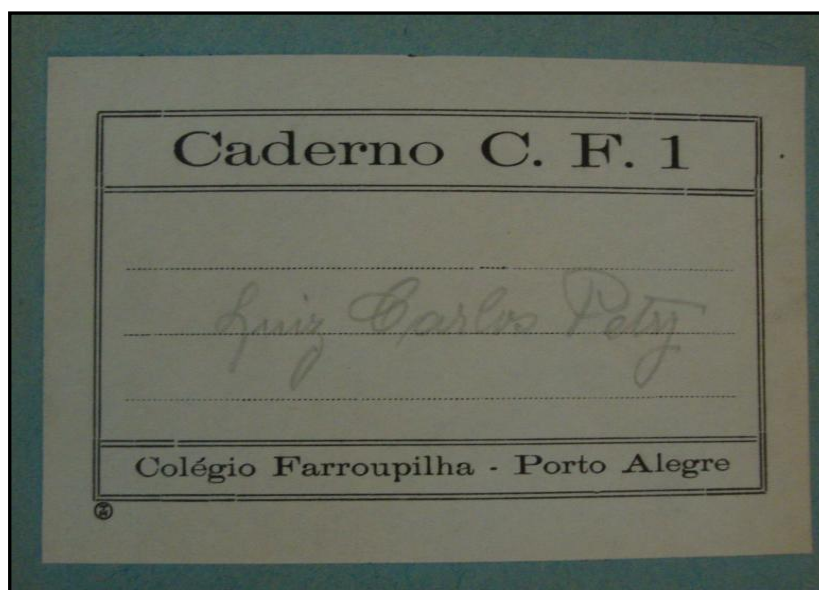


Figura 17 – Tipologia dos Cadernos Escolares
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002).

Os de desenho não possuem pautas nem quadriculados. São folhas brancas, sem linhas e específicas para atividades de desenho.

Quanto aos frisos presentes no caderno, eram feitos em diversas cores e estilos diferentes. Muitas vezes a professora fazia no quadro negro e os alunos copiavam, outras vezes os alunos criavam seus próprios motivos e desenhos na realização deles. Também tinham a liberdade de usar a cor que mais lhes agradavam no momento. Com exceção dos frisos feitos durante a Semana da Pátria, onde a professora solicitava que fossem feitos com as cores da Bandeira do Brasil, verde e amarelo.

A maioria dos cadernos da 1^a, 2^a e 3^a série apresenta desenhos livres ou contextualizados com as tarefas trabalhadas em aula. Os cadernos de desenho da 4^a e 5^a série apresentam conteúdos de Geometria: classificação de linhas, ângulos, figuras geométricas, estudo das cores. O caderno é representado com conteúdos escritos e desenhos. Não há presença de marcas de correção.

Os cadernos de Aritmética são quadriculados. Alguns apresentam quadrinhos medindo 0,7cm x 0,7cm; cada linha quadriculada é separada por uma linha fina medindo 0,2 cm x 0,7 cm. Outros, apresentam linhas quadriculadas medindo uma linha 0,5cm, uma linha de 1,0cm e mais uma linha de 0,5, e cada quadrinho 0,5cm x 0,5 cm separado por uma linha fininha de 0,2cm.

Os cadernos de Português, Ditado, Redação, Cópia e Caligrafia também são de brochura, apresentam as mesmas etiquetas coladas ou impressas e suas linhas são duplas.

Os cadernos de Ciências, História e Geografia apresentam linhas simples.

Nos cadernos de Elizabeth, seu nome está escrito nas etiquetas com caneta tinteiro e também a lápis.

Os cadernos de Erico são impecáveis. Sua letra é bem feita, legível e apresenta desenhos feitos por ele com muita criatividade e desempenho.

A coleção de cadernos das cinco séries pertencentes a Luiz Carlos está encadernada na cor verde escuro. Na primeira página de cada coleção está anexado o boletim de cada série correspondente. Cada caderno possui na sua capa a etiqueta padrão da escola, constando o nome do aluno escrito a lápis ou em caneta tinteiro.

Os cadernos de Gladis também compreendem uma coleção de cinco volumes. Cada volume corresponde ao conjunto de cadernos da série estudada. Na primeira página de cada volume está anexado o boletim de notas da aluna.

Nesse sentido, esse conjunto de caracteres tipográficos encontrados nos cadernos escolares, exigia o manejo de certas normas, que são de relevância entre o que se pode denominar como saberes escolar.

A definição de um mesmo tipo de capa e de caderno para todos os alunos, talvez tivesse como objetivo garantir certa uniformidade entre os cadernos de uma mesma classe, série ou escola.

3.2 AS MARCAS DE CORREÇÃO NOS CADERNOS ESCOLARES

Como é bom ser estudioso
Ir ao quadro e escrever bem
Receber os caderninhos Cheios de 10,0
Muito bem

Professora Renée F. Diefenbach - álbum de cartinhas dos alunos do Curso Primário/1954

O caderno escolar é um suporte de escrita portador de marcas de quem ensina e de quem aprende. Além de ser um testemunho do trabalho escolar, seu conteúdo é público e a conservação das informações ao longo de um período letivo, permite que a família e outros agentes educativos como supervisores, coordenadores, diretores tenham acesso a essa produção. Torna-se, portanto, uma evidência incontestável do que ocorre no interior da sala de aula. Pelo caderno, o supervisor pedagógico tanto controla o registro do diário de classe quanto observa se e de que modo os conteúdos estão sendo trabalhados e, ainda, como os alunos têm assimilado ou não esses conteúdos. Por meio dele também a família tem a oportunidade de acompanhar a rotina escolar e avaliar como seu filho se apropria das atividades.

El control de la escuela sería no solo ni fundamentalmente sobre personas sino sobre el trabajo de estas personas. Lo enseñado por el docente es el principal objeto a ser controlado. A su vez, las formas de ejercicio del control estarían fuertemente pautadas. No se controlaría cualquier cosa ni de cualquier manera. El cuaderno es tanto instrumento de la vigilancia, en tanto instrumento que facilita el cuidado intensivo sobre el proceso de enseñanza y aprendizaje (GVIRTZ, 1997, p. 54).

No que se refere ao caderno escolar, pode-se pensar que há, de fato, diferentes vozes presentes e se manifestando a partir de diferentes lugares sociais: o professor apresenta um conteúdo didático, conteúdo esse definido segundo referenciais curriculares elaborados nas diversas instâncias do ensino. O aluno interage com esses conteúdos e produz também seus próprios significados. Portanto, o caderno tem a função de comunicar a produção da sala de aula, nesse sentido, seus registros se dirigem também a outros interlocutores como pais e profissionais do processo educativo. Isso significa dizer que esses outros também dialogam com o conteúdo dos cadernos uma vez que também manifestam suas posições sobre os registros ali presentes. Chartier (2002, p.25), define o caderno escolar como um dispositivo escritural: em primeiro lugar porque todo dispositivo é dispositivo de controle e funciona como uma estratégia de dominação, seja pela técnica, seja por um procedimento de saber. Em segundo lugar, porque a maior parte dos dispositivos é sem autor, o que significa dizer que surgem experiências comuns, de práticas sociais que se tornam naturais. É necessário que se torne uma prática constante e estável de modo que esses esquemas se transformem em habituais, rotineiros e naturalizados. Nos cadernos escolares, uma das maneiras de se avaliar a execução das atividades se expressa através da correção. A correção é uma tarefa pela qual o professor mantém controle sobre o registro do aluno e, para essa tarefa, ele utiliza determinadas marcações com significados próprios. Os alunos, ao longo do ano, também se apropriam dessas marcas e passam a utilizá-las nas correções coletivas.

O caderno é uma escrita ordinária, não foi feito para ser preservado. Comumente são guardados pelos afetos que os cercam. E que cadernos são guardados? Aqueles impecáveis, imaculados, caprichados e com marcas de correção positivas. O conjunto de cadernos utilizados para a análise são aqueles que foram preservados e que não apresentam cicatrizes, de crianças, que são de uma classe privilegiada, cujas mães tinham tempo de cuidar e se dedicar aos filhos.

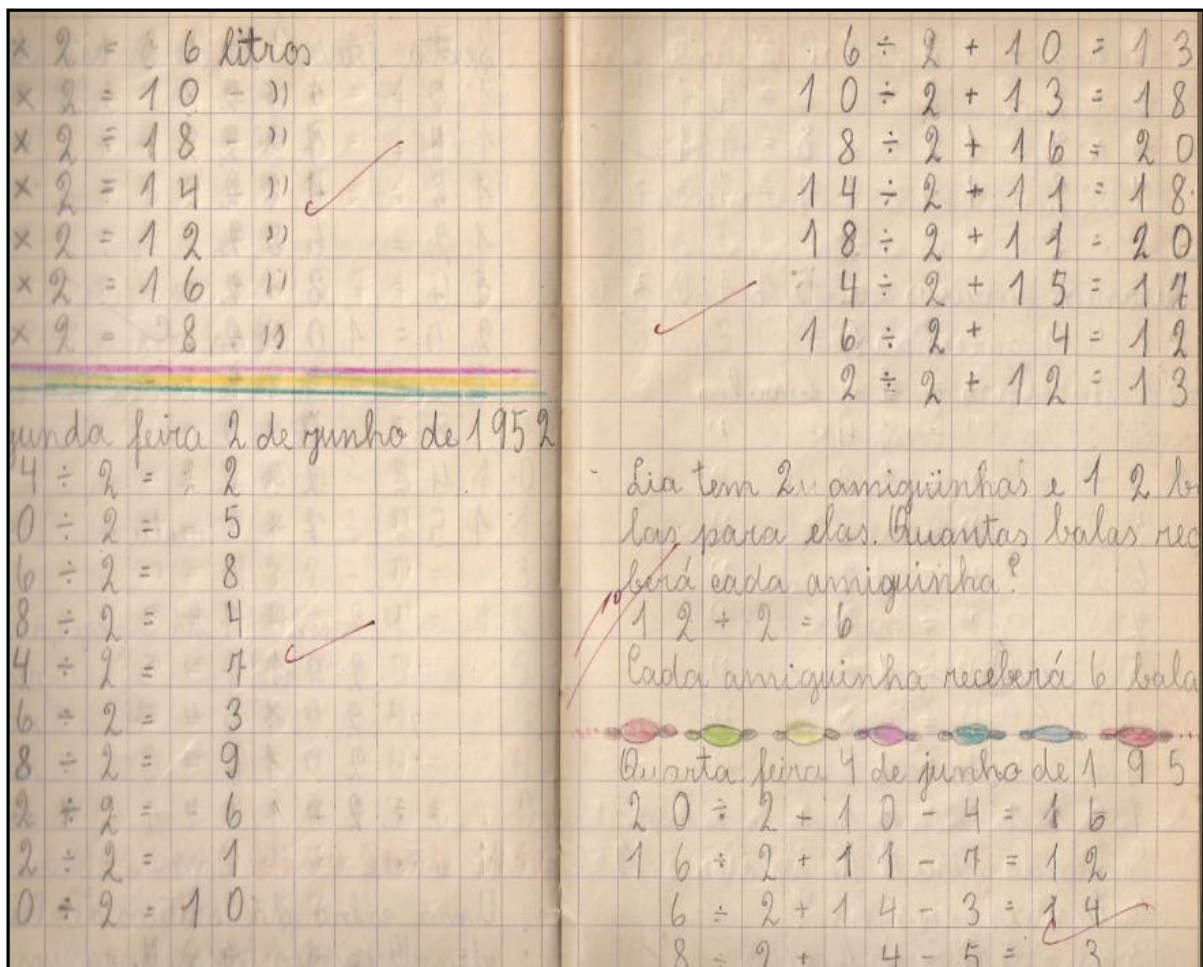


Figura 18 – Marcas de Correção nos Cadernos Escolares
 Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

A rubrica do professor e a letra “V” empregado sentido de “Visto”¹⁶, sugerem que a atividade foi vista e/ou lida e, em geral, são escritos no lado externo da margem esquerda e em diagonal.

¹⁶ A palavra visto no dicionário Aurélio significa acolhido, aceito, considerado, reputado. Declaração de autoridade num documento, para validá-lo, significando que foi examinado, verificado e achado conforme.

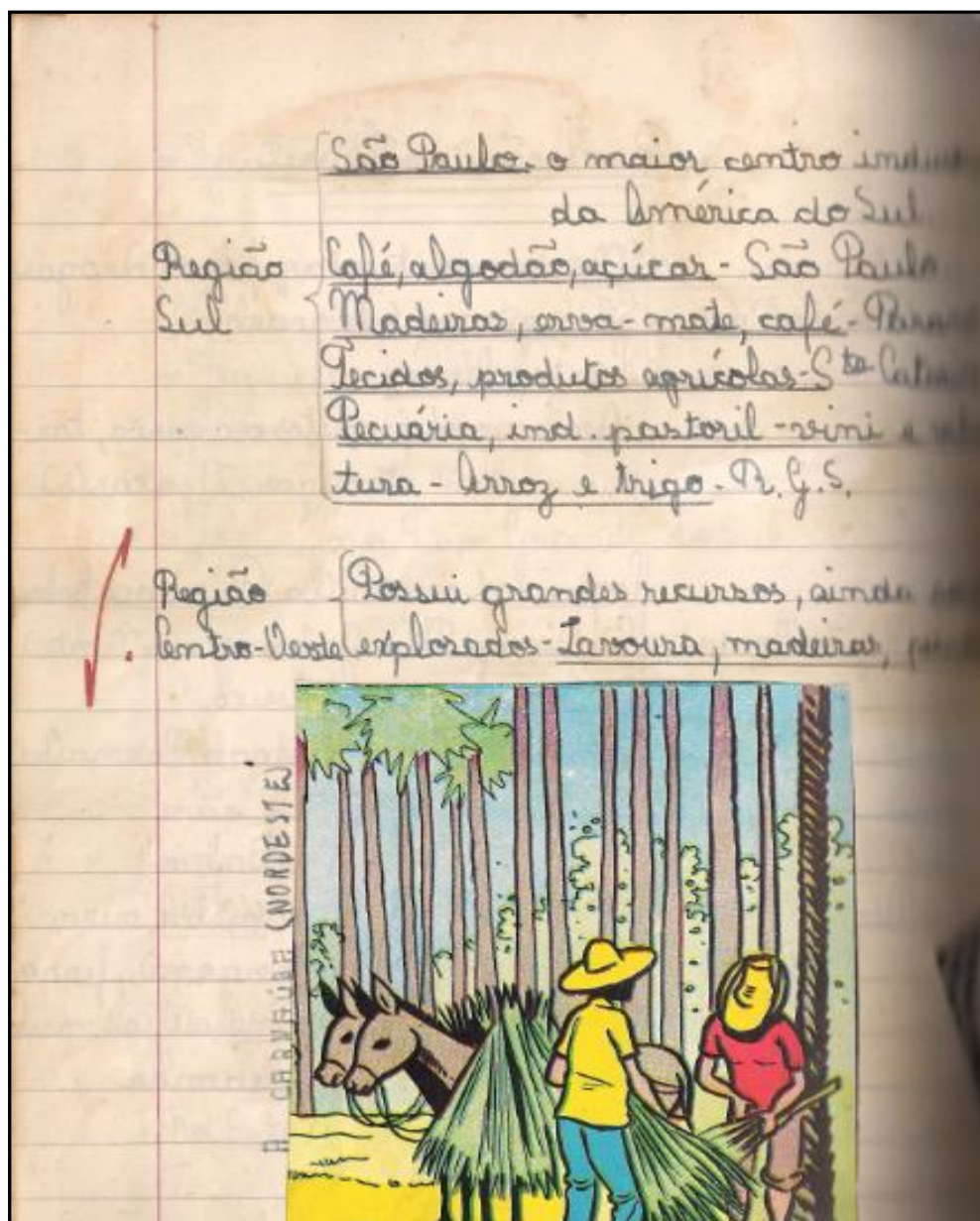


Figura 19 – Marcas de Correção nos Cadernos Escolares
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

As anotações e bilhetes escritos pelo professor expressam expectativas que se transformam em pareceres que não se referem, exclusivamente, à produção acadêmica do aluno, mas também ao contexto relacional professor-aluno. A presença mais ou menos regular de frases que manifestam um predomínio emocional é reforçada pelo uso constante do ponto de exclamação ou, ainda, pelo uso do advérbio “que”, conferindo maior intensidade a esses enunciados. Essas frases em geral, expressam alegria, entusiasmo, elogio, uma ordem ou a necessidade de atenção, como nos exemplos abaixo:

<i>Parabéns!</i>	<i>Muito Bom!</i>
<i>Que lindo!</i>	<i>Cuidado!</i>
<i>Mais atenção!</i>	<i>Cuide da letra!</i>
<i>Que feio!</i>	<i>Maravilhoso!</i>
<i>Mais capricho!</i>	<i>Bom trabalho!</i>

Essas marcas revelam-se como discursos das instituições de ensino, porque se tornam índices qualificadores das atividades e parecem requerer uma aprendizagem específica. Os alunos talvez aprendam a significação dessas marcações pelo uso sistemático e, absorvidas cotidianamente.

As ideias transmitidas por meio das palavras, das marcações e das imagens estabelecem significados no contexto de uma correção e tornam-se parte dessa cultura. Sua presença regular e a homogeneidade no uso, talvez, se mantenham pelo mesmo princípio que fundamentam a organização gráfica do caderno escolar, pois, a cada ano letivo parece se manter com discretas variações, o que talvez reforce seu caráter de tradição. Se as marcas podem, muitas vezes, ser as mesmas, atravessadas pelo tempo, pelos novos professores e novos alunos, elas também, como afirma Mariani (1998, p.31), “reorganiza-se continuamente ao serem atravessadas pela posição discursiva dos narradores (os professores) que já foram ouvintes e (foram alunos) em outro momento”.

Portanto, as anotações presentes nas folhas dos cadernos se entrecruzam com as atividades de ensino e de aprendizagem revelando as interações que se estabelecem entre alunos e professores. Assim, os cadernos escolares, “expressam” as práticas do discurso escolar, pois seu conteúdo é uma produção da escola. Gvirtz (1999) analisa a diferença entre práticas discursivas escolares e práticas discursivas pedagógicas:

A referência a práticas discursivas escolares está explicitamente mencionada para diferenciá-las de outro tipo de práticas discursivas, de práticas discursivas pedagógicas. As primeiras se distinguem dessas últimas quando se considera que são produções da escola e as segundas seriam produções sobre a escola, ou seja, conformariam metadiscursividades e, portanto, seriam práticas discursivas (as pedagógicas) que se referem a outras práticas discursivas. O estudo de cadernos escolares de classe refere-se, sem dúvida, a práticas discursivas escolares (GVIRTZ, 1999, p. 15).

Ao analisar as marcas de correção, percebe-se que elas desempenham uma tarefa relevante e rotineira no cotidiano de professores e alunos. Ao realizar a correção, o professor acompanha se o aluno copiou certo para assim, obter indicadores para construir determinados conhecimentos e prosseguir na construção de sua aprendizagem.

Os cadernos escolares foram e são instrumentos de introdução e aculturação na escrita de sucessivas gerações escolares. Neles, estão presentes, diversos exercícios e atividades gráficas que se encontram habitualmente em quaisquer cadernos escolares do curso primário. Cópias, ditados, redações, classificação de palavras, exercícios de completar frases ou palavras, conceitos, definições, análises gramaticais, desenhos, ilustrações, carimbos, resolução de contas e problemas, cálculos mentais, etc. Tais atividades e tarefas, só podem ser conhecidas e analisadas por meio do estudo dos cadernos escolares.

Os cadernos escolares são uma fonte sujeita, em sua elaboração, a uma série de pautas ou normas de distinta procedência relativas tanto a seu uso formal (mise en page, uso gráfico do espaço) como ao tipo de textos, exercícios e ilustrações a escrever, desenhar ou incluir. Algumas vezes, trata-se de prescrições legais sobre sua finalidade e formas de uso. Outras, de pautas estabelecidas nas diferentes propostas pedagógicas sobre suas características, tipos e usos. Outras, ainda, de recomendações e práticas geradas de modo artesanal no próprio ofício de professor. De um modo ou de outro, nos cadernos resta pouco espaço para a livre iniciativa (salvo em determinados movimentos inovadores como o freinetismo), para o pessoal e o subjetivo. Entram mais no âmbito daquilo que Armando Petrucci chamou produtos de *scrizione*, sujeitos ao *ordine dello scritto*, à *ufficialità gráfica*, que de produtos de *scrittura*, mostra ou exemplo do *disordine dello scritto* (MIGNOT, 2002, p. 43-44).

Na fase escolar do Curso Primário, a correção dos cadernos escolares apresenta-se como uma tarefa relevante e rotineira no cotidiano de professores e alunos. Essa atividade, em princípio, parece apoiar-se na certeza sobre a importância de se acompanhar o desenvolvimento do aluno e de, a partir da correção, promover possibilidades para que ele adquira determinados conhecimentos e prossiga em sua aprendizagem. Nesse caso, a correção deveria ser uma prática efetivamente significativa para a aprendizagem. A pergunta é, se essa prática era uma verificação do erro do aluno para que ele retomasse, analisasse e evidenciasse a partir da correção ou, era uma posição de autoridade do professor em relação à atividade do aluno representando o seu discurso numa posição hierárquica dentro da escola (Lopes, 2008, p. 188).

Nos cadernos analisados, há registros evidentes quanto à existência de um padrão estabelecido pelo professor e/ou pela escola quanto às marcas de correção realizadas diariamente, quanto ao estilo de letra, tipos de exercícios realizados e repetidos como: cópias, ditados, cálculo mental, caligrafia, desenhos, frisos, etc., bem como nos cadernos específicos utilizados para o registro das atividades nas disciplinas trabalhadas, nas cinco séries do curso primário.

As escritas que se refletem nos cadernos escolares não surgem de uma exigência íntima, mas são controladas, disciplinadas pelo professor. A maioria das atividades, frases e palavras escritas pertencem à categoria das “*escritas obrigatórias*”¹⁷, ou seja, aquelas que simplesmente eram um reflexo das palavras do professor ou da cartilha e que se produziam nos cadernos de exercícios realizados. Estas escritas cerceavam totalmente a criatividade dos alunos (ANDRÉS e ZAMORA, p.173, 2008).

Destaca-se, então, o caderno escolar como um suporte de escrita portador de marcas de quem ensina e de quem aprende. Os registros ali presentes se tornam um documento da cultura escolar e assinalam um percurso da memória.

Para entender melhor alguns aspectos presentes nas marcas de correção, encontramos na obra Metodologia do Ensino Primário (1959, p. 236-243), de Amaral Fontoura alguns apontamentos sobre a avaliação da escrita:

Ele afirma que os psicólogos americanos estabeleceram critérios para medir a escrita das crianças, que foram universalmente adotados. Tratava-se de uma escala em que várias amostras de escritas eram colocadas umas acima das outras, em ordem crescente de perfeição. A amostra inferior era ilegível; a de cima era a melhor possível, embora sem desenhos e sem arabescos; não era uma letra “desenhada”, mas corrida, feita em condições normais de velocidade (70 a 80 letras por minuto).

De maneira rudimentar, mas com grande utilidade para a escola, podia o professor estabelecer esse termômetro de letras, tomando numerosas amostras da escrita de seus alunos, durante um ano, por exemplo, e organizando a hierarquia das mesmas. Sugeriu a seguinte escala, que deveria ser lida de baixo para cima, a partir do zero:

¹⁷ Sobre as escritas obrigatórias ver JACQUES (2011)

- 10 – Escrita ótima: legível e clara; letras perfeitamente uniformes no seu talhe, tamanho e inclinação.**
- 9 – Legibilidade muito boa. Letras bem uniformes, espaçamento sempre igual.**
- 8 – Legibilidade muito boa. Letras uniformes, espaçamento igual.**
- 7 – Boa legibilidade. Letras já regulares, espaçamento regular.**
- 6 – Bem legível; letras mais regulares, espaçamento mais ou menos regular.**
- 5 – Mais ou menos legível; forma das letras mais definida.**
- 4 – Mais ou menos legível; menos irregularidade nas letras.**
- 3 – Pouco legível, um pouco menos irregular.**
- 2 – Pouco legível, muito irregular.**
- 1 – Quase ilegível.**
- 0 – Escrita ilegível.**

O que havia de notável nas “*escalas de escrita*” é que elas permitiam, terminado cada exercício, que o próprio aluno se dirigisse à parede onde estava pendurada a escala de letras e medisse ele mesmo a maior ou menor perfeição de sua escrita, dando-lhe nota, em comparação com os modelos. Esse trabalho de auto-crítica era do maior valor pedagógico, pois dava ao aluno consciência de si mesmo, desenvolvia a capacidade de julgar, estimulava-lhe o desejo de progredir.

O outro critério de avaliação é a “*ortografia*”, que Amaral Fontoura destaca (1959, p.238). Entendia-se por ortografia, a forma correta de escrever as palavras. Para se alcançá-la, usava-se, antigamente a *cópia*, de páginas e páginas de texto, tarefa que o aluno cumpria com tédio e aborrecimento.

O autor condena obrigar o aluno a decorar regras de ortografia, que ele pode saber na “ponta da língua”, mas não saber aplicar, no momento oportuno. Muitíssimo mais útil é habituar a criança a procurar no dicionário a ortografia das palavras que estiverem erradas em seu exercício. A consulta ao dicionário é um excelente exercício educativo, que deve ser incrementado na escola primária.

A aprendizagem deverá surgir naturalmente, como uma decorrência automática dos trabalhos e atividades do aluno, tais como cartas e redações diversas, levadas a efeito para qualquer fim, em qualquer aula. Toda ocasião será oportuna para o aluno escrever, dentro da vida diária da escola. Também deve ser incrementada a leitura, seja de livros didáticos, seja a de histórias infantis. A leitura é, sem dúvida, um dos melhores processos de se aprender ortografia.

Também se usava o *ditado*, que igualmente era de reduzido valor para a aprendizagem da ortografia, além de representar uma perda de precioso tempo, para o professor. Este era obrigado a corrigir dezenas de cadernos, em casa, durante horas seguidas e, na maioria das vezes, o aluno nem tomava conhecimento das correções feitas.

Sobre as aulas de ditado, os manuais afirmavam que sem motivação, eles não deveriam existir. Poderia haver um ditado diferente: sobre assunto que estivesse sendo tratado em aula, e que interessasse aos alunos. Mesmo assim, o professor deveria ler o trecho a ditar, previamente; comentar o assunto; perguntar sinônimos e antônimos do trecho; enfim, motivar fortemente o ditado. Terminado este, o professor deveria *assinalar os erros com lápis vermelho*, e mandaria (se possível) que cada aluno corrigisse seus próprios erros, verificando a forma certa da palavra, no dicionário. Alguns professores gostavam de mandar os alunos trocarem os cadernos entre si, para a correção. Tal prática era inteiramente condenável, porque o menino poderia ser levado a fixar os erros do colega.

Com todas essas modificações, o ditado poderia ser dado, mas não constituir atividade diária, com horário obrigatório.

Fontoura (1959, p. 239), aponta a nota prática nº. 30 sobre “*como fazer ditado*”. O ditado deve ser usado na escola apenas como um “tipo de prova”: “*vamos ver se vocês já sabem escrever direitinho essas palavras que vou dizer*”. O trecho escolhido deve ser, a princípio, já conhecido e estudado pelos alunos.

O professor sublinhará os erros das crianças, com *lápis vermelho*, mas se absterá de corrigi-los, mandando que cada uma procure a forma correta no dicionário. Assim, o aluno aprenderá em situação ativa, por experiência própria. Só em grau de recurso deve o professor interferir.

O autor também comenta sobre a aula de *caligrafia*. Não há dúvida que a velha aula de caligrafia servia para melhorar a letra do aluno, mas de forma automática, treinada, desenhada

no célebre “*caderno de caligrafia*”. Fora do caderno, nem sempre a criança se lembrava de fazer aquela letra bonita, guardada para as ocasiões solenes, assim como guardamos uma roupa bonita. Em suma, a caligrafia não era “incorporada à personalidade do aluno” (FONTOURA, 1959, p.240).

A aula de caligrafia devia ser substituída pelos exercícios normais, regulares, de linguagem e de todas as outras matérias. Todo trabalho escrito era fonte de exercício para a letra, podendo, pois, ser considerado exercício de caligrafia.

Na nota prática nº. 31 sobre o exercício para melhorar a letra, em substituição à aula de caligrafia, era levar os alunos a escreverem sem tirar o lápis do papel, até o fim da linha. Só levantar levemente para mudar de uma palavra para a seguinte. Os acentos, cortes dos “t”, cedilhas, etc. serão colocados todos de uma vez, ao terminar a linha. Experimentem e vejam como este simples truque faz os meninos melhorarem a letra, sem cadernos de caligrafia.

Para o trabalho de *desenho*, Amaral Fontoura (1959, p. 236-243), apresenta tríplice objetivo: cultural, prático e educativo. Do ponto de vista cultural, o desenho mostraria a capacidade do homem em copiar a natureza, interpretá-la. Do ponto de vista prático, o desenho permitiria ao aluno representar tudo aquilo que ele vê, seja uma paisagem, uma estrada, um automóvel, uma cena familiar, um objeto, uma máquina. O importante seria fazer a criança desenhar com satisfação e que adquirisse o hábito de desenhar. E do ponto educativo, o desenho obrigaria à observação, desenvolveria a atenção e a memória visual. Portanto, a quantidade de cadernos de desenho que eram realizados nas séries do Curso Primário vem confirmar o princípio de que o desenho, não constitui uma matéria, mas sim um método, um instrumento de trabalho, uma forma de atividade do aluno.

Na obra *Metodologia do Ensino Primário*, de Arthur Carbonell e Migal (1932, p. 45-49), encontramos orientações das práticas e utilidades dos *deveres*.

Deveres, são trabalhos escritos que os alunos, por ordem do professor, executam em casa, com a obrigação de trazê-los à escola, afim de que sejam *examinados e corrigidos*.

Os autores acentuam os benefícios que os deveres proporcionam: afirmam que é uma obra educativa que devemos seguir, e que devemos acostumar as crianças à sinceridade e ao esforço próprio.

Os deveres domiciliários não deveriam ser mais difíceis do que os exercícios que se fazem na escola. Além da finalidade instrutiva, os deveres tinham finalidade moral

transcendente: acostumavam o educando a vencer as dificuldades pelo seu próprio esforço; dando-lhe firmeza no saber; despertando-lhe a iniciativa e o fazendo-lhe trabalhador e ativo. Para que se conseguissem estas virtudes, era preciso que se examinasse severamente o trabalho, que o professor desse interesse e variedade aos exercícios e que saiba estimular os seus alunos. A desatenção do mestre poderia produzir um simples trabalho mecânico, sem efeito benéfico para o caráter moral da criança. Dos alunos deveria se exigir ainda: asseio, ordem, prolixidade e desvelo na execução material dos deveres; zelo no uso dos livros; cuidado no emprego dos cadernos, não lhes arrancando nem dobrando folhas. Esta exigência era de alta importância educativa; contribuía para a formação de hábitos de correção e método de trabalho.

A revisão dos deveres nunca deveria ser descuidada. Uma indiferença, ou falta de zelo, poderia prejudicar a eficiência do ensino. Se o professor se limitava a olhar os deveres por alto e a marcá-los com um lápis de cor, motivaria que os alunos formassem a ideia de que isto era uma formalidade e não teriam cuidado no seu trabalho. Certo, às vezes, não se poderia dedicar à correção todo o tempo que fora necessário; o horário não permitiria uma longa demora sobre o assunto. Era preciso, pois, organizar a revisão.

Alguns exercícios poderiam ser revisados em poucos momentos. As operações aritméticas, que deveriam estar certas ou erradas, exigiriam apenas vista rápida.

Na análise dos cadernos de Gladis da 2ª série, as atividades a serem realizadas como tema de casa, eram registradas diariamente.. Esses cadernos eram preenchidos pela aluna com lápis. Exemplo:

Sexta-feira, 10 de outubro de 1954.

Português	Separar em sílabas
Geografia	Estudar Orientação Eu e o Colégio para a Sabatina
Aritmética	10 contas e 1 problema

No primeiro caderno de Deveres, não há presença de marcas de correção. Já no segundo caderno, há quatro notificações escritas com caneta tinteiro, pelo pai de Gladis, dirigidas à professora regente. As notificações diziam:

Gladis faltou por motivo de doença! (14/10/1954)

Gladis faltou por motivo de doença! (16/10/1954)

Gladis faltou conforme licença solicitada. (29/10/1954)

Idem (30/10/1954)

Nas quatro situações a professora escreveu as letras iniciais do seu nome M.C.D (Maria Carmem Delgado) e vistou.

Os exercícios de caligrafia eram feitos em folha solta e examinados depois da aula. Em cópia não era desculpável um erro: quando se cometeria, seria sempre por desatenção. O trabalho mal feito era devolvido, sendo entregue outro no dia seguinte.

As composições e resumos também eram em folha solta. Examinados, no dia seguinte o professor os devolveria aos alunos; pediria que lessem os exercícios, enquanto ele iria apontando os erros do maior número e fazendo as devidas observações. A correção seria mais proveitosa quando feita em hora de exercícios de linguagem.

Para os demais deveres, um mestre dedicado encontraria outros métodos e os aplicaria de modo justo. O essencial é que ele deveria ser constante, metódico e cuidadoso, que exigisse sempre os deveres bem feitos. Para satisfação dos alunos e dos pais, deveriam marcar com lápis de cor os exercícios revisados.

A execução dos deveres é um hábito escolar que as crianças facilmente iriam adquirir, quando o mestre tivesse habilidade, amor e perseverança.

Sobre o *cálculo mental*, encontramos alguns apontamentos no artigo de Maria Laura Magalhães Gomes (UFMG, 2007) – “O cálculo mental na história da matemática escolar brasileira”.

Em seu estudo, ela diz que as propostas pedagógicas e curriculares para o ensino da Matemática e os livros didáticos do passado, apresentam momentos em que as práticas com o cálculo mental foram incentivadas no contexto escolar brasileiro.

A leitura dos programas de exame e de ensino de Matemática do Colégio Pedro II¹⁸, reunidos no trabalho de Beltrame (2000), mostra a primeira aparição do cálculo mental em 1881, época em que foi efetuada uma reforma curricular. Nesse ano, no programa de ensino de Aritmética Prática para o primeiro dos sete anos do curso oferecido pelo colégio¹⁹, encontramos menção explícita a “exercícios de cálculo mental” (Beltrame, 2000, p. 174) antes do detalhamento dos tópicos a serem estudados. Entretanto, já em 1882, após nova reforma curricular, o programa de ensino não contém qualquer registro sobre o cálculo mental na relação de conteúdos de aritmética.

Os programas seguintes que constam na dissertação de Josilene Beltrame (2000), relativos aos anos de 1892, 1893, 1895, 1897 e 1898, também não apresentam referência ao cálculo mental. Todavia, no programa proposto para os anos de 1899, 1900 e 1901, lê-se, na introdução sobre a Matemática, antes da distribuição dos tópicos entre as diversas disciplinas:

“O programa, além de se conservar nos convenientes limites, atenderá acuradamente ao lado prático, de maneira que o ensino se torne utilitário por numerosos exercícios de aplicação e por judiciosa escolha de problemas graduados da vida comum. De acordo com tais preceitos, o respectivo docente fará, no primeiro ano, o estudo da aritmética abranger o sistema decimal de numeração, as operações sobre números inteiros e frações, as transformações que estas comportam, até as dízimas periódicas, fazendo durante o curso uso habitual do cálculo mental e do método de redução à unidade...” (BELTRAME, 2000, p. 196, sublinhados nossos).

Nos anos de 1899 a 1906, o cálculo mental aparece novamente no primeiro ano de estudos secundários no Colégio Pedro II (denominado Ginásio Nacional desde a proclamação da república) calcado na utilidade prática. O cálculo mental deixa, porém, de ser mencionado nos programas de aritmética para 1912, 1915, 1919 e 1923 (Beltrame, 2000), e somente vamos encontrá-lo novamente no Programa de Ensino de Matemática para o ano de 1926.

No programa para 1926, a proposta de Aritmética para o primeiro ano²⁰ inicia-se pela frase: “O ensino terá, no primeiro ano, um caráter acentuadamente prático”. Na seção “Noções Preliminares”, apresentada imediatamente após essa orientação, eis como aparece o primeiro tópico:

¹⁸ Tradicional instituição de ensino público federal, localizado no estado do Rio de Janeiro. Foi inaugurado em 1837, e é o segundo mais antigo dentre os colégios em atividade no país. Foi nomeado em homenagem ao imperador D. Pedro II.

¹⁹ Havia disciplinas matemáticas (Aritmética Prática, Nomenclatura Geométrica, Aritmética, Álgebra, Geometria Plana e no Espaço e Trigonometria Retilínea) nos quatro primeiros anos (BELTRAME, 2000).

²⁰ Em 1926, o Programa registra a distribuição de todas as matérias de ensino em seis anos, sendo as disciplinas matemáticas assim alocadas: Aritmética, nos dois primeiros anos; Álgebra, no terceiro ano; Geometria e Trigonometria, no quarto ano (VECHIA; LORENZ, 1998).

“Numeração. Numeração falada; numeração escrita. Numeração romana. As quatro operações fundamentais. Provas. Exercícios de cálculo mental. Problemas” (VECHIA; LORENZ, 1998, p. 251, sublinhados nossos).

Com a estruturação do ensino brasileiro operada através da Reforma Francisco Campos, efetivada a unificação de Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria nos programas da disciplina Matemática, e organizado o curso ginásial em cinco anos, reencontraremos, na relação de tópicos de aritmética para o primeiro ano, no programa de 1931, expedido pelo Ministério da Educação, o “exercício de cálculo mental” (VECHIA; LORENZ, 1998, p. 336).

Percebemos então, o papel proeminente conferido ao cálculo mental: o de caráter predominante formativo, que era “desenvolver a cultura espiritual do aluno pelo conhecimento dos processos matemáticos”; e, além de formativo, de feição instrumental, “atender ao interesse imediato de sua utilidade e ao valor educativo dos seus métodos” (VALENTE, 2005).

Deveria o ensino da Matemática, acostumar o aluno à prática dos cálculos mentais, tornando-o seguro e desembaraçado nas operações numéricas.

A preocupação com a presença do cálculo mental no ensino da aritmética mostrava-se fortemente, também, nas propostas escolanovistas para o ensino primário, como salienta Everardo Backheuser em seu livro *A aritmética na “Escola Nova” (A nova didática da Aritmética- 1933)*. Esse autor ilustra tal preocupação ao transcrever um trecho dos Programas para os jardins de infância e escolas primárias do Distrito Federal (Rio de Janeiro), publicados em 1929:

“O *cálculo mental* especialmente terá grande lugar no ensino da aritmética, de modo que o aluno aprenda por este processo as diversas operações com números de três e mesmo de quatro algarismos e, nos últimos anos, chegue a resolver, por este modo, problemas de juros simples, lucros, percentagem e câmbio” (apud BACKHEUSER, 1933, p. 91).

Backheuser defende enfaticamente que as crianças se habituem a realizar os cálculos mentais com facilidade e depressa:

“É preciso que uma soma ou um produto saltem prontos, rápidos, sem demora, logo que enunciados as parcelas ou os fatores, ou que o troco (subtração) seja achado

desde que entregue a cédula para o pagamento da despesa” (BACKHEUSER, 1933, p. 94).

Frente a tudo isso, constatamos que os objetivos do cálculo mental são a segurança e a rapidez nas operações. O autor apresenta detalhadas orientações para sua abordagem na prática pedagógica do ensino primário. Após classificar os exercícios de cálculo mental em abstratos e concretos, considerando como exercícios concretos “pequenos problemas em cuja resolução não se há de empregar lápis e papel” (1933, p. 143-144), explicita alguns preceitos para os exercícios concretos. Alguns entre esses preceitos fundamentam-se nas propostas defendidas pela educação nova: propor exercícios mais centrados no raciocínio do que na dificuldade da operação aritmética; apresentar problemas sobre assuntos de interesse direto da criança; dar tempo para que ela os compreenda e apresente sua solução; fazer com que a classe formule seus próprios problemas.

Backheuser finaliza essa parte sobre o cálculo mental, a última de sua obra, com a apresentação de numerosos exemplos do que chama de “artifícios de cálculo mental” para a soma, a diferença, a multiplicação e a divisão de números naturais.

A partir dos anos de 1960, a matemática escolar brasileira se modifica profundamente em decorrência da penetração e difusão do ideário propagado pelo segundo movimento internacional de modernização do ensino da matemática, iniciado na Europa e nos Estados Unidos, e conhecido como o movimento da matemática moderna. Os principais aspectos realçados nas propostas para o ensino primário e secundário são a linguagens dos conjuntos, as estruturas matemáticas e a lógica matemática; a aritmética passa a ser concebida como o estudo dos campos numéricos, que são apresentados progressivamente de acordo com sua ordem de complexidade estrutural (FIORENTINI; MIGUEL; MIORIM, 1992). É mais importante “saber justificar” as operações aritméticas com base nas propriedades estruturais dos conjuntos numéricos do que “saber fazer”, como assinala Miorim (1998). Parece natural que nesse contexto não exista espaço para valorizar o cálculo mental, e, de fato, constataremos a ausência de referências a ele nos livros didáticos de Matemática produzidos no Brasil nas décadas de 1960 a 1990, uma vez que o movimento da matemática moderna, mesmo em declínio depois da segunda década dos anos 1970, deixou marcas resistentes nessas obras.

Atualmente, vivemos um momento em que se volta a insistir na importância da prática escolar do cálculo mental, muito embora o cálculo mental está presente em propostas

brasileiras para o ensino da Matemática desde o final do século XIX. Portanto, cálculo mental, desde essa época até os anos de 1930 e 1940, foi defendido, principalmente, por seus aspectos utilitários. Além de figurar nos conteúdos curriculares, estratégias e exercícios de cálculo mental integraram obras dirigidas a professores e estudantes.

Nos cadernos escolares analisados, constatamos a presença do cálculo mental como uma atividade diária das práticas docentes e sempre acompanhados da avaliação da professora.

3.3 OS ALUNOS, SEUS CADERNOS E AS MARCAS DE CORREÇÃO.

3.3.1 OS CADERNOS ESCOLARES DA 1ª SÉRIE DO CURSO PRIMÁRIO

Elisabeth Pfeifer

Professora: Lia Mostradeiro – 1ª série B - 1958

São oito os cadernos da 1ª série do Curso Primário.

Na tabela abaixo, destaco as marcas de correção presentes nestes cadernos escolares.

Disciplinas	Caligrafia	Cópia	Aritmética	Desenho	Total
Marcas de Correção					
10,0	88	13	68	-	169
9,5	01	01	07	-	09
9,0	-	02	07	-	09
8,0	-	01	03	-	04
7,0	-	-	02	-	02
M.B.	24	02	35	-	61
Carimbo	16	05	26	-	47
Figurinha	03	02	-	-	05
Expressões Escritas	15 minutos	-	Data e bolas! (02)		02
Assinatura da aluna	-	21	-		21

Quadro 10 – Marcas de Correção dos Cadernos Escolares de Elisabeth Pfeifer da 1ª série (1958)
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

A nota **9,5**, atribuída pela professora no caderno de caligrafia se refere à falta de uma frase na página do caderno. A aluna escreveu nove vezes a frase “**A bala é boa.**” E faltou uma para completar dez frases e preencher a página.

No caderno de cópia, a nota **9,0** se refere à omissão da sílaba (da) na palavra (redonda), do texto “*O Pomar*” e na troca da letra “p” pela “b” na palavra sapoti. A outra nota **9,0**, refere-se à escrita incorreta na linha do caderno de caligrafia da frase “*Guido pula a fogueira*” e no próprio nome da aluna “*Elisabeth*”.

A nota **8,0** se refere ao texto “*Menino Jesus*”. As palavras **Jesus, Tia, Judite e nossa** foram escritas com letra maiúscula. Nos nomes “*Jesus*” e “*Josélia*” a letra “*J*” não está escrita adequadamente nas linhas do caderno de caligrafia, e a palavra “**nosa**” está escrita com um “**s**” apenas.

Nos cadernos de aritmética a nota **8,0** expressa pela professora com caneta vermelha, se refere aos cálculos resolvidos de forma incorreta. Algumas vezes a aluna trocou o sinal da operação matemática, (*adição/subtração*), e em outras os resultados estão incorretos. A professora expressa sua marca de correção riscando com um traço na diagonal os resultados e os sinais errados.

A nota **7,0** nos cadernos de Aritmética é a mais baixa atribuída pela professora nos cadernos de Elisabeth. Na primeira vez, a nota foi atribuída porque a aluna apresentou três erros nos resultados das operações matemáticas de dez realizadas. A outra nota **7,0** foi atribuída numa *Sabatina* envolvendo operações matemáticas de adição e subtração. Os erros se referem à troca do sinal (+ / -) e erros nos resultados dos cálculos.

Na expressão “**Data e bolas**” a professora atribuiu **9,5** porque a aluna não desenhou as bolas representando quantidades e nem escreveu a data do dia.

Sobre a data do dia nos cadernos escolares, percebe-se que era uma prática diária. Os cadernos de Português, Ditado, Gramática, Caligrafia, Redação e Aritmética deveriam ser datados diariamente e, a data era escrita no quadro com giz pela professora. Já, os cadernos de Geografia, História, Ciências e Desenho raramente ou quase nunca eram datados.

Cadernos de Caligrafia

O primeiro caderno de caligrafia de Elisabeth inicia com uma folha colada atrás da capa. É uma folha datilografada contendo “*Normas Disciplinares*”. O nome da aluna está escrito com caneta cor-de-rosa no canto esquerdo da folha e os espaços pontilhados no texto também.

As normas expressas são estas:

– Todas os dias das.....às...11:15.....horas, minha professora regente, D. Lia Mostardeiro está à disposição dos pais que desejam falar-lhe.

– Meu número de matrícula é 602.

– Todos os objetos de uso escolar, pertences do uniforme diário e de Educação Física devem vir marcados com o meu número. Facilita a procura em caso de extravio.

– O Colégio não toma conhecimento de objetos extraviados, desprovidos de marcação.

– Minha merenda deve vir envolvida em guardanapo ou em bolsa de matéria plástica.

- Todas as faltas devem ser justificadas por escrito. Os cartões de justificação poderão ser adquiridos na Secretaria.

– Quando houver necessidade de uma saída durante o período escolar, deverei apresentar um cartão, explicando o motivo.

– Devo freqüentar o Colégio completamente uniformizado. Sem uniforme completo não poderei entrar em aula, com exceção de segunda-feira.

– Objetos destinados aos alunos devem ser entregues na Secretaria; para evitar a interrupção das aulas, que prejudica o curso normal das atividades.

- Devo evitar cuidadosamente os atrasos, a fim de não interromper a aula, o que prejudica todos os meus colegas.

Ass.: _____

**Quadro 11 – Normas disciplinares do Colégio Farroupilha
Fonte: Caderno de Caligrafia de Elisabeth Pefeifer (1958)**

Percebe-se que a questão da ordem, disciplina, compromisso, respeito era preocupação significativa da Escola. As normas ali estabelecidas faziam parte da “resolução” da escola no que diz respeito à correta condução na formação da criança, estabelecendo com seus alunos uma sólida relação na qual a organização, a disciplina, os costumes deviam tornar-se características e práticas permanentes para o bom funcionamento das atividades escolares. O fato destas normas se encontrarem coladas na contracapa do caderno, evidencia que elas deveriam estar bem presentes na rotina da sala de aula, assinalando o compromisso do aluno e da família com a escola. Eram normas que deveriam estar sempre sendo lembradas e cumpridas.

A aluna usou a 1ª página do caderno colocando um tracinho (I) em cada quadrinho. A 2ª página do caderno utilizou o traço (/) escrito na diagonal. Nas duas primeiras páginas não há marcas de correção.

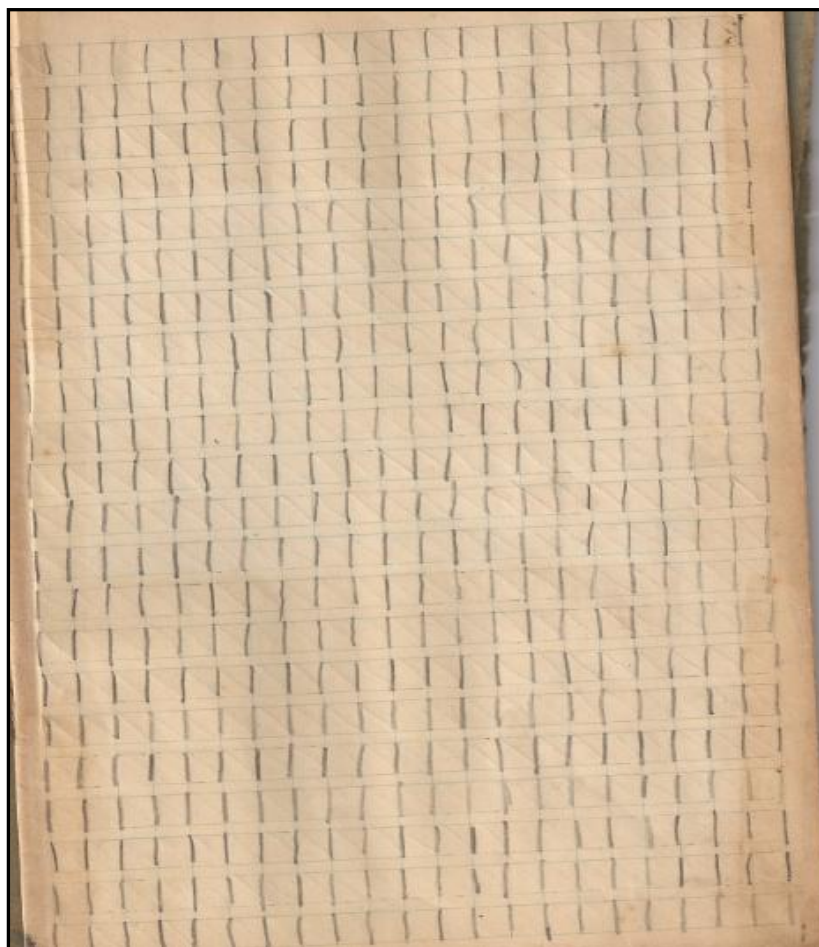


Figura 20 – Exercícios no caderno

Fonte: Caderno de Caligrafia da aluna Elisabeth Pfeifer da 1ª série (1958)

Na 3ª folha do caderno, a aluna usou 5 linhas com a escrita da letra (**i**) e finalizou usando o friso. Deixou uma linha em branco e escreveu 4 linhas da letra (**u**), finalizando com o friso. Escreveu mais 4 linhas da letra (**o**) e separou com o friso colorido. Escreveu 3 linhas com a letra (**o**) novamente. Na penúltima linha do caderno a professora colocou com caneta vermelha dois traços (/ /), sinalizando que a aluna não preencheu a linha com a letra solicitada. A expressão utilizada pela professora foi o “10,0” com caneta vermelha.

Na 4ª folha do caderno a aluna escreveu com letra cursiva 5 linhas da letra (**a**) e separou o exercício com o friso colorido. Depois escreveu mais 3 linhas com a letra (**a**) novamente e separou com o friso. Em cima destas linhas a professora destacou sua marca de correção com caneta vermelha, escrevendo bem grande a nota “10,0”. Depois a aluna escreveu uma linha da letra (**i**); uma linha da letra (**u**); uma linha da letra (**o**) e uma linha da letra (**a**) e separou a atividade com o friso. Abaixo do friso repetiu o exercício anterior. A

professora expressou sua correção com o carimbo do “Mickey”²¹. Na última linha a letra escrita é o (e), seguindo até a próxima página com mais 2 linhas da letra (e). Usou o friso para separar o exercício. Novamente, a aluna escreveu 3 linhas da letra (e) com letra cursiva. A professora expressa sua correção com caneta vermelha, escrevendo em cima da tarefa da aluna a nota “10,0”. Após o friso, a aluna escreveu uma linha da letra (i), uma linha da letra (u), uma linha da letra (a) uma linha da letra (o) e a outra linha da letra (e). Depois do friso, a marca de correção e verificação da tarefa, feita com capricho e corretamente pela aluna, é evidenciada pela presença de 4 carimbos de “coelhinhos”. Nesse momento aparece a interação da aluna com a marca de correção de quem viu a atividade através da pintura com lápis de cor dos coelhinhos e da inserção do gramado onde estão os bichinhos.

A marca constante dos carimbos nos cadernos dos alunos evidencia que a presença da imagem como um arquivo da memória escolar e da memória das práticas educativas é um dispositivo de informação e de formação. A professora ao fazer uso intensivo do “carimbo” em suas correções e verificações das atividades desenvolvidas pelos alunos nos cadernos, visava valorizar os recursos audiovisuais em sala de aula e organizar a prática docente em um amplo sistema simbólico. Assim, o processo de alfabetização da escola primária também envolvia uma alfabetização visual, como fonte de conhecimento e inteligência. A imagem do carimbo deveria impregnar o estímulo, como mais um dispositivo produtor de mensagens didático-pedagógicas. Nesse caso, a imagem do carimbo presente nos cadernos escolares, além de atuar como uma ilustração e uma marca de correção, também exercem uma função formativa do imaginário social, importantes ferramenta de aculturação do sujeito, perpetuando identidades, valores, tradições e cultura.²²

²¹ Os carimbos do Pato Donald surgiram no Brasil em 1950 pela Editora Abril.

²² Para os historiadores da educação, o estudo e a presença das imagens – desenhos, ilustrações, fotografias, histórias em quadrinhos, carimbos, etc. - oferece múltiplas possibilidades de leitura da cultura escolar, como discurso pedagógico e não como mero elemento decorativo (BASTOS, LEMOS e BUSNELLO, 2007)

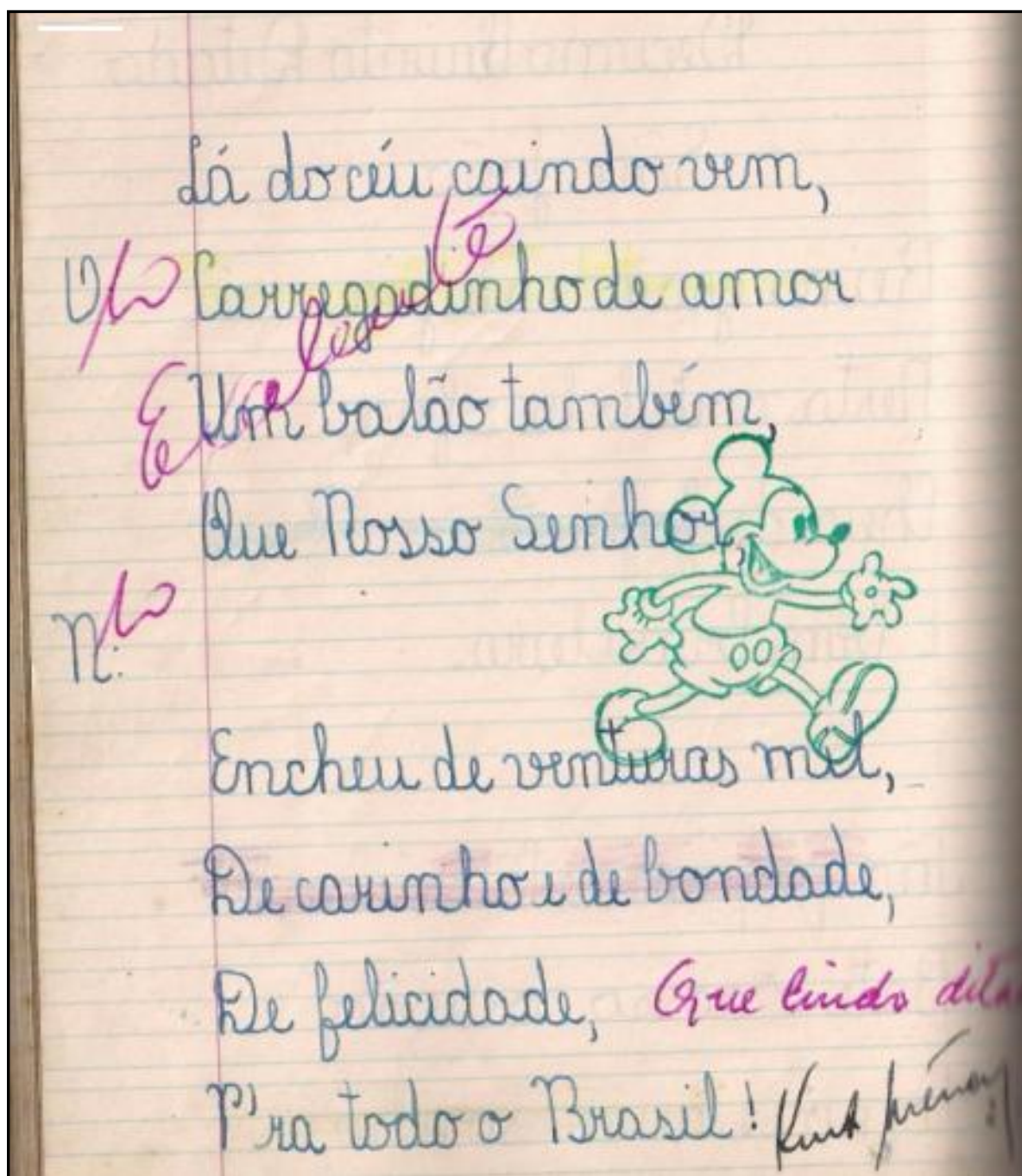


Figura 21 – Carimbos como Marcas de Correção
Fonte: Cadernos Escolares do acervo do Memorial

O exercício presente na página seguinte envolve a escrita de sete linhas da palavra “ai” em letra cursiva. Na sétima linha a professora faz uma interferência com caneta vermelha e escreve a palavra “ai” mostrando à aluna o traçado correto das duas letras. Essa intervenção da professora é freqüente, quando a mesma quer sinalizar a forma correta da escrita da letra ensinada.

Percebe-se uma preocupação e um nível de exigência bem acentuado por parte da professora e da escola quanto à grafia correta, traçado e legibilidade da letra.²³

Após o friso, novamente a aluna preenche mais 5 linhas da mesma palavra “**ai**”. Em cima do exercício a professora expressa sua correção com a nota “10,0”. Acredito que neste momento a professora solicitou que a aluna refizesse a atividade, demonstrando que aprendeu a forma correta de traçar as duas letras, devido à marca de avaliação presente.

A próxima palavra foi “**au**”. São 7 linhas preenchidas com a palavra. E, na página seguinte a professora relaciona a palavra com a colocação do carimbo do cachorro “*Pluto*”. Além de a aluna pintar o “*Pluto*”, a mesma desenhou o cenário em que o cachorro estava inserido: a casinha do “*Pluto*”, a guia do bichinho presa à casinha, uma árvore e a grama. Também escreveu “**au,au**” demonstrando que o cachorro estava latindo. Na verdade, a palavra “**au**” foi transferida para uma ação concreta, representada pelo carimbo e desenho do contexto. Evidencia-se com isso o significado apropriado da palavra. Em cima das 5 linhas escritas “**au**” a professora demonstra com sua marca de correção “10,0” que a tarefa estava correta.

Nas páginas seguintes as palavras escritas são “**eu**”, “**ia**”, “**ai**”, “**eu**”, “**ovo**”, “**v**”, “**vi**” “**vu**”, “**vo**”, “**va**”, “**ve**”; quase todas monossilábicas e escritas com lápis de escrever, preenchendo de 5 a 6 linhas cada palavra. Em cada exercício a professora registra sua avaliação.

A correção diária da tarefa realizada pela aluna, demonstra que a professora dedicava uma atenção muito especial e contínua no fazer do aluno. Talvez por ser a 1ª série do Curso Primário, início da alfabetização, onde a avaliação era um processo contínuo e sistemático.

A aluna escreveu nas outras páginas 17 vezes a frase “**eu vi o ôvo**”, depois 5 linhas da palavra “**uva**” e no final da página 5 linhas “**eu vi a uva**”. Neste exercício 3 vezes a professora atribuiu a marca de correção “10,0” com caneta vermelha.

A outra frase foi “**eu vi a ave**”. Algumas vezes a frase era iniciada com letra maiúscula outras vezes não. Nesta frase a palavra “**eu**” estava com letra minúscula. No canto superior direito tem o carimbo de um pássaro, pintado com lápis de cor pelo aluno. E a correção da professora está expressa com a nota “10,0”.

²³ Sobre a caligrafia, ver BASTOS/STEPHANOU (2008); STEPHANOU e BASTOS (2008).

A outra frase é **“A ave voa”**. Duas vezes em cada linha a frase foi escrita. A frase está iniciada com letra maiúscula e termina com o ponto final. Aos poucos se percebe que a professora introduz algumas regras de acentuação.

As frases seguintes são: **“Viva a vovó!”**; **“Vivi Vavá!”**; **“Viva Vivi e Vavá!”** Nos nomes **“Vivi e “Vavá”** a professora insere no caderno os carimbos dos personagens da cartilha. **“Vivi e Vavá”** são os protagonistas da cartilha adotada na 1ª série do Curso Primário da Escola de autoria de Célia Rabello, da Companhia Editora Nacional de São Paulo.²⁴

As outras frases foram **“Viva vovó e vovô!”**; **“Vaivém!”**; **“Vaivém vê as aves!”**; **“Vavá viu os ovos!”**; nesta frase a professora utilizou o carimbo do personagem **“Vavá”** e o carimbo dos **““ovinhos”**; **“Eu vi as uvas.”**; **“O dedo de Eva!”**; **“O dado é de Vivi!”**; **“Dedé, Didi, Dudu!”**; **“Dedé é vivo!”**; **“Dudu é vadio!”**; **“Aí vem Déa!”**; **“Déa veio ver Diva”** e **“Eva veio ver Ivo”**. Em todas estas frases a marca de correção da professora foi o **“10,0”**.

Nas duas páginas iniciais do outro segundo caderno de caligrafia de Elisabeth, ela escreveu a frase: **“O anel é lindo!”**, com data de 27/05/1958. No início da página e no final dela o friso está presente com lápis de cor. A escrita no caderno é sempre feita a lápis. No final da 2ª página a professora registra a nota **“10,0”** apontando sua marca de correção. Na 3ª página aparece a escrita da frase **“A bala é boa.”** Também a marca de correção aparece com a nota **“10”**, feita pela professora com caneta vermelha. A 4ª e 5ª página a frase escrita é **“A bola é bela!”**; A data da atividade aparece na 1ª linha da página (29/05/1958). No canto direito da 4ª página aparece a marca de um carimbo onde se destaca uma peteca e uma bola; o carimbo foi pintado pela aluna. Certamente, o carimbo se deve ao capricho da aluna na realização da atividade. A organização da escrita, o traçado, o capricho e a letra escrita respeitando o tamanho dos quadriculados.

No dia 30/05/1958, a frase escrita é **“O bolo é bom!”** Duas páginas do caderno foram usadas para a escrita desta frase. Na página esquerda aparece a marca do carimbo representando um bolo. Além de representar a palavra em estudo **“bolo”**, o carimbo surge como um adulamento à criança, e demonstra que a professora prestou atenção à parte afetiva da personalidade infantil. O traçado da letra e o capricho são evidentes nas tarefas de

²⁴ A Cartilha **“Vivi, Vavá”** faz parte do acervo do **“MCF”** e consta nos registros cadastrados que a mesma, pertenceu à aluna Elisabeth Pfeifer, autora dos cadernos aqui analisados, e que foi utilizada na 1ª série do curso primário do ano de 1958.

Elisabeth, sendo reconhecidas pela professora através do carimbo e da nota “10” expressa em caneta vermelha no final da atividade realizada.

O terceiro caderno de caligrafia, não consta na 1ª página a data. A frase escrita é: **“O dedal é da vovó.”** A marca de correção é “10,0” com caneta vermelha. A 2ª página é **“É o dia da vovó”**. A marca de correção da professora é o “10,0”. Na 3ª página do caderno a frase é **“Você viu o dedal?”** A marca de correção da professora é o “10,0”. Sempre no final de cada página aparece a marca do friso colorido feito pela aluna.

Neste caderno a maioria das lições não apresenta data, apenas nas sete páginas finais consta a data em que as lições foram realizadas e a frase **“Em aula”** em cima da página. De um lado da página a data e do outro lado da página a frase **“Em aula”**.

As frases escritas no caderno ocupam uma página inteira. Observa-se a letra legível, o traçado perfeito de cada letra, o capricho e a organização do caderno de Elisabeth. Sempre no final de cada página, o friso é contemplado, indicando o final da atividade. O caderno utilizado é quadriculado e há a preocupação de que cada letra seja escrita dentro de um quadrinho. Em todas as páginas, a marca de correção da professora é a mesma, a nota “10,0” registrada com caneta vermelha.

A cada dia, era solicitado pela professora, a escrita de uma frase nova em cada página:

“Eu o vi, diz Déa”.

“Ivo deu em Déa?”

“Você deu o dado?”

“Mimi e miau.”

“Viva a mamãe!”

“Mãe, meu amor!”

“Miau é meu!”

“Mimo é mau?”

“Você viu a Lua?”

“Lia lava a luva.”

“Dia da mãe!”

“Lula dá a mão.”

“A mala de Lulu.”

“Neli e Noel.”

“D. Vilma e a meia.”

“Vera vem vindo!”

“Noel é o menino.”

“Neli é a menina.”

“Neli deu o anel.”

“Nei vê o anão.”

“O limão é verde.”

“Lili leva a vela.”

A outra frase com data de 28/05/1958 é **“A bala é boa.”** Nesta página a marca de correção da professora é a nota “9,5”. Há um destaque na última linha desta página: a

professora escreveu a letra “**a**” em vermelho, pois a aluna não preencheu a última linha da folha do caderno com a frase: “**A bala é boa.**” Isso evidencia que a aluna não foi merecedora da nota “10,0”.

No dia 31/05/1958, a frase escrita é “**O balão é de Lia.**” No lugar da palavra balão, a aluna iniciou a frase com o desenho representativo da figura de um balão. O desenho do balão aparece na 1ª linha de cada página com a frase escrita. Percebe-se que a professora utiliza ora o carimbo, ora o desenho para diversificar o trabalho. Também aparece em cada página a marca de correção da professora “10,0”.

Sempre são utilizadas duas páginas para a escrita da mesma frase. Em cima da 1ª página aparece a frase “Em aula” e na 2ª página aparece a “data que a atividade foi realizada. As atividades iniciam com o friso e terminam também com o friso.

Na página seguinte está escrito em cima da página “Em aula”, e a frase é “**Biba leva o bule.**” Não há registro de correção da professora.

No dia 02/06/1958 a frase é a mesma da página anterior “**Biba leva o bule.**” A marca de correção da professora é “10,0”.

Na outra página a frase é “**O boi bebe e baba.**” Na primeira linha da página a professora fez a correção com caneta vermelha no traçado da letra “**b**” e “**e**” da palavra “bebe”. É importante destacar que todas as frases são escritas com letra cursiva. A correção foi feita na página seguinte em vermelho com a nota “10,0” e com data de 03/06/1958.

Na página seguinte a frase é “**Breno vê o avião.**” Na primeira linha desta página a professora faz uso da sua correção nas letras “**ão**” da palavra avião. A mesma frase é escrita no dia 04/06/1958 e a professora expressa sua avaliação atribuindo a nota “10,0” seguida do conceito “M.B.”.

No dia 07/06/1958 a frase é “**Berenice é boba?**” Também a mesma frase está escrita em duas páginas do caderno e aparece apenas uma vez a nota atribuída pela professora com caneta vermelha “10,0”.

No dia 09/06/1958 a frase é “**Babá é bondosa.**” A marca de correção se dá pela professora com caneta vermelha “10,0”.

10/06/1958 a frase é **“O tio tem tatus.”** Aparece numa página a frase “Em aula” e na página ao lado a data “10-6-1958”. A marca de correção “10,0” pela professora com caneta vermelha.

11/06/1958 a frase é **“O tatu é bonito?”** Na 2ª página escrita desta frase aparece a marca de correção da professora em vermelho “10,0” e abaixo “M.B.”.

12/06/1958 a frase da 1ª página é **“Onde vive o leão?”** e a frase da página ao lado é **“Ele vive no mato.”** Aqui aparece a marca de correção da professora com caneta vermelha apenas na 2ª página “10,0”.

13/06/1958 a frase é **“Tito viu o veado.”** A marca aparece na 2ª página em vermelho “10,0” e “M.B.”.

16/06/1958 a frase é **“Totó late muito.”** A marca de correção empregada pela professora é o “10,0” escrito com caneta vermelha.

17/06/1958 a frase é **“A lata é de Tales.”** A marca de correção é o “10,0” e há uma correção na letra “T” de Tales em vermelho.

18/06/1958 a frase é **“O Doutor viu a Tita.”** A correção da professora se dá com caneta vermelha na letra “r” de doutor e a nota atribuída é “10,0” e “M.B.”.

19/06/1958 a frase é **“Tomás está doente.”** Na 1ª página a professora registra sua correção com a nota “10,0” em caneta vermelha e na 2ª página a professora registra sua correção com a nota “10,0” seguida de um “M.B.”.

20/06/1958 a frase é **“Túlio tem dieta?”** A correção da professora se dá na 2ª página com a nota “10,0”.

A última página do caderno está em branco. Percebe-se que sendo um caderno de aula, ali estão presentes lições diárias dos alunos e as marcas de correção da professora estão presentes em todas as atividades realizadas, evidenciando-se que a avaliação fazia parte da rotina da professora e expressava acompanhamento e controle.

No quarto caderno de caligrafia de Elisabeth, a primeira página consta a frase **“José olha o balão”**. Do lado direito da página a aluna desenhou um balão e coloriu. Mais abaixo aparece um carimbo do personagem *“Pinóquio”*. Certamente é uma marca registrada pela professora, evidenciando que ela viu a tarefa e gostou.

A 2ª e 3ª página com data de 30/06/1958, a aluna escreveu a frase “**Reni tem vestido bonito.**” No canto esquerdo da 2ª página tem uma gravura colada representando uma menina sentada na grama e seu vestido é azul com bolinhas brancas, ao lado dela em pé está a figura de um menino de calças curtas com um brinquedo na mão. Mediante tal figura, percebe-se que a professora solicitava a utilização de gravuras de acordo com a frase trabalhada. No final da página a marca de correção da professora está expressa pela nota “10,0” escrita com caneta vermelha.

A frase escrita no dia 1º/07/1958 é “**Carlos tem coelhos**”. Na primeira linha a professora escreveu com caneta vermelha em cima da palavra coelho escrita pelo aluno, mostrando e impondo a escrita correta da palavra. Na segunda linha a professora escreveu em cima da escrita do aluno na letra “r” de Carlos, destacando o traçado correto da letra. No lado esquerdo e direito da página, está presente o carimbo de dois coelhos; marca de que a professora esteve ali e avaliou. No final da 2ª página a marca de correção escrita pela professora é o “10,0” com caneta vermelha seguido da expressão “M.B.”

No dia 2/07/1958 a frase é “**Reni tem bonecas**”. O capricho na letra, o traçado bem feito e legível, a organização do caderno são evidências de que Elisabeth, era uma ótima aluna, e merecedora de bom desempenho escolar. No canto direito da 2ª folha do caderno aparece a gravura de duas meninas brincando no campo. Logo abaixo no canto esquerdo da página, antes da margem vermelha, está o registro da avaliação da professora “10,0” e abaixo o conceito “M.B.” escrito em caneta vermelha.

Dia 3/07/1958 a frase escrita é “**O papai é bom**”. Ao lado direito da outra página a figura expressa é de um piquenique no campo onde aparece a “*familia*” integrada. Papai, mamãe, os filhos e o cachorro. No lado esquerdo desta página a marca de correção da professora novamente é o “10,0” e o “M.B.” em caneta vermelha.

O que se percebe é uma rotina em relação às mesmas atividades realizadas diariamente: a escrita de duas páginas da mesma frase. Nota-se que a professora tinha uma preocupação muito insistente em relação à escrita das palavras com traçado bem definido da letra, de forma que fosse legível, bem feita, com capricho e organização.

Dia 4/07/1958 a frase é “**O pato olha o sapo**”. No final da 1ª página aparece o carimbo de um “*patinho*” (marca registrada pela professora) colorido pela aluna. Na 2ª página aparece a gravura de um patinho amarelinho colada pela aluna. A marca de correção é

o “10,0” e o “M.B.”. Percebe-se que a professora para cada lição empregava os carimbos ilustrando e concretizando a palavra em destaque na escrita das frases.

No dia 5/07/1958 a frase é “**Paulo torceu o pé**”. Aqui o carimbo presente é o desenho de um “*pé*” e a marca de correção presente é o “10,0”, seguido de “M.B.”. Percebe-se que em todas as lições a professora expressa a sua marca de correção, validando a excelência da atividade e a posição hierárquica que tinha frente à realização de um trabalho realizado.

Dia 7/07/1958, a frase é “**Pedro calça os sapatos?**” Na 7ª e 8ª frase a professora corrige com caneta vermelha o tracinho do “ç”. Também o carimbo presente é o de dois sapatinhos que aparecem no canto direito da 1ª página e está colorido em vermelho. No canto esquerdo da 2ª página a marca de correção é o “10,0” e o “M.B.”.

Dia 8/07/1958, a frase é “**Plínio comprou balões.**” Aqui a marca de correção usada pela professora foi o “10,0”.

Dia 9/07/1958 a frase é “**Carla come pudim.**” No canto esquerdo da 1ª página desta lição está escrito pela professora com caneta vermelha: “*15 minutos*”. Conclui-se que a escrita das frases desta página se deu neste tempo estipulado. Além da escrita legível, traçado da letra, organização, clareza, correção na escrita, o tempo também era um dispositivo da avaliação da professora. A marca de correção expressa é o “10,0” em caneta vermelha.

Dia 10/07/1958 a frase é “**A peteca é de Cláudio.**” e está escrita apenas numa página. A marca de correção é o “10,0”.

Dia 11/07/1958 a frase é “**Ceci toma Coca-Cola.**” Também está presente apenas numa página do caderno. A expressão avaliativa é o “M.B.”.

Dia 14/07/1958 a frase também está presente numa página apenas. “**Sônia colheu milho**”. Entretanto a marca de correção da professora aparece sempre em cada página escrita do caderno.

Dia 16/07/1958 a frase é “**O sol é vermelho?**” Na 2ª linha desta página a palavra “*vermelho*” aparece escrita com a cor vermelha pela professora, demonstrando a escrita correta da palavra. A marca de correção é o “M.B.”.

Dia 21/07/1958 a frase é “**Circe mora na cidade.**” A marca de correção é “M.B.”. Dia 21/07/1958 a frase é “**Júlia olha a chuva**”; a marca de correção é “M.B.”. Dia 23/07/1958 a frase é “**Ricardo calça as botas**”; a marca de correção é “M.B.”. No dia 25/07/1958 a frase

é **“Talita toma chocolate”**; a marca de correção é “M.B.”. No dia 28/07/1958 a frase é **“Raul comprou o chá”**. No dia 30/07/1958 a frase é **“Os doces são da moça.”** Aparece duas vezes a correção com caneta vermelha na letra “c” da palavra doces. A marca de correção da professora é “M.B.”.

No dia 1/08/1958 a frase é **“O calçado é de pelica”**, a marca de correção da professora é “M.B.” No dia 6/08/1958 a frase é **“O gato pegou o rato.”** As marcas de correção presentes são o “10,0” e o “M.B.”.

A última frase do caderno é **“Galo assado é gostoso!”** A marca de correção presente é apenas o carimbo de um *“galo”*.

Conclui-se que o caderno foi utilizado durante um mês para a escrita legível das frases, avaliando-se a organização, clareza na letra, limpeza do caderno e traçado das letras.

Caderno de Cópia

O Caderno de cópia de Elisabeth apresenta na primeira página, uma linha de friso nas cores verde e amarelo. A frase escrita é **“Independência ou Morte”**. No final da página consta a assinatura da aluna e na última linha consta o friso novamente pintado com lápis de cor.

A mesma atividade consta na 2ª página do caderno com data de 06/09/1958, escrita no canto superior esquerdo da margem do caderno. No final da página, do lado esquerdo a marca de correção “10,0” está presente, escrita com caneta vermelha pela professora.

No dia 08/09/1958, a frase escrita em toda página é **“Salve Sete de Setembro!”** No lado esquerdo a aluna desenhou e pintou a Bandeira do Brasil e com a régua traçou duas faixas perpendiculares pintadas em verde e amarelo, simbolizando a data que estava sendo comemorada. No final da atividade a aluna assinou o seu nome completo.

Percebe-se que há a intervenção criativa da aluna na atividade, porém no que se refere aos desenhos alusivos à frase escrita e a marca de correção atribuída pela professora é o “10,0”, escrito no canto inferior esquerdo do caderno.

A frase escrita no dia 16/09/1958 **“Hoje fizemos sabatina”**; está escrita a lápis nas duas páginas do caderno. Na 1ª e última linha de cada página do caderno o friso está presente.

No final de cada página a aluna escreveu seu nome completo. No final da lição a professora registrou sua correção escrevendo “10,0” com caneta vermelha.

Os exercícios seguintes se referem às “cópias” de pequenos textos. Inicia com a cópia intitulada “**Menino Jesus**”, escrita bem no centro da linha. Nessa atividade a professora faz sua interferência na correção de algumas palavras, escrevendo em cima da escrita do aluno com caneta vermelha. No título a palavra (**Jesus**) o (**J**) não está escrito corretamente na linha do caderno de caligrafia. Portanto, a professora faz sua interferência com caneta vermelha, escrevendo em cima da letra do aluno, mostrando a forma correta de escrever a letra dentro do espaço determinado.

No início do 1º parágrafo, a aluna escreveu (**tia judite**) sem o emprego da letra maiúscula. A professora escreveu em cima da letra de Elisabeth sinalizando o erro e demonstrando o traçado correto da letra maiúscula. Na palavra (**José**), também sinaliza a posição correta da letra na linha do caderno de caligrafia. Na palavra “**coroinha**”, a aluna faz a separação da sílaba assim: *coroin-has*. A professora risca a letra “**n**” no final da linha com caneta vermelha e acrescenta a letra na linha seguinte, mostrando a forma correta de separar a sílaba. A palavra “**nossa**” inicia uma nova frase no caderno e está escrita com letra minúscula e com apenas um “**s**”. A professora corrige e assinala com caneta vermelha, escrevendo o “**N**” em maiúsculo e acrescenta os dois “**ss**” na palavra.

No nome “**Josélia**”, a professora escreveu em cima do “**J**” e assinalou a forma correta de escrever o “**J**” na letra cursiva e no uso correto das linhas do caderno. Na última linha, a frase “**Vavá gostou**” está riscada com caneta vermelha, evidenciando que ela não deveria estar ali. No lado esquerdo da página a marca de correção da professora é a nota “8,0” escrita inclinada, em diagonal, não respeitando a linha da folha.. Devido aos erros evidenciados na cópia, a nota surge como medida, verificação e avaliação da atividade realizada.

Nas correções dos cadernos de Elisabeth, a cor vermelha predomina. Embora a qualidade não explicita a ideia, as cores são convencionadas socialmente e atuam na produção de determinados sentimentos. Nesse caso, a cor vermelha associa-se a erro, proibição, à instrução e cuidado como também ao elogio e ao bom resultado apresentado.

Essas marcas de correção feitas pelos professores aproximam-se dos traços de controle, das relações de força e poder e manifestam o poder de saber que inclui ou exclui a produção dos alunos.

Na página seguinte a aluna escreveu 10 linhas a frase “**Guiomar come guisado**”. No canto superior esquerdo do caderno o carimbo de uma menina está presente.

Nas duas próximas páginas encontramos duas cópias. Uma com o título: “**Filipe**” e a outra com o título “**Que bons queijos!**”. A única marca de correção é a nota “10,0” atribuída pela professora, escrita em vermelho no canto esquerdo da 2ª página do caderno, escrita inclinada, em diagonal.

Com data de 24/09/1958, a frase escrita em duas páginas é “**Que flores cheirosas!**” Acima da 2ª página tem duas florzinhas coladas. Pela forma como foram recortadas, conclui-se que foram coladas pela professora. E a data escrita ao lado da margem, juntamente com as flores evidenciam a chegada da Primavera. Nas páginas seguintes datadas de 25/09/1958 a frase é “**O jardim está florido!**” Acima da 1ª página 3 carimbos de “*flores*” foram colocados pela professora. Na página seguinte surge a intervenção da aluna, onde a mesma desenha e colore um jardim de flores. Evidencia-se que o desenho foi feito pela aluna, devido ao traçado apresentar característica mais infantil no desenho realizado. A atividade foi corrigida com “10,0” pela professora.

A cópia seguinte tinha o título “**O pomar**”. A correção atribuída pela professora foi “9,0”. Na palavra “**sapotis**” a aluna trocou o “**b**” pelo “**p**” e a professora traçou uma linha em vermelho abaixo da letra trocada. Na palavra “**redonda**” a aluna não escreveu a última sílaba “**da**”.

Na outra página a frase escrita foi “**Helena achou a chave.**” Acima da 1ª linha, no espaço em branco do caderno, a professora carimbou uma “*menina*” simbolizando a personagem da frase “**Helena**” e ao lado o carimbo de uma “*chave*”. “10,0” foi a marca de correção empregada pela professora.

A outra frase foi “**Guido pula a fogueira**” datada de 29/09/1958. Em cima das 1ª linhas a professora colocou o carimbo de um “*palhacinho*” e a aluna desenhou e pintou uma fogueira. Na última linha a professora escreveu com caneta vermelha em cima da letra “**o**” de Guido, na palavra “**pula**” e na letra “**a**”. Também no nome da aluna a professora escreveu em cima com caneta vermelha. A nota atribuída é “9,0”.

Na frase “**Hoje tiramos fotografia**”, a letra e o capricho estão impecáveis. E a nota da professora é o “10,0” escrito em vermelho, inclinado e na diagonal.

A cópia do dia 06/10/1958 foi **“Até que enfim!”** Nessa atividade, a professora fez a perninha da letra **“q”** com caneta vermelha mostrando para a aluna que a dela não estava correta, ou seja, a perninha do **“q”** não era inclinada e sim reta. O mesmo acontece com a palavra **“enfim”**. A professora fez sua interferência, corrigindo com caneta vermelha para mostrar a forma correta da escrita de todas as letras da palavra copiada no título. Na letra **“d”** da frase **“O pai (do) papai é o vovô Otávio”** a professora assinalou que o traçado da letra **“d”** é reto e não inclinado. Nesta atividade a professora avaliou com **“9,5”**.

A frase escrita no dia 08/10/1958 foi **“Semana da Criança!”** Vinte linhas foram escritas com esta frase. A marca de correção foi **“10,0”**, seguida do conceito **“M.B.”** colocado no canto esquerdo do caderno, com caneta vermelha, inclinado na diagonal.

A frase seguinte foi **“Gosto de colegas educados.”** São duas páginas escritas com esta frase. Na parte superior da 1ª página tem três carimbos de **“meninas”**, exemplificando um grupo de colegas. A letra está bem traçada e bem definida, onde o valor estético da atividade é avaliado de forma bem clara pela professora. A marca de correção é o **“10,0”** em vermelho e escrito inclinado no canto esquerdo do caderno.

Nesta frase, **“Gosto de colegas educados”** percebe-se que na repetição de frases edificantes, a professora atrelava o conteúdo formativo aos exercícios de caligrafia.

“Doce perdido” foi a cópia realizada no caderno no dia 11/10/1958. Aqui se evidencia mais uma vez o capricho com a escrita e o asseio do caderno, objetivando que as práticas escolares desenvolvidas pela professora apontavam a escrita como uma via disciplinadora dos alunos. A marca de correção da professora foi **“10,0”** seguida do conceito **“M.B.”**.

As cópias dos textos feitas no caderno de Elisabeth foram realizadas a partir da Cartilha **“Vivi Vavá”**. As cópias eram feitas da própria cartilha e não do quadro negro, pois na cartilha da aluna, está a marca feita com lápis de escrever, sinalizando até onde ela deveria ser realizada.

No quadro abaixo estão os títulos das cópias feitas no caderno de Elisabeth, a página da cartilha onde estão os textos e os sinais de correção empregados pela professora na realização do exercício.

Títulos dos textos da Cartilha “Vivi Vavá” copiados no caderno de Elisabeth	Páginas dos Textos na Cartilha	Marcas de Correção
1. Menino Jesus	88	8,0
2. Filipe	82	10,0
3. Que bons queijos!	90	10,0
4. O pomar	113	9,0
5. Até que enfim!	105	9,5
6. Doce perdido	65	10,0 (M.B.)

Quadro 12 – Cópias dos textos da cartilha “Vavá e Vivi” e as Marcas de Correção
Fonte: Caderno de Cópia da aluna Elisabeth (1958)

Este caderno de Elisabeth apresenta exercícios alternados de escrita de frases e cópias de textos da cartilha “Vivi Vavá”.

As últimas frases escritas no caderno foram sobre:

Frases	Data da realização do exercício	Marcas de Correção	Desenho/Gravura feito pela aluna
Semana da Asa!	18/10/1958	10,0	Avião/Zepellin
Alberto Santos Dumont!	20/10/1958	10,0	-
Vamos andar de avião?	21/10/1958	-	-

Quadro 13 – Frases do caderno de cópias de Elisabeth Pfeifer
Fonte: Caderno de Cópia da aluna Elisabeth (1958)

Ao analisar estes cadernos, fica evidenciado que os exercícios de cópia eram utilizados para que, pela repetição, a criança adquirisse valores morais, que para a professora, eram imprescindíveis ao processo educativo. Por isso, sua preocupação diária no acompanhamento das atividades, destacando sempre a sua marca de correção. Mignot (2004) assinala que, nos cadernos de caligrafia, o capricho para com as belas letras e o asseio do material instruíam também para a formação moral. Nesse caso, a professora reforçava seu papel de disciplinadora de sujeitos quando exigia capricho, ordem e limpeza nas técnicas da boa letra e nas tarefas cotidianas dos cadernos escolares.

Nessa perspectiva, a professora do Curso Primário ao elaborar e aplicar os exercícios para treino de caligrafia, estava a serviço de um objetivo maior, que era o de disciplinar, por meio da escrita, o futuro cidadão, o que foi legitimado pelas práticas escolares, pois estas

práticas apontavam a escrita como uma via disciplinadora dos sujeitos (BRAGA, 2008, p.123).

Cadernos de Aritmética

No primeiro caderno de Aritmética de Elisabeth, as três primeiras linhas da primeira página, a aluna desenhou frisos coloridos. Depois preencheu cada quadradinho de 0,7cm x 0,7cm com o algarismo (1). Em 19 linhas do caderno, o algarismo (1) foi escrito dentro do quadrinho. No centro do caderno a professora colocou o carimbo de uma “boneca”. Percebe-se então, o desenho do carimbo associado à quantidade.

Na segunda página, o algarismo é o (2). Em cada quadrinho o algarismo (2) foi escrito. No meio da página há a presença de dois carimbos do personagem “Mickey”. Na 3ª página o algarismo (3) está escrito nas 14 linhas do caderno. No centro da página a professora carimbou 3 “coelhos” com 3 “ovos”. O algarismo (4) também foi preenchido nas 22 linhas do caderno. No centro aparece o carimbo de (4) “flores”. O algarismo (5) vem acompanhado com o carimbo de (5) dados com o lado do número estudado virado para frente.

O exercício seguinte é composto da seguinte forma: numa linha está o desenho da bolinha e na linha debaixo está o algarismo correspondente à quantidade da bolinha desenhada. Exemplo: uma bolinha desenhada na linha de cima; na linha debaixo o algarismo (1) preenchido em todos os quadrinhos da linha. Este exercício vai até o número 5, e repete novamente. O trabalho proposto pela professora é voltado para a sistematização do pensamento concreto, ou seja, a criança relaciona forma com quantidade. No final da atividade a marca de correção da professora é o “10,0”, escrito na diagonal, com caneta vermelha.

Cabe um destaque neste momento da análise, aos estádios de desenvolvimento cognitivo de Piaget: o caderno de aritmética de Elisabeth é da 1ª série do Curso Primário, cuja faixa etária compreende os 7 anos de idade, portanto ela se encontra no estádio operatório, ou das operações concretas (7 aos 12 anos). De acordo com Cabanas (2002, p.274), a criança começa a conhecer um objeto concreto, mas logo, num estádio superior caracterizado pelo uso de operações intelectuais que tendem para o formal, a criança chega a uma formação do “símbolo”, que se dá quando o pensamento se liberta da sua função mediata de “representação”. Um esquema operatório é um conceito. Servindo-se de operações como a

diferenciação, a hierarquização, a coordenação e a subordinação, a criança vai resolvendo problemas e vai acedendo ao pensamento lógico (compreensão de estruturas tais como classes, relações e números).

A próxima atividade são as continhas. Em cada quadrinho está o número e o sinal da operação (+). São 24 operações envolvendo os números de 1 a 5 somados ao algarismo (1).

Exemplo:

$1 + 1 = 2$	$1 + 1 = 2$
$4 + 1 = 5$	$4 + 1 = 5$
$3 + 1 = 4$	$3 + 1 = 4$
$2 + 1 = 3$	$2 + 1 = 3$

Após cada exercício de operações matemáticas a professora realiza a correção e registra sua avaliação com a escrita da nota “10,0” com caneta vermelha, na diagonal no canto direito da folha do caderno.

O exercício seguinte parte da solução das operações matemáticas escritas horizontalmente nas páginas do caderno, seguido do desenho de bolinhas. Ao lado da solução da operação de adição ou subtração, a aluna representou com bolinhas o resultado encontrado, associando o número com a quantidade, revelando o estágio concreto do seu desenvolvimento cognitivo.

$1 + 1 = 2$ OO	$2 - 1 = 1$ O
$2 + 1 = 3$ OOO	$3 - 1 = 2$ OO
$2 + 2 = 4$ OOOO	$4 - 1 = 3$ OOO
$4 + 1 = 5$ OOOOO	$5 - 1 = 4$ OOOO

Neste exercício a marca de correção da professora “10,0” surge no meio da folha, escrita com caneta vermelha e na diagonal.

A lição nova, nas páginas seguintes do caderno de Elisabeth, é os algarismos (6), (7), (8), (9) e (10). Todos eles estão preenchidos nas linhas do caderno, ocupando uma página

cada algarismo. No meio da folha de cada exercício, estão os desenhos de bolinhas relacionando o número com as respectivas quantidades. As marcas de correção presentes são o “10,0” e “M.B”, escritos na diagonal com caneta vermelha.

Os exercícios contendo operações matemáticas dos dias 12, 16, 20 e 23/05/1958 estão copiados com letra diferente da do aluno. Aqui se percebe a interferência do adulto, no caso da professora, na escrita do caderno da aluna.

A página seguinte do caderno tem o título “**Sabatinas**”, escrito em vermelho pela professora. A sabatina compreendeu operações matemáticas de adição e subtração e cálculo mental. Nesta página foram três atividades que envolveram as sabatinas.

Na primeira atividade as operações matemáticas foram estas:

$$3 + 1 = 4$$

$4 - 2 = 2$ (aqui a aluna trocou o sinal de (-) para (+), portanto o resultado para ela foi 6; a professora escreveu com caneta vermelha em cima do sinal (+) o sinal (-) e no resultado riscou com um traço diagonal, indicando que estava errado, que houve troca do sinal da operação, portanto o resultado não era aquele)

$$6 + 2 = 8$$

$7 - 1 = 8$ (neste caso, a aluna errou o resultado, invés de diminuir ela somou; a professora riscou com um traço diagonal em cima do 8, sinalizando que não era esse o resultado)

$$5 + 2 = 7$$

$$8 + 2 = 10$$

$$6 - 3 = 3$$

$$4 + 4 = 8$$

$9 - 1 = 10$ (a professora assinalou com um traço vermelho em cima do 10, apontando que o resultado não era este)

$$10 - 2 = 8$$

Nesta sabatina, a professora registrou a nota “7,0”, expressando a sua avaliação pelo desempenho da aluna na avaliação.

Na segunda atividade, que envolveu também a tarefa “**Sabatinas**”, a aluna desenhou 10 bolinhas e pintou 5 vermelhas e 5 azuis.



As operações matemáticas da sabatina foram as seguintes e as bolinhas serviram como um recurso concreto para a realização das continhas:

$$6 + 4 = 10$$

$$7 - 3 = 10 / \text{(a professora assinalou o erro com um traço vermelho na diagonal)}$$

$$5 + 4 = 9$$

$$2 + 5 = 7$$

$$8 - 3 = 5$$

$$5 + 5 = 10 \text{ (a professora sinalizou em vermelho o sinal = que a aluna não colocou)}$$

$$6 - 4 = 2$$

$$9 - 4 = 5$$

$$7 + 3 = 3 / \text{(a professora assinalou o erro com um traço na diagonal escrito com caneta vermelha)}$$

$$8 - 4 = 4$$

A professora registrou a nota “8,0” nesta sabatina, devido a oito acertos e duas respostas erradas.

A outra sabatina referiu-se ao “**Cálculo Mental**” escrito em vermelho no centro da página pela professora.

No cálculo mental a professora ditou a operação e a aluna colocou o resultado.

1-	2	6-	6
2-	4	7-	5
3-	3	8-	8
4-	4	9-	9
5-	3	10-	10

No cálculo número 9, o resultado registrado pela aluna não está correto, portanto a professora assinalou com caneta vermelha um traço em diagonal em cima do resultado, apontando o erro cometido.

A professora avaliou com “9,0” o cálculo mental.

Outro cálculo mental foi realizado.

1-	3
2-	4
3-	10
4-	8
5-	8

No número 5, a professora assinalou o erro, da mesma forma como fez os outros, com um risco em diagonal. A marca de correção da professora foi “8,0” escrito com caneta vermelha.

Na próxima página, a aluna trabalha com a noção de dezena. A atividade inicia com o desenho de 10 balõezinhos coloridos, depois escreve cinco linhas dos números 1 até o 10.

Assim como existe a preocupação com a letra legível, clara e quase que cristalizada, os números também deveriam ser escritos de forma uniforme, respeitando o traçado e a linha onde está escrito.

Na página seguinte, a aluna realizou várias operações de adição e subtração no caderno. A professora fez uma observação escrita com caneta vermelha alertando que faltou a

“Data e bolas”. Portanto, a avaliação da professora foi “9,5”, escrito em diagonal, com caneta vermelha, ao lado do exercício realizado.

Um outro exercício datado, de 07/06/1958, envolvendo operações matemáticas, recebe a correção da professora com a nota “10,0”, escrito com caneta vermelha, no canto da página.

O exercício do dia 11/06/1958, inicia com o desenho das bolinhas, que seria o material de contagem para a realização das operações.



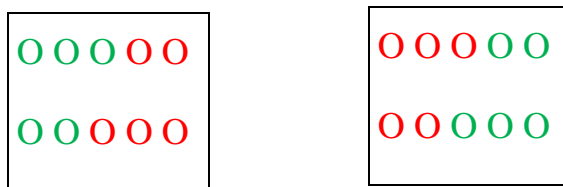
A 1ª coluna são as operações de adição e a 2ª coluna são as de subtração. Neste exercício faltou duas operações, uma na coluna da adição e outra na coluna da subtração. A professora escreveu com caneta vermelha e com números pequenos, as operações que faltaram, na ordem em que elas deveriam ter sido copiadas, como também escreveu o resultado nas mesmas.

$3 + 3 = 6$	$10 - 2 = 8$
$3 + 7 = 10$	$10 - 5 = 5$
$3 + 2 = 5$	$10 - 9 = 1$
$3 + 6 = 9$	$10 - 7 = 3$
$3 + 4 = 7$	$10 - 1 = 9$
$3 + 1 = 4$	$10 - 3 = 7$
$3 + 5 = 8$	$10 - 8 = 2$
$3 + 7 = 10$	$10 - 4 = 6$

A professora expressa a sua avaliação com a nota “9,0” escrita na diagonal com caneta vermelha.

Os exercícios dos dias 16, 17, 18, 19 e 20/06/1958 envolveram operações matemáticas de adição e subtração. As marcas de correção da professora foram registradas com a nota “10,0”, acompanhada do conceito “M.B.”, escritos na diagonal, com caneta vermelha.

O outro caderno de Aritmética de Elisabeth datado de 27/05/1958 a 08/10/1958, compreende exercícios de operações matemáticas de adição e subtração, escrita dos números em ordem crescente de 1 a 10 e de 11 a 20. Os exercícios iniciam na maioria das vezes com o desenho do cartão dezena²⁵: são 10 bolinhas desenhadas, cinco numa linha e cinco na linha abaixo. Na 1ª linha as três primeiras bolinhas são pintadas de uma cor e as outras duas de outra cor. Na linha abaixo, duas bolinhas são de uma cor e as outras três de outra cor. Em outras situações são desenhados dois cartões dezenas, com cinco bolinhas na primeira linha e cinco bolinhas na segunda linha, e ao lado deste cartão outro também está desenhado.



Como no caderno de Aritmética de Elisabeth, os cálculos matemáticos são rotinas diárias na sala de aula, a tabela abaixo, demonstra as operações mais realizadas envolvendo adição, subtração, adição e subtração e o emprego do cartão dezena.

As marcas de correção feitas pela professora com caneta vermelha, estão contempladas na tabela.

²⁵ Cartão dezena era um material semi-concreto, utilizado nas séries do Curso Primário para trabalhar contagem. Servia como modelo de quantidade.

Marcas de Correção	Observações	Operações de Adição	Operações de Subtração	Operações de Adição e Subtração	Operações com Cartão Dezena	Total
10,0	-	16	05	12	03	36
9,5	Bolas (1) e data e bolas (1)	02	-	-	-	02
9,0	-	-	01	-	-	01
8,0	-	-	-	01	-	01
M.B.	-	13	-	06	-	19

Quadro 14 – Marcas de Correção dos Cadernos de Aritmética
Fonte: Caderno Escolar de Aritmética de Elisabeth Pfeifer (1958)

A partir desta tabela fica evidenciado que as operações de adição eram realizadas com maior frequência do que as de subtração e adição e subtração.

As notas “9,5”, “9,0” e “8,0”, estão relacionadas aos erros nos cálculos e à falta das bolinhas e da data no caderno da aluna.

O conceito M.B. (Muito Bom ou Muito Bonito) na maioria das vezes vinha acompanhado da nota “10,0” e referia-se ao capricho, organização e acerto de resultados dos cálculos. Neste caso, a presença dos conceitos nas atividades realizadas, exerce o papel de estimulador no processo de ensino e de aprendizagem.

Marcas de Correção	Número de Vezes
M.B. (Muito Bom) acompanhado da nota 10,0	35
Muito Bonito acompanhado da nota 10,0	13
Total	48

Quadro 15 – Marcas de Correção repetidas nos cadernos de Aritmética
Fonte: Cadernos de Aritmética de Elisabeth Pfeifer (1958)

O terceiro caderno de Aritmética de Elisabeth se refere às atividades realizadas em aula no período de 10/06/1958 até 13/09/1958.

Como o caderno contempla somente operações matemáticas, o quadro abaixo facilita a análise e compreensão do conteúdo existente.

Marcas de Correção	Operações de Adição	Operações de Subtração	Operações de Adição e Subtração	Total
10,0	07	03	09	19
9,5	01	01	01	03
9,0	-	-	04	04
7,0	-	-	01	01
M.B.	06	-	06	12
Carimbo	02	01	02	05
Sem marcas de correção	02	05	06	13

Quadro 16 – Marcas de Correção registradas pela professora nas operações matemáticas

Fonte: Cadernos Escolares de Aritmética de Elisabeth Pfeifer (1958)

Neste caderno, as operações de adição e subtração foram trabalhadas quase que diariamente no caderno da aluna. O carimbo surge como uma marca de correção da professora e está representado com “*flores, passarinho, Mickey e coelhinhos*”. Também há exercícios de operações matemáticas que não apresenta nenhuma marca de correção do professor nem do aluno.

Percebe-se que a maioria das operações realizadas nos cadernos apresentou correção em forma de notas, carimbos ou conceitos. Conclui-se também, que havia mais de um caderno de aritmética de sala de aula para a realização de operações matemáticas, pois as datas existentes neles envolvem períodos mensais concomitantes.

Ao analisar todos os cadernos da aluna correspondentes à 1ª série do Curso Primário, percebemos que a cor vermelha predomina nas correções dos cadernos de Elisabeth. Embora a qualidade não explicita a ideia, as cores são convencionadas socialmente e atuam na produção de determinados sentimentos.

Essas marcas de correção feitas pelos professores, aproximam-se dos traços de controle, das relações de força e poder e manifestam o poder de saber que inclui ou exclui a produção dos alunos.

Diante desta análise, destaca-se o caderno escolar como um suporte de escrita portador de marcas de quem ensina e de quem aprende. Os registros ali presentes assinalam um percurso da memória escolar e o torna um documento, pois as anotações ali presentes, na maioria das vezes, são registros exclusivos do professor.

As marcas de correção encontradas nos cadernos do curso primário, não são vistas como elementos pedagógicos neutros que marcam apenas acertos e erros, mas como práticas

discursivas que permeiam as instituições, seus contextos e as relações ensino-aprendizagem, professor-aluno (LOPES, 2008, p.190-191).

Nos cadernos de Elisabeth, encontraremos marcas da própria aluna, como os carimbos pintados e a personalização dos frisos coloridos. Entretanto, não estão presentes as assinaturas do pai nem da mãe da aluna, nos cadernos analisados.

Pelas marcas de correção encontradas nos cadernos analisados, depreende-se que Elisabeth tinha o perfil de boa aluna, realizando as tarefas com capricho, organização, zelo e bom desempenho.

Erico Winfried Wickert

Professora: Íris Dreher – 1ª série A - 1948

São seis os cadernos da 1ª série A do Curso Primário de Erico Winfried Wickert.

Na tabela abaixo, destaco as marcas de correção presentes nestes cadernos escolares.

Disciplinas	Caligrafia	Aritmética	Desenho	Total
Marcas de Correção				
10,0	12	36	-	48
V (Visto)	-	01	-	01

Quadro 17 – Marcas de Correção dos cadernos da 1ª série de Erico W. Wickert
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

O quadro abaixo apresenta o artefato utilizado pela professora no momento da correção.

Artefatos utilizados nas correções	Lápis de Cor Vermelho	Caneta com Tinta Vermelha	Caneta com Tinta Preta
Número de correções	44	03	02

Quadro 18 – Artefatos utilizados nas correções dos cadernos de Erico Wickert
Fonte: Cadernos de Caligrafia, Aritmética e Desenho da 1ª série do aluno Erico Wickert

Pelo quadro, percebe-se que na maioria das vezes a professora empregou o lápis de cor vermelho para registrar a sua marca de correção nos cadernos de Erico.

Caderno de Caligrafia

O caderno de caligrafia de Erico, da 1ª classe A, é de quadrinhos grandes e apresenta na primeira página, exercícios de preenchimento de linhas com os sinais (/) traço na diagonal, (I) palitinhos e (i) escrita em letra cursiva. Nesta página não há marca de correção.

A segunda página do caderno está em branco. A terceira página os quadrinhos estão todos preenchidos com a letra (U). A marca de correção é o “10,0” escrito com lápis de cor vermelho, na diagonal, localizado no canto direito da folha, na antepenúltima linha.

Os exercícios seguintes se referem ao preenchimento de linhas com as diversas letras do alfabeto. Estas letras estão escritas dentro de cada quadrinho, com lápis de escrever. As letras escritas estão registradas com letra cursiva. São várias linhas preenchidas com a letra (i), (u), (a), (o), (l). As demais páginas do caderno apresentam a escrita das sílabas (ia), (ai), (eu), (au), das palavras (ovo), (viva), (vovô), e da frase (Eu vi o ovo).

As marcas de correção da professora, expressas nas atividades do caderno, é a nota “10,0”, e está escrita na maioria das vezes com lápis de cor vermelho, e em poucas situações com caneta vermelha ou preta.

Cadernos de Aritmética

São três os cadernos de Aritmética de Erico.

Os primeiros cadernos de Aritmética estão registrados os numerais de **1 a 8**. São páginas inteiras com o registro destes números. Em cada página as linhas estão preenchidas com os números **1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8**. Junto aos números se encontra o desenho de algum objeto, flor, número, bicho, etc., representando as quantidades. Por exemplo, no número **1**, o aluno preencheu **9** linhas com a sua escrita e no final da página desenhou uma bola. No número **2**, dois navios, no número **3**, três casas, no número **4**, quatro canecas, no número **5**, cinco barcos, no número **6**, seis bandeiras, no número **7**, sete coqueiros e no número **8**, oito flores.

Neste caderno, estão registradas operações matemáticas de adição e subtração e estão acompanhadas de desenhos para utilização no desenvolvimento das atividades. O caderno

quadriculado permite que cada número seja escrito dentro de cada quadrinho. Apenas na última página do caderno consta a data do dia (13-8-1948). Na finalização de cada exercício o friso está contemplado.

No primeiro caderno a nota “10,0”, escrita pela professora, aparece treze vezes registrada. Ela está presente na maioria dos exercícios realizados. Em onze vezes, está escrita com lápis de cor vermelho e em duas vezes com caneta vermelha. O visto também surge uma vez neste caderno, representando uma marca de correção da professora, escrito com lápis de cor vermelho. Todas as marcas presentes aparecem registradas na forma diagonal, inclinada, sempre no canto direito da página, ocupando as últimas linhas da folha. A marca de correção 10,0 vem acompanhada com um traço embaixo. O “V” para o visto aparece com um pontinho do lado “V”.

O terceiro caderno de Aritmética apresenta data em todos os exercícios realizados. Compreende o período de 18-06-1948 a 12-08-1948. Neste caderno, estão registrados 23 exercícios envolvendo operações de adição e subtração. Às vezes, ao lado da operação, o aluno representa os cálculos com desenhos.

A nota “10,0”, escrita pela professora, aparece catorze vezes neste caderno. Em onze vezes a nota “10,0” aparece registrada com lápis de cor vermelho, duas vezes escrito com caneta de tinta preta e uma vez com caneta de tinta vermelha. Neste caderno também as marcas de correção, aparecem registradas na forma diagonal, inclinada, sempre no canto direito da página, ocupando as últimas linhas da folha. A marca de correção “10,0” vem acompanhada com um traço embaixo.

Os dois cadernos de desenho da 1ª série do Curso Primário apresentam trabalhos feitos pelo aluno. São desenhos de *coelhos, bonde, paisagem com casa, grama, flores e árvores, caminhão, meios de transportes e animais*. Em nenhum dos desenhos há marcas de correção.

Luiz Carlos Petry

Professora: Lia Mostardeiro – 1ª série B - 1951

Diferente dos cadernos de Elisabeth e Erico, os cadernos de Luiz Carlos compreendem uma coleção. São cinco tomos de cadernos, todos encadernados. Cada tomo de cadernos corresponde a uma série do Curso Primário.

Luiz Carlos Petry, doou esta coleção de cadernos ao “MCF” no ano de 2009, quando visitou a escola para um encontro de turma, reunindo os ex-alunos do curso ginásial.

A coleção de cadernos da 1ª série do Curso Primário compõe 27 cadernos escolares e um boletim e está encadernada na cor verde escuro. A coleção inicia com uma folha solta com um envelope colado com o boletim de notas dentro. Cada caderno possui na sua capa a etiqueta padrão da escola, constando o nome do aluno escrito a lápis ou em caneta tinteiro.

Matérias	Aritmética	Caligrafia	Ditado	Cópia	Diário do Aluno	Desenho
Número de Cadernos	06	07	03	02	01	06

Quadro 19 – Número de cadernos escolares analisados da 1ª série de Luiz Carlos Petry (1951)
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Na coleção há o caderno intitulado “Diário de Luiz Carlos”. Nesse documento, o aluno registrava atividades realizadas fora da escola em forma de redação, seguidas de uma figura colada no final do trabalho. Esse caderno tem como data de início o dia 27 de agosto de 1951 e vai até o dia 10 de outubro do mesmo ano.

Hoje eu fui com uma moça esperar o ônibus. Também fui tirar um retrato. Até amanhã (27/08/1951).

Hoje o meu amiguinho está de aniversário. Eu dei um livro de história. Foi um livro muito bonito (10/10/1951).

Os cadernos da 1ª série são escritos a lápis e enfeitados com lápis de cor.

Essa coleção de cadernos escolares, guardados e encadernados a partir de um capricho da Sra. Hilda Petry, mãe de Luiz Carlos Petry, confirma que o caderno escolar foi alvo da preservação de um tempo e que, movido por motivos afetivos, pode ser encontrado em arquivos pessoais e familiares como relíquia dos tempos da escola. Ela foi uma guardiã da memória familiar e está contribuindo para a preservação desses papéis, ainda esquecidos, trazendo à luz um objeto quase invisível que guarda a memória da escola e da educação da década de 1950.

Inseridas numa prática rotineira e recorrente do exercício docente, as marcas de correção presentes nesta coleção de 27 cadernos, assinala, por meio de registros escritos, sinais gráficos ou imagéticos, a presença do professor.

Nos cadernos de Luiz Carlos, as correções eram realizadas diretamente nos cadernos, de um dia para o outro. Percebe-se que essas práticas eram realizadas a partir de observações diretas dos exercícios em aula e revisão dos temas de casa através do reconhecimento dos cadernos.

Marcas de correção	Aritmética	Caligrafia	Ditado	Diário	Cópia	Desenho	Total
10,0	97	90	20	-	14	26	247
9,5	11	21	08	-	08	-	48
9,0	08	09	09	-	04	04	34
8,5	-	-	01	-	-	-	01
8,0	02	-	03	-	01	01	07
7,0	-	-	-	-	-	01	01
(/)erro	08	-	-	-	-	-	08
(C) Certo	14	-	-	-	-	-	14
Visto	02	01	-	-	-	-	03
Carimbo	04	18	03	-	04	-	29
MB	06	05	-	-	01	01	13
Observação	Números mais bonitos! (02) Um pouco mais bonito! (01) Sabes fazer mais bonito! (01)	-	-	-	Letrinha mais bonita! (01) Continua a caprichar a letrinha, (01)	-	02
Correção do aluno	-	-	-	-	-	16	16

Quadro 20 – Marcas de Correção presentes nos Cadernos Escolares de Luiz Carlos Petry
Fonte: Cadernos Escolares de Luiz Carlos Petry da 1ª série (1951)

O quadro acima demonstra quais as marcas de correção eram utilizadas pela professora e como elas definem a identidade da comunidade escolar representando seu discurso.

As anotações ou marcas de correção nos cadernos se apresentam como um registro exclusivo da professora. Quando as atividades eram corrigidas pelo aluno, as marcas são semelhantes às da professora.

Nos cadernos escolares analisados, as marcas de correção representam marcos de avaliação da aprendizagem e são registradas de modo visível, facilitando o reconhecimento da comunidade escolar.

Em todos os cadernos da coleção, as marcas de correção são feitas sempre em vermelho. Essa cor associa-se à proibição, à instrução, ao cuidado e ao elogio, e sugere que

seja diferente da cor utilizada pelo aluno, valorizando o contraste entre a resposta e a correção.

Os sinais destacados no quadro acima representam a simbologia que a professora “*esteve ali e viu*” a atividade do aluno.

Isso se assemelha ao *panopticon*²⁶ de Foucault (1975): o professor assume uma atitude de vigilância sobre todas as atividades realizadas por todos os alunos, “vê a tudo e a todos”.

E, por meio dessa representação, assinala o posicionamento hierárquico das relações institucionais. A família por meio das marcas de correção, também controla as ações do professor, já que elas informam aos pais que ele acompanha o percurso do aluno sistematicamente.

O *panopticon* (*edifício em forma de anel*) se inverte: a comunidade vigia a atividade docente ao olhar para os indicadores de correção e, desse modo, verifica se o professor vem acompanhando cada um dos alunos em todas as atividades.

Os registros escritos que expressam que o aluno atendeu os objetivos, aparecem nos cadernos com a nota (10,0) e (MB). Para o erro, a professora utiliza um traço na diagonal (/) em cima do número, letra, palavra ou resposta, sobrepondo a escrita da professora à do aluno.

Os carimbos aparecem nos cadernos para revelar que as atividades foram realizadas com distinção, como também buscar uma aproximação com o universo do aluno. O capricho e a completude das atividades são aspectos rigorosamente controlados na correção.

²⁶ Panopticon é um modelo de prisão em que as celas estão dispostas circularmente, de maneira que os guardas em uma torre central têm visão perfeita de todas as elas ao mesmo tempo. Permitia total visibilidade e, portanto, controle dos prisioneiros, e por isso foi escolhido por Foucault como símbolo da sociedade da disciplina (FOUCAULT, 1975, p. 186-213)

Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 1ª série B

<i>Luiz Carlos Petry</i>					
	1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre	OBSERVAÇÕES	VISTO
Atitude escolar	E	E	E	1.º trimestre Em 31. 5. 1951 Lia Mostardeiro	<i>Lia Mostardeiro</i>
Atenção	E	E	E		
Atividade escolar	E	E	E		
Português	8	8	8	2.º trimestre Em 15. 9. 1951 3.º Lugar Lia Mostardeiro	<i>Lia Mostardeiro</i>
	10	10	10		
	9	9	9		
	9	9	9		
Aritmética	10	10	10	3.º trimestre Em 15. 12. 1951 3.º Lugar Lia Mostardeiro	<i>Lia Mostardeiro</i>
Caligrafia	10	10	10		
Comparecimento tardio	2	-	-	Observações finais: Promovido à 2.ª classe <i>Vilma G. Funcha</i> <i>Professora</i>	
Faltas	8 dias	7 dias	8 dias		
Prof. Regente	<i>Lia Mostardeiro</i>				

Figura 22 - Boletim escolar de Luiz Carlos Petry da 1ª série B do Curso Primário.

Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha(2002)

As notas presentes no Boletim do aluno da 1ª série expressam que a avaliação do aluno está relacionada às marcas de correção encontradas nos cadernos escolares.

Luiz Carlos foi um aluno entre os dois mil ex-alunos alfabetizados pela professora Lia e que a partir da análise de seus cadernos escolares, evidencia-se a metodologia empregada pela escola onde as marcas de correção, materializam uma representação da memória discursiva da comunidade escolar. O uso da caneta vermelha e os sinais gráficos empregados definem a linha pedagógica da escola expressa na avaliação como elemento regulador da aprendizagem e processo contínuo da construção do conhecimento.

Também fica comprovado, que para esta professora, as marcas de correção evidenciam o seu “controle” e a hierarquia que ela exercia sobre o seu trabalho docente, uma vez que diariamente as atividades e os exercícios eram “vistos” pela professora e carregados no que se refere à identidade de alfabetizadora desta professora.

Gladis Renate Weiner

Professora: Íris Dreher – 1ª série A - 1953

Os cadernos de Gladis também estão encadernados e apresentam uma capa dura na cor verde escuro. A coleção de cadernos escolares da 1ª série A se compõe de 22 cadernos e um boletim escolar.

O conjunto de cadernos inicia com um envelope anexado à coleção, com o boletim de notas dentro. Cada caderno possui na sua capa a etiqueta padrão da escola, constando o nome da aluna e o número de matrícula escrito a lápis ou em caneta tinteiro.

Disciplinas	Número de Cadernos
Aritmética	05
Caligrafia	02
Cópia	02
Desenho	01
Ditado	03
Português	09
Total	22

Quadro 21 – Número de Cadernos Escolares analisados de Gladis Renate Wiener da 1ª série B (1953)
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

A coleção de cadernos escolares de Gladis, guardados e encadernados a partir de um capricho de sua mãe, a Sra. Ellen Wiener, revelam assim como os cadernos de Luiz Carlos Petry, que ela foi uma guardiã da memória familiar e que talvez, sem pretensão, está contribuindo para a preservação desses documentos e auxiliando na reconstrução de uma trajetória de ensino e aprendizagem da cultura escrita, uma vez que os cadernos eternizam em suas páginas, métodos de trabalho e de ensino utilizados ao longo dos anos.

Na tabela abaixo, está o registro das marcas de correção encontradas nos cadernos de Gladis da 1ª série A do Curso Primário.

Marcas de Correção	Aritmética	Caligrafia	Cópia	Desenho	Ditado	Português	Total
10,0	104	30	21	-	43	68	266
9,5	04	01	-	-	06	10	21
9,0	04	-	-	-	01	-	05
Muito Bonito!	05	-	-	-	-	02	07
Lindo!	01	-	-	-	-	01	02
M.B.	01	01	02	-	-	-	04
V (Visto)	-	-	-	-	02	02	04
Figurinha colada	-	-	-	-	13	-	13
Carimbo	-	05	01	-	-	14	20
Assinatura Pai/Mãe	01	-	-	-	46	-	47
Assinatura Aluna	01	-	35	-	-	42	78

Quadro 22 – Marcas de Correção presentes nos Cadernos Escolares da aluna Gladis Renane Wiener da 1ª série B - Fonte: Cadernos Escolares de Aritmética, Caligrafia, Cópia, Desenho, Ditado e Português (1953)

Pela tabela, identificamos quais as marcas de correção utilizadas pela professora. A nota 10,0 é a marca mais empregada. Na maioria das vezes ela aparece escrita com lápis de cor vermelho. Estas marcas estão expressas no caderno de Gladis, quase que diariamente.

Nos cadernos de Gladis, vamos encontrar a presença das assinaturas do pai e da mãe da aluna.

A assinatura da mãe é mais frequente do que do pai nos cadernos de Ditado. Nos três cadernos a assinatura do responsável está presente.

Essa marca familiar não é observada nos demais cadernos dos alunos.

A assinatura da aluna surge nos cadernos de Cópia e de Português. Nesse caso, a presença da assinatura da aluna, aparece mais como um treino da letra e do próprio nome, para que desenvolva uma letra bonita e bem traçada.

A figurinha colada pela professora, no caderno de Ditado, surge como um presente pelo bom desempenho na escrita, onde são considerados aspectos como capricho, organização e escrita correta das palavras.

A expressão “**Muito Bonito!**” e “**Lindo!**”, é uma anotação que expressa expectativa que se transformam em pareceres que não se referem, exclusivamente, à produção acadêmica da aluna, mas também ao contexto relacional professor-aluno. A presença mais ou menos regular de expressões que manifestam um predomínio emocional é reforçada pelo uso constante do ponto de exclamação.

A letra “**V**” sugere que a atividade foi vista e/ou lida e, em geral, está escrita em diagonal.

O **carimbo** também sugere um agrado e uma marca mais contida, pois permite que o aluno interaja com a esta marca de correção, pintando e imprimindo mais estética ao seu caderno.

O Boletim Escolar da aluna Gladis Renate Wiener

Gladis Renate Wiener				OBSERVAÇÕES	VISTO
	1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre		
Atitude escolar	E	MB	MB	1.º trimestre	Visto Luis Dreher
Atenção	E	E	E	Em 30. 5. 1953	
Atividade escolar	E	E	E	Luis Dreher	
Português	9 10 } 9	9 10 } 10	9 10 } 10	2.º trimestre	Visto Luis Dreher
				Em 30. 9. 1953	
				Luis Dreher	
				1.º lugar!	
Aritmética	10	10	10	3.º trimestre	Visto Luis Dreher
Caligrafia	10	10	10	Em 15. 12. 1953	
Luis Dreher					
Comparecimento tardio...	2	-	-	Observações finais:	Promovida à 2.ª classe! Parabéns! WILMA G. FUNCKE Diretora
Faltas	-	8 dias	-		
Prof. Regente	Luis Dreher				

Figura 23 - Boletim escolar de Gladis Renate Wiener da 1ª série A do Curso Primário.
Fonte: Coleção de Cadernos da aluna Gladis Renate Wiener

Pelos resultados expressos no boletim da 1ª série A de Gladis, percebemos que as notas obtidas nos cadernos se refletem nos resultados deste documento.

No boletim, Gladis conquistou o 1º lugar nos três trimestres de avaliação.

3.3.2 OS CADERNOS ESCOLARES DA 2ª SÉRIE DO CURSO PRIMÁRIO

Erico Winfried Wickert

Professora: Lory Hajek Noll – 2ª série A – 1949

Na tabela abaixo, destacamos os cadernos da 2ª série A de Erico e as respectivas disciplinas.

Disciplinas	Número de Cadernos
Ciências	01
Desenho	02
Ditado	02
Geografia	01
História	01
Redação	01
Total	08

Quadro 23 – Número de Cadernos Escolares analisados de Erico W. da 2ª série A (1949)

Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Caderno de Ditado

O caderno de Ditado de Erico é um caderno de caligrafia e possui 16 folhas. No 1º semestre, os ditados foram realizados com lápis de escrever, mas a partir do mês de junho foram escritos com caneta tinteiro. A data da realização dos ditados é escrita no lado esquerdo antes da margem vermelha do caderno. Os ditados são todos numerados.

No quadro abaixo, estão todos os ditados, as datas em que foram realizados e a legenda de correção utilizada para avaliação em cada um deles (erros, ordem e nota), a correção feita pelo aluno quando necessária e as observações feitas pela professora. Além dos ditados numerados, totalizando 19, também estão presentes 05 ditados de sabatina.

Quanto à legenda escrita no final de cada ditado, os **erros** destinavam-se a marcar a quantidade de faltas cometidas pelo aluno na escrita das palavras, a **ordem**, para o capricho e a apresentação do ditado, e a **nota**, para a quantidade valorativa do trabalho realizado.

Número do Ditado	Data	Erros	Ordem	Nota	Correção	Observações
1º (lápis)	10/03/1949	01	10,0	9,5	(V)Visto	-
2º (lápis)	17/03/1949	-	10,0	10,0	-	-
3º (lápis)	25/03/1949	01	10,0	9,5	(V) Visto	-
4º (lápis)	02/04/1949	-	9,0	10,0	-	-
5º (lápis)	08/04/1949	-	10,0	10,0	-	-
6º (lápis)	22/04/1949	01	10,0	9,5	(V) Visto	-
Sabatina (lápis)	28/04/1949	-	10,0	10,0	-	-
7º (lápis)	06/05/1949	-	10,0	10,0	-	-
8º (lápis)	13/05/1949	02	10,0	9,0	(V) Visto	-
Sabatina (lápis)	17/05/1949	01	7,0	9,5	(V) Visto	Que letra feia!
9º (caneta tinteiro)	03/06/1949	01	10,0	9,5	(V) Visto	-
10º (caneta tinteiro)	13/06/1949	-	10,0	10,0	-	-
Sabatina (caneta tinteiro)	21/06/1949	01	10,0	9,5	(V) Visto	-
11º (caneta tinteiro)	29/07/1949	-	10,0	10,0	-	-
12º (caneta tinteiro)	06/08/1949	02	10,0	9,0	(V) Visto	-
13º (caneta tinteiro)	12/08/1949	01	10,0	9,5	(V) Visto	-
Sabatina (caneta tinteiro)	02/09/1949	-	9,0	10,0	-	-
15º (caneta tinteiro)	16/09/1949	01	7,0	9,5	(V) Visto	Copiar o ditado.
16º (caneta tinteiro)	23/09/1949	01	10,0	9,5	(V) Visto	-
17º (caneta tinteiro)	30/09/1949	-	9,0	10,0	-	-
18º (caneta tinteiro)	07/10/1949	-	9,0	10,0	-	-
Sabatina (caneta tinteiro)	19/10/1949	02	9,0	9,0	(V) Visto	-
19º (caneta tinteiro)	28/10/1949	-	9,0	10,0	-	-

Quadro 24 – Marcas de Correção do Caderno de Ditado
Fonte: Cadernos de Ditado de Erico Wickert da 2ª série A (1949)

Legenda:**Erros:** número de erros na escrita das palavras**Ordem:** capricho e apresentação**Nota:** quantidade valorativa

O 1º ditado compreende a escrita de 4 frases. Na 3ª frase, Erico escreveu: **“Diva comeu toda as balas do pacote”**. Na palavra **“todas”**, ele esqueceu de colocar o **“s”**. Portanto sua nota foi **“9,5”** e na correção escreveu quatro vezes a palavra, preenchendo uma linha.

A última frase escrita no ditado foi **“Eu gosto de cadernos limpos”**. Não contém erro, porém se percebe que havia uma preocupação, insistência e exigência por parte da professora, deixando claro seu pensamento em relação aos cuidados de higiene com os cadernos escolares de seus alunos.

No 3º ditado, Erico escreveu **“patato”** invés de **“pato”**. A professora registra o erro do aluno, colocando um traço vermelho embaixo da palavra e escreve-a corretamente em cima da palavra escrita pelo aluno.

Na segunda sabatina de ditado, a professora assinala o erro na palavra **“arranhando”** escrevendo com caneta vermelha os dois **“rr”**. Na legenda ela atribuiu: **Erros:** 1,0; **Ordem:** 7,0 e **Nota:** 9,5 e escreveu a seguinte observação com caneta vermelha: **“Que letra feia!”** Ao escrever esta frase no caderno de Erico, a professora destaca a sua indignação e descontentamento em relação à letra apresentada pelo aluno no ditado e destaca na sua avaliação, de forma explícita que ele deve escrever melhor, correto e legível.

No 15º ditado, a professora escreveu a seguinte observação: **“Copiar o ditado”**. Neste ditado, Erico recebeu a nota **“9,5”**, devido à repetição da preposição **“de”** na frase: **“Umberto e Santa brincam no quintal, à sombra de uma laranjeira”**. Entretanto no critério **“ordem”**, que envolveu capricho, boa letra, legibilidade, a nota foi **“7,0”**, fazendo com que a professora solicitasse uma cópia do ditado como forma de correção.

Nos ditados que apresentaram erros, conforme a tabela acima, a correção deveria ser feita pelo aluno, escrevendo novamente as palavras, as frases ou o ditado de novo. Nesses casos, a professora sempre verificava se o aluno realizava a correção, registrando o **“V”**, para

visto. Ao fazer este registro, a professora demonstrava que estava atenta na realização do trabalho do aluno.

Caderno de Redação

O caderno de redação de Erico está encapado com papel na cor azul cinzento e é um caderno de caligrafia. Junto à capa do caderno estão todas as redações realizadas pelo aluno em folhas soltas de bloco, com linhas simples. Estas redações estão todas corrigidas pela professora. No caderno, elas foram copiadas corretamente e com capricho. Nesse sentido, percebe-se que a professora avaliou a redação feita nas folhas, apontando os erros existentes, também atribuiu uma nota escrita com caneta vermelha, em cima do canto esquerdo da folha. Nas redações copiadas no caderno, a professora avaliou a partir de uma legenda: **“Ordem”**: para organização, capricho e boa letra e **“Original”**: pela clareza do assunto e desenvolvimento das ideias.

Data	Título	Ordem	Original	Desenho
24/05/1949	O dia da mãe	10,0	7,0	Vaso de flores
11/06/1949	Os meus brinquedos prediletos	10,0	8,0	Mecano
28/06/1949	Um grande susto	10,0	9,0	Janela e borboleta
05/08/1949	Nas férias	10,0	8,0	Oca e índios
18/10/1949	O meu aniversário	10,0	9,0	Mecano e caminhão
22/10/1949	Querido amigo Paulo	10,0	8,0	-
07/12/1949	Uma tarde	10,0	7,0	Avião e ônibus

Quadro 25 – Marcas de Correção do Caderno de Redação
Fonte: Caderno de Ditado de Erico Wickert da 2ª série A (1949)

Legenda:

Ordem: organização, capricho e boa letra.

Original: clareza do assunto e desenvolvimento das ideias

As redações realizadas nas folhas de bloco foram escritas a lápis e as redações copiadas no caderno foram escritas com caneta tinteiro. Ao copiar com caneta tinteiro, cabia ao aluno desenvolver a prática de uma boa letra, da escrita clara e legível. A influência da boa letra, aprimoraria o gosto, daria prazer estético, permitindo a manifestação da personalidade do aluno. O desenho realizado em cada redação também fazia parte deste critério estético desenvolvido.

Para Orminda Marques (1936), o exercício de cópia é uma aprendizagem motriz, uma habilidade. As pessoas pensam bem escrevendo, e nesse caso, o próprio dito “pensar com o bico da pena” revela a importância de tais estruturas. O indivíduo aprende quando realmente modifica o seu comportamento, seu modo de agir. Para aprender basta repetir. Para escrever, basta escrever. A repetição é o segredo fundamental da aprendizagem.

A escrita para o professor primário, realizada a partir das redações, dos ditados e das cópias, representa instrumento importante, porque ao professor cabe ensinar a escrever. Esse ensino é baseado na imitação como o da linguagem falada.

Nas redações realizadas nas folhas soltas de bloco, a professora manifestou suas correções com caneta vermelha, assinalando palavras escritas erradas, reestruturando parágrafos e reescrevendo frases. Por exemplo, na redação “**Nas férias**”, o aluno escreveu assim: “**Um dia, vieram dois amigos de mim.**”; a professora reescreveu a frase assim: “**Um dia, foram dois amigos lá em casa.**” Na redação “**Uma tarde**”, o aluno escreveu:

“Uma tarde nos fizeram um ônibus de madeira, tão grande que nos podiam entrar e até podiam dormir. Depois nos fizemos um avião mais grande porque nos si lembraram de buscar tábuas do nosso vizinho. Nos podiam buscar as tabuas porque nos eram tão amigos que abrimos dois buraco pela cerca. E agora nos sempre podemos brincar juntos.”

A professora fez as seguintes interferências de correção nesta redação:

*“Uma tarde **nós fizemos** um ônibus de madeira, tão grande, que **podíamos** entrar e até dormir **lá dentro**. Depois **nós** fizemos um avião **maior ainda**. **Nós nos lembramos** de buscar tábuas do nosso vizinho. **Ele nos deu licença, porque somos muito amigos. Até abrimos dois buracos na cerca para passarmos e brincarmos juntos.**”*

Nesta redação, houve uma grande interferência na correção realizada pela professora. Além de fazer as correções de acentos, letra maiúscula, concordância, ela também reescreveu um final para a redação de Erico.

Caderno de Geografia

O caderno de Geografia de Erico é de caligrafia e está escrito a lápis com letra cursiva ou letra corrente.

Na primeira página do caderno Erico escreveu:

“Eu estou no 2º ano A. O meu colégio chama-se Ginásio Farroupilha. Quando termina a aula, vou de auto para casa. Eu moro na rua Eça de Queiroz n° 96.”

Por ser um caderno de Geografia, a 1ª lição registrada no caderno, fala do aluno, onde ele estuda, a série que está matriculado e onde mora. Nesta descrição, a professora atribuiu nota “10,0”.

A 2ª lição do caderno de Geografia inicia com um desenho feito por Erico. Nesta ilustração, desenhou as montanhas, o céu, a casa, as árvores, o menino e apontou os quatro pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste). Abaixo do desenho, vem a cópia de um texto, contemplando os conceitos dos pontos cardeais. Ao final da lição a professora atribuiu nota “10,0”.

A próxima lição está escrita com caneta tinteiro na cor preta. É um texto que fala da localização da casa de Erico e de seus amigos. Fala da sua cidade que é Porto Alegre. No final do texto, o aluno colou um cartão postal do Palácio do Governo de Porto Alegre. A marca de correção da professora aparece a partir de uma figurinha colada de flores coloridas, seguida da nota “10,0” escrita com caneta vermelha. Na lição da página ao lado, o aluno escreve sobre a cidade de Porto Alegre, do seu governador e onde ele mora. No final da página, desenhou e pintou a bandeira do Brasil. Novamente a marca de correção da professora é “10,0”.

Em seus cadernos, percebe-se a grande habilidade que Erico tem ao desenhar. São detalhes minuciosos que aparecem em cada traço de seus desenhos.

A outra lição também inicia com um desenho de várias ruas do centro da cidade, escreveu o nome delas e fez um edifício e a parte interna de um andar. No final do texto, a professora colou uma figurinha de anãozinho e escreveu com caneta vermelha “10,0”.

O texto seguinte fala de seus passeios de bonde pelas ruas de Porto Alegre, das fábricas que existem nestes arrabaldes, do parque que passa quando cruza algumas ruas citadas. Na margem esquerda do caderno, desenhou a fábrica RENNERT, que cita no texto, em cima da página, no espaço em branco do caderno, desenhou o bonde e no final da folha, desenhou várias fábricas. Abaixo a professora atribuiu a nota “9,0” pelo trabalho realizado.

O último texto, o aluno fala do Guaíba, que está localizado na cidade, e de sua importância. No final do texto, desenhou um navio, com detalhes bem precisos: âncora, leme, correntes, janela, bandeiras, nome do navio, etc. As nove folhas restantes do caderno ficaram em branco.

Caderno de História do Brasil

O caderno de História do Brasil de Erico é com linhas de um caderno de caligrafia. Junto à capa, estão 5 folhas de bloco com textos do aluno, copiadas a lápis. Os mesmos textos estão copiados no caderno. No quadro abaixo, estão os textos e alguns itens importantes destacados:

Texto	Bloco	Lápis	Caneta	Desenho	Nota	Caderno	Lápis	Caneta	Desenho	Nota
Os indígenas	x	x	-	-	-	x	x	x	x	10,0
Desc. Do Brasil	x	x	-	-	9,0	x	-	x	x	10,0
Caramuru	x	x	-	-	10,0	x	-	x	x	10,0
Um grande brasileiro	x	x	-	-	9,0	x	-	x	x	10,0
O grito da independ.	-	-	-	-	-	x	-	x	x	10,0
A Rev. Farroupilha	x	x	-	-	9,0	x	-	x	x	10,0
O desc. Da América.	-	-	-	-	-	x	-	x	x	10,0
O Padre Anchieta	-	-	-	-	-	x	-	x	x	10,0

Quadro 26 – Marcas de Correção do Caderno de História do Brasil
Fonte: Caderno de História do Brasil de Erico Wickert da 2ª série A (1959)

Legenda:

- X** indica que o texto foi copiado no bloco e no caderno com lápis e/ou caneta
 - indica que não está contemplado no trabalho

Os textos do caderno de História, com exceção do primeiro, **“Os indígenas”**, foram escritos com caneta-tinteiro de cor preta e com letra cursiva. Algo, que para o bom uso, exigia paciência, certa destreza e, sobretudo cautela.

Os títulos dos textos **“Os indígenas”**; **“Descobrimento do Brasil”**; **“Caramuru”**; **“Um grande brasileiro”**; **“O grito da independência”**; **“A revolução farroupilha”**; **“O descobrimento da América”**; e o **“Padre Anchieta”** podem ser agrupados na categoria de frases cívicas, pois traz ideias nacionalistas, que produzem sentimentos de orgulho, de pertencimento e civismo, como vemos nas frases abaixo:

“Os indígenas foram os antigos habitantes do Brasil. Eles moravam no mato com os animais. A casa dos selvagens chamava-se oca.”

“Os gaúchos pensavam que o Brasil não gostava deles. Então fizeram uma guerra e os soldados gaúchos andavam bem esfarrapados. Por isso eles chamaram esta guerra de Guerra dos Farrapos. E os gaúchos festejam o feriado de 20 de setembro porque nesta data terminou a guerra.”

“Os indígenas não sabiam ler nem escrever, então o Padre Anchieta catequizou-os.”

No texto **“O Descobrimento da América”**, do caderno de Erico, essas ideias nacionalistas se repetem; e a importância das datas destes acontecimentos eram marcos importantes nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Memorizar fatos, acontecimentos e datas faziam parte dos objetivos educacionais e eram conteúdos contemplados nos planejamentos de ensino.

Os textos escritos no caderno de História aludem e valorizam os grandes nomes da nação. Ressaltam os políticos ilustres no cenário da época, fortalecendo o sentido de uma história fundamentada nos “grandes homens”, que mitifica os vultos históricos da nação e cria nas crianças o sentido de sua importância.

Tanto o desenho como o texto, está relacionado ao orgulho e à grandeza da pátria e do Brasil, buscando produzir sentimentos de pertença. Nesse sentido, escreve Souza (1997, p.104) que neste período “a educação passa a ser vista como instrumento de construção da

unidade nacional” que deveria ser instituída e mantida “a partir da incorporação e/ou eliminação de elementos heterogêneos e estranhos ao projeto de nacionalidade proposto pelo Estado Novo”.

É importante destacar, que estes textos foram trabalhados no período pertencente ao contexto da Era Vargas, da Segunda Guerra Mundial e dos efeitos nacionalistas que ela produziu na sociedade brasileira. Neste período, pode-se pensar que as frases de conteúdo patriótico, contidas nos textos do caderno de História cumpriam duplo papel: desenvolver nos alunos o sentimento patriótico e de civismo e reafirmar o traço também patriótico da professora ao trabalhar com textos nacionalistas nas aulas desta disciplina.

Ao trabalhar com estes textos, a professora apresentava um discurso reproduzido, realçando as qualidades pátrias representadas pelos heróis da Nação. Alinhava chavões, superlativos e adjetivos, para enaltecer os fatos e heróis da nossa história, expressando o fundo patriótico nas frases escritas.

Caderno de Ciências

Junto à capa, encontra-se uma folha de bloco escrita a lápis com letra cursiva, datada de 19 de novembro de 1949. A folha do bloco anexada ao caderno diz respeito à Sabatina de Ciências.

A Sabatina compreendia cinco questões de completar, e o conteúdo estudado era sobre os animais úteis ao homem e os melhores alimentos.

O nome do aluno e a série estão escritos no lado esquerdo da margem.

A avaliação da Sabatina está registrada em cima da folha, no canto esquerdo. A professora atribuiu “10,0”, com caneta vermelha.

O primeiro texto está escrito a lápis e fala da formação do corpo humano (carne, ossos, membros, etc.) e do cuidado que devemos ter com a higiene do corpo.

A 1ª página do caderno inicia com uma foto colada de Erico, onde aparece de chapéu e de calção de banho, agachado junto às pedras, com um brinquedo na mão, às margens de um rio. O texto diz o seguinte:

“O nosso corpo é formado de carne e ossos. Os membros são os braços e as pernas. Na cabeça eu vejo: os olhos, o nariz, a boca, as orelhas e o cabelo. O meu coração sempre está batendo.”

A outra fotografia, Erico aparece vestindo a fantasia de “Aladin”. O texto escrito é:

“Gosto de ser asseado. É tão lindo ser limpinho. Tenho comigo cuidado. Nunca sujo meu terninho. Eu sou pequeno e sincero. E jamais tive maldade! Fazer bem eu sempre quero. E só digo o que é verdade.”

O conjunto de frases presentes no texto acima, dizem respeito à higiene e também a questões moralizantes incorporados no planejamento escolar. Sob a designação de moralizantes, no texto acima, as frases ressaltam positivamente atitudes desejadas como **“Eu sou pequeno e sincero”** e desabonam comportamentos considerados inadequados, como **“E jamais tive maldade!”**; **“E só digo o que é verdade”**.

Nesse texto, se pode identificar duas vertentes, uma relacionada à higiene do aluno, **“Gosto de ser asseado. É tão lindo ser limpinho. Tenho comigo cuidado. Nunca sujo meu terninho”** e outra, relacionada ao moralismo, que prescreve quais atitudes são esperadas de um bom cidadão.

O bom aluno deve ser limpinho, andar asseado, ter cuidado com o próprio corpo. O bom cidadão deve ser sincero, bondoso, honesto e verdadeiro ²⁷.

No outro texto, novamente aparece a preocupação com o cuidado do corpo é explícita no texto.

“Todos nós devemos ter muito cuidado com o corpo para termos saúde. Ter saúde quer dizer não ficar doente. Eu sempre como: frutas, carnes, verduras, queijo e tomo muito leite. Gosto muito de balas e doces, mas só como às vezes, porque sei que não é bom comer muito.”

O texto seguinte se refere ao cuidado dos dentes.

“Nós devemos ter uma escova e pasta para cuidar dos dentes. Eu os escovo todos os dias. Quando um dente me dói, então vou ao dentista. Eu tenho dentes bonitos e bons, mas também cuido deles.”

²⁷ Sobre noções de higiene, asseio do corpo, ver STEPHANOU e BASTOS (2005)

No final, o aluno colou uma figura da pasta dental marca “Kolinos” e uma escova de dente.

Estão presentes neste caderno, quatro textos sobre saúde do corpo.

O texto seguinte inicia com uma gravura colada representando a figura de uma mulher com dois cachorros amarrados numa guia. Os outros dois textos se referem aos animais domésticos, sua importância e utilidade ao homem.

Para ilustrar os textos sobre os animais, o aluno utilizou fotografias de animais: **uma vaca, rebanho de ovelhas, um gatinho e uma abelha tirando néctar da flor.** Como o pai de Erico possuía um atelier de fotografia, percebe-se uma grande quantidade de fotos ilustrando seus cadernos.

Todas as atividades realizadas no caderno de Ciências obtiveram a nota “10,0”, escritas em vermelho pela professora.

Boletim Escolar de Erico Winfried Wickert da 2ª série A (1949)

	1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre	OBSERVAÇÕES	VISTO
Comportamento.....	B	MB	MB	1.º trimestre.....	L. Wickert
Atenção.....	MB	MB	MB	Em 31. V. 1949	
Aplicação.....	E	E	E	Loy Hajek Noll	
Ordem.....	E	E	E		
Religião.....	10	10	9	2.º trimestre 1.º lugar.	L. Wickert
Português	Elocução... 9	9	9	Em 15. IX. 1949	
	Leitura... 10	10	10	Loy Hajek Noll	
	Ortografia... 9	9	8		
	Redação... 8	9	8		
História.....	10	10	10	3.º trimestre 1.º lugar.	L. Wickert
Geografia.....	9	10	10	Promovido à 3.ª classe.	
Aritmética.....	10	10	9	Em 15. XII. 1949	
Ciências Naturais.....	10	9	9	Loy Hajek Noll	
Caligrafia.....	9	10	10	Observações finais:	L. Wickert
Desenho.....	10	10	9		
Canto.....	6	6	6		
Educação Física.....	7	8	7		
Trabalhos Manuais.....	7	10	10		
Comparecimento tardio...	-	-	-		
Faltas.....	-	-	-		
Prof. Regente Loy Hajek Noll.					

Figura 24 – Boletim Escolar de Erico Winfried Wickert da 2ª série A do Curso Primário

Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Luiz Carlos Petry

Professora: Maria Carmem Delgado – 2ª série C – 1952

A partir do Boletim de Luiz Carlos da 2ª série, anexado junto à encadernação dos cadernos, na 1ª página, sabemos que sua professora foi a Sra. Maria Carmem Delgado. A mãe, a Sra. Hilda Petry, era a pessoa responsável pelo aluno e quem assina o boletim a cada trimestre. Também encontraremos nos cadernos, a marca da assinatura da mãe, junto às correções da professora.

Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 2ª série C (1952)

Luiz Carlos Petry				OBSERVAÇÕES	VISTO
	1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre		
Atitude escolar	E	E	E	1.º trimestre Em: 31.5.1952.	M.A. Petry
Atenção	B	MID	E	Maria Carmem Delgado	
Atividade escolar	B	MID	E		
Religião	10	10	10	2.º trimestre Em: 30-9-1952.	M.A. Petry
Português	Elocução ... 8	9	10	Em: 3.º lugar.	
	Leitura ... 9	9	9	Maria Carmem Delgado	
	Ortografia ... 8	8	9		
	Redação ... 8	8	9		
História	9	9	10	3.º trimestre Em: 16. 12. 1952.	
Geografia	10	9	8	Em: 1.º lugar.	
Aritmética	7	9	9	Promovido à 3ª classe.	
Ciências Naturais	10	9	10	Maria Carmem Delgado	
Caligrafia	7	8	9	Observações finais:	
Desenho	10	9	10	WILSA G. SCHUCKE	
Música	8	8	8		
Educação Física	7	7	7		
Trabalhos Manuais	10	8	10		
Comparecimento tardio ...	-	-	-		
Faltas	-	1	1		
Prof. Regente Maria Carmem Delgado.					

Figura 25 – Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 2ª série C do Curso Primário
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

O número de cadernos presentes na coleção da 2ª série está assim distribuído:

Matérias	Número de Cadernos
Deveres	01
Aritmética	06
Gramática/Português	06
Caligrafia	01
Desenho	03
História	01
Geografia	01
Ditado	02
Ciências	01
Meu Diário	01
Total	23

Quadro 27 – Número de Cadernos Escolares analisados de Luiz Carlos Petry da 2ª série C
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Na tabela abaixo, constam as marcas de correção utilizadas pela professora nos cadernos de Luiz Carlos. Estas marcas eram feitas com caneta vermelha, quase que diariamente, em Aritmética e Português.

Na tabela abaixo, destacam-se as marcas de correção utilizadas pela professora da 2ª série e as disciplinas em que elas aparecem.

Marcas de Correção	Aritmética	Gramática/Português	Caligrafia	Desenho	Hist.	Geogr.	Ditado	Ciências	Meu diário	Total
10,0	117	91	02	-	05	05	08	05	-	233
9,5	-	-	-	-	-	-	03	-	-	03
9,0	22	34	01	-	02	02	06	-	-	67
8,5	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
8,0	05	05	-	-	-	-	01	-	-	11
7,5	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
7,0	-	-	-	-	-	-	01	-	-	01
C (Certo)	214	100	-	-	18	12	41	-	-	452
/ (Erro)	16	09	-	-	-	-	-	-	-	25
x (Erro)	07	08	-	-	-	-	-	-	-	15
? Dúvida)	02	02	-	-	-	-	-	-	-	04
--(Falta de acento)	-	04	-	-	-	-	-	-	-	04
V (Visto)	-	02	-	-	-	-	-	-	-	02
Assinatura da mãe	-	-	-	-	-	-	14	-	-	14
Observação	-	Faça suas correções	-	-	-	-	Parabéns	-	-	02

Quadro 28 – Marcas de Correção dos cadernos de Luiz Carlos Petry da 2ª série C
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Pela tabela, se percebe que a nota “10,0” e o sinal “C”, para certo, são as marcas de correção mais utilizadas pela professora nos cadernos escolares de Luiz Carlos da 2ª série. A nota “10,0” aparece 233 vezes nos cadernos e o “C” para certo, é empregado 452 vezes.

Nos 24 cadernos analisados, apenas duas observações escritas pela professora foram encontradas; no caderno de Gramática a expressão foi “Faça suas correções”, e no caderno de Ditado a expressão escrita foi “Parabéns”.

Em Aritmética e Português, as marcas de correção estão presentes quase que diariamente.

Gladis Renate Wiener

Professora: Maria Carmem Delgado – 2ª série B - 1954

A coleção de cadernos de Gladis da 2ª série B compreende 23 cadernos escolares, distribuídos conforme a tabela abaixo:

Matérias	Número de Cadernos
Deveres	02
Aritmética	06
Caligrafia	01
Português	02
Gramática	02
História	01
Ciências	01
Geografia	01
Ditado	02
Desenho	03
Meu Diário	02
Total	23

Quadro 29 – Número de Cadernos Escolares analisados de Gladis W. da 2ª série B (1954)
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Na tabela abaixo se destacam as marcas de correção encontradas nos cadernos de Gladis da 2ª série.

Marcas de Correção	Aritmética	Português	Gramática	História	Ciências	Geografia	Total
10,0	103	33	62	08	10	05	221
9,6	01	-	-	-	-	-	01
9,0	10	04	05	-	-	-	19
8,0	-	01	-	-	-	-	01
7,0	-	01	01	-	-	-	02
C (certo)	217	16	46	22	17	10	328
/ (Erro)	09	-	-	-	-	-	09
X (Erro)	09	-	-	-	-	-	09
?	-	-	02	-	-	-	02
Ass. Mãe	01	-	-	-	-	-	01
Observ.	Parabéns! (01) Que aluna estudiosa e querida! (01)	-	Muito bem! (01) Gladis procura fazer a letrinha bonita! (01)	-	-	-	04

Quadro 30 - Marcas de Correção presentes nos Cadernos Escolares

Fonte: Cadernos Escolares de Aritmética, Português, Gramática, História, Ciências e Geografia de Gladis W. da 2ª série B (1954)

Pela tabela, percebemos que a nota “10,0” foi registrada pela professora 221 vezes e o “C” para “certo” 328 vezes.

Tanto nos cadernos de Luiz Carlos como nos de Gladis, alunos da mesma professora, a Sra. Maria Carmem Delgado, há uma expressividade marcante nas atribuições da nota “10,0” e no “C” para “Certo”. Essas marcas aparecem mais nos cadernos de Aritmética e Gramática.

No caderno de Português a nota 7,0 foi atribuída pela professora e se refere à palavra “**ascensão**”, escrita na frase “**Ascensão de Nosso Senhor**”. Nesse caso, a aluna escreveu ascensão com “**ç**”, **ascenção**. Esta frase foi escrita onze vezes na página do caderno, como forma de fixação da grafia correta.

A outra nota 7,0, aparece no caderno de Gramática. A aluna escreveu “**Cherônimo**” para “**Jerônimo**”, “**Odoro**” para “**Deodoro**” e “**Sonceca**” para “**Fonseca**”.

Nos cadernos de Português, estão contempladas frases escritas em páginas inteiras, cópias de textos, exercícios de plural, separação de sílabas, feminino e masculino.

Nos três cadernos de desenho não consta marcas de correção.

Nos cadernos intitulados “**Meu Diário**”, Gladis registrou acontecimentos significativos do seu dia a dia. Escreveu sobre a vinda da prima em sua casa, seus brinquedos

com bonecas, a doença do avô. Sempre começava o diário assim: - Boa tarde meu diário! E encerrava escrevendo: - Até logo meu diário. Apenas no segundo caderno há o registro da professora escrito com caneta vermelha da seguinte expressão: - Que lindo!

O caderno de Ditado apresenta marcas de correção que obedece a uma legenda: **(E)** – **Erros**, **(O)** – **Ordem** e **(N)** – **Nota**.

Ditado	Data	Erros	Ordem	Nota	C (Certo)	Observações
Ditado nº1	13/03/54	-	10,0	10,0	-	-
Ditado nº2	24/03/54	-	10,0	10,0	01	-
Ditado nº3	08/04/54	01	10,0	9,8	01	-
Ditado nº4	10/04/54	02	10,0	9,5	-	-
Ditado nº5	24/04/54	-	10,0	10,0	01	-
Ditado nº7	04/05/54	-	10,0	10,0	01	-
Ditado nº8	11/05/54	01	10,0	9,5	01	-
Ditado nº1	04/06/54	01	10,0	9,5	01	-
Ditado nº2	14/06/54	02	10,0	9,0	01	-
Ditado nº3	23/06/54	Parabéns!	10,0	10,0	-	-
Ditado nº4	31/07/54	01	10,0	9,5	02	-
Ditado nº5 (Sabatina)	05/08/54	Parabéns!	10,0	10,0	02	-
Ditado nº6	19/08/54	-	Que lindo!	10,0	02	-
Ditado nº7	1º/09/54	01	10,0	9,5	02	-
Ditado nº8	10/09/54	Parabéns!	10,0	10,0	01	-
Ditado nº9	15/09/54	Parabéns!	10,0	10,0	01	-
Sabatina	21/09/54	-	10,0	10,0	-	Que lindo!
Ditado nº1	05/10/54	01	10,0	9,5	02	-
Ditado nº2	12/10/54	Que linda!	10,0	10,0	02	-
Ditado nº3	22/10/54	Parabéns!	10,0	10,0	01	-
Sabatina	27/10/54	Parabéns!	10,0	10,0	02	-
Ditado nº5	03/11/54	01	10,0	9,5	02	-
Ditado nº6	13/11/54	01	9,0	9,5	02	-
Sabatina	20/11/54	-	9,0	10,0	02	-
Ditado nº9	04/12/54	01	9,0	9,5	03	-

Quadro 31 – Marcas de Correção presentes no caderno de Ditado
Fonte: Caderno de Ditado de Gladis W. da 2ª série B (1954)

Expressões como “**Parabéns!**”, “**Que linda!**”, vão aparecer no lugar da legenda destinada à marcação dos erros dos ditados. Também no item “ordem” na avaliação do ditado, a professora registra a expressão “**Que lindo!**”.

Dos vinte e cinco ditados realizados, apenas cinco foram caracterizados como “**sabatina**” e receberam as mesmas marcas de correção que os demais. Em todos eles, a aluna obteve notas máximas, com poucos erros, variando de 1 a 3.

3.3.3 OS CADERNOS ESCOLARES DA 3ª SÉRIE DO CURSO PRIMÁRIO

Erico Winfried Wickert

Professora: Hedy S. Pieper – 3ª série B - 1950

Caderno de Redação

O caderno de Redação de Erico é com linhas de caligrafia.

A 1ª Redação tem o título “**As Férias**” e foi realizada em 02/05/1950. Está escrita com caneta tinteiro na cor preta e a data da realização da redação aparece no lado esquerdo da margem.

As marcas de correção da professora são escritas com caneta vermelha. Nas palavras sem acentuação, a professora assinalou o acento, colocando um traço embaixo do erro e duas cruzinhas no lado esquerdo da margem, destacando que ali há dois erros. A falta de vírgula, também é destacada com caneta vermelha. No final da redação a professora assinalou os itens avaliados – **Erros: 1; Ordem: 10 e Original: 8**. Os erros se referem à troca ou omissão de letras e palavras. A ordem está relacionada ao capricho, organização e letra bem feita e original, à adequação do tema com a proposta. Abaixo da redação, o aluno fez um desenho relacionado à história: um campo, com árvores, uma cerca e um portão. Em seguida, a professora escreveu a palavra Correção – onde o aluno reescreveu o parágrafo com os erros apontados pela professora de forma correta.

A 2ª Redação tem o título **“Doença em Casa”** e foi feita no dia 15/05/1950. Está escrito com caneta tinteiro de cor preta, e a data também aparece no lado esquerdo da margem.

As marcas de correção presentes, são da professora, aparecem no final da redação com a legenda: **Erros: -; Ordem: 10 e Original: 9**. O aluno realizou o desenho de acordo com o tema proposto: uma criança sentada atrás de uma mesa com vários vidros de remédios em cima, ao lado a cama com cobertas em cima.

A 1ª e a 2ª Redação contemplam o primeiro trimestre.

A 3ª Redação é sobre **“A Chuva”** e está datada de 21/06/1950, escrita no lado esquerdo da margem, com caneta tinteiro na cor preta. A letra do aluno está escrita em tamanho menor e o capricho no traçado da letra não é o mesmo das redações anteriores.

As marcas de correção existentes aparecem no final da redação. Na legenda destacam-se: **Erros: / ; Ordem: 10; Original: 7**. O item original deve-se à originalidade do tema proposto para a redação. O desenho aparece sempre após o final da redação. Neste trabalho, o aluno desenhou prédios, casas e a rua entre eles.

A 4ª Redação se refere às **“Férias de Julho”**. Foi feita em 08/08/1950 e está escrita com caneta tinteiro na cor preta. A data também aparece no canto esquerdo da margem do caderno.

As marcas de correção foram feitas pela professora com caneta vermelha. Legenda utilizada: **Erros: 0; Ordem: 10; Original: 9**. Nesta redação, o aluno colou duas fotografias que registram os brinquedos citados na redação e a viagem de jeep que seu pai usou para ir à cidade de Santo Ângelo. **“Na primeira semana de julho meu pai partiu para Santo Ângelo. Meu pai teve sorte. Ele pôde guiar o “Jeep” para Santo Ângelo.”**

A 3ª, 4ª e 5ª redação fazem parte do 2º trimestre.

A 5ª Redação tem como título **“Ao Meio-Dia”** e foi escrita em 15/09/1950. A data também aparece no canto esquerdo da margem.

As marcas de correção foram feitas pela professora com caneta vermelha. A legenda empregada foi a seguinte: **Erros: -; Ordem: 10; Original: 8**. Como a redação trata do tema meio-dia, o aluno escreveu assim: **“Às 11¼ as crianças já ficam alegres, porque só faltam 15 minutos para a saída. Às vezes a professora não nos deixa sair, porque conversamos**

muito. Algumas crianças correm para casa, se saem tarde, para não chegarem atrasadas, ou correm para tomar o bonde ou o ônibus. Outros vão de auto com o pai. Defronte o colégio a essa hora há muito movimento.” No desenho está a representação de um relógio e a saída dos alunos da escola; a porta, a escada, o portão, o muro, as crianças, a calçada e os carros na frente da escola (o desenho é uma representação do Velho Casarão – escola que o aluno estudou na década de 1950; situado na Av. Alberto Bins).

A 6ª Redação apresenta o título **“Um Concerto”** e não consta data. Está escrita com caneta tinteiro de cor preta. As marcas de correção foram feitas pela professora com caneta vermelha. A legenda empregada é: **Erros; / ; Ordem: 10; Original: 7.** A redação trata da vinda da Banda Municipal para tocar no pátio da escola em comemoração ao Dia da Criança. Neste encontro o maestro mostrou os instrumentos: pratos, bombo, triângulo, etc. O aluno desenhou um triângulo, pratos, violino, flauta, bombo e saxofone. Algumas folhas do caderno ficaram em branco.

Na última página do caderno de Erico o aluno fez a seguinte tabela:

Primeiro Trimestre	Erro	Ordem	Original
1. As Férias	1	10,0	8,0
2. Doença em casa	-	10,0	9,0
Segundo Trimestre			
3. A chuva	-	10,0	7,0
4. Férias de julho	-	10,0	9,0
Terceiro trimestre		-	-
1. Ao meio-dia	-	10,0	8,0
2. Um concerto	-	10,0	7,0
3. O recreio	-	10,0	9,0

Quadro 32 – Marcas de Correção do Caderno de Redações
Fonte: Caderno de Redações de Erico W. Wickert da 3ª série B (1950)

Apesar de constar na tabela de Erico na última página do caderno a redação e as correções da última redação **“O Recreio”**, no caderno não aparece esta redação nem marcas de que as folhas foram arrancadas. A tabela poderia ser uma exigência da professora ou um capricho criado pelo aluno. Do 1º ao 2º trimestre as redações foram numeradas em sequência de 1 a 4. No 3º trimestre elas aparecem como 1ª e 2ª redação.

Determinados tipos de escrita encorajavam a criatividade dos meninos e das meninas, como é o caso das redações presentes no caderno de Erico. Nesse caso, este modelo de exercício escolar, permitia desenvolver mais os escritos pessoais dos alunos.

Para Bishop (2010, p. 2), as escritas infantis escolares, nos cadernos de redação e “meu diário”, redigidos na primeira pessoa com “narrações de acontecimentos vividos”, são expressões de “escritas de si”, em que o autor é o objeto mais ou menos autêntico de seu texto. Cita como exemplo as redações relativas às férias escolares, aos fins de semana, aos passeios familiares, ao cotidiano familiar e/ou escolar (Noite em família; Uma festa familiar; O dia de hoje...). Também considera os exercícios de escrita epistolar²⁸, as tarefas ligadas ao ensino moral e cívico como escritas de si. Nas atividades de escritas infantis escolares, Bishop (2010, p.131) identifica quatro posições do narrador: autobiográfica, de observador, de opinião, de ficção.

Caderno de Desenho

O caderno de desenho de Erico apresenta 12 desenhos feitos pelo aluno. Em nove desenhos, ele atribuiu um título.

A tabela abaixo demonstra o trabalho realizado pelo aluno:

Título do Desenho	Motivo Desenhado	Marca de Correção
Novo avião à jato	Campo, montanha, avião	MCD ²⁹
Na serra, linha Brasil	Paisagem, árvore, casa, arbusto	MCD
Páscoa	Paisagem, cerca, coelhos, ovos, casinha, árvore, carroça, cavalo	MCD
Uma canoa no rio Guafba	Água, árvore, barco, corda	MCD
O farol da barra	Navio, mar, céu, casa, farol	MCD
O ônibus chegando em linha Brasil	Árvores, pessoas, malas, ônibus	MCD
-	Edifícios, rua, foguetes, fogos, balões	MCD
Posições (pés, corpos, frente, lado, costas)	Corpos, pernas, pés	MCD
Mineiro extraíndo o carvão	Mina, pessoa, carvão, lanterna, madeira	MCD
Corte de uma mina de carvão	Caminhos, carrinhos, pessoas	MCD
-	Árvores, casas, pessoa, balão de gás	MCD
-	Árvores, Zepellin, pessoa	MCD

Quadro 33 – Marca de Correção do caderno de Desenho
Fonte: Caderno de Desenho de Erico W. Wickert da 3ª série B (1950)

²⁸ Sobre escrita epistolar, ver BASTOS e JACQUES (2011)

²⁹ “M.C.D”, é a abreviatura do nome da professora Maria Carmem Delgado

Nos desenhos, Erico demonstra seu empenho na realização de cada um deles, e sua criatividade artística no trabalho, demonstrando as minúcias e os detalhes nas suas representações, revelando um excelente dom artístico em cada página de seu caderno.

As letras dos títulos foram escritas com lápis de escrever e em letras maiúsculas. Os desenhos foram feitos em folha de “paisagem” e contém uma moldura para cada desenho realizado. Em todas as páginas a marca de correção foi feita com caneta vermelha e o registro é a rubrica da professora: “MCD” – Maria Carmem Delgado. A marca da professora aparece sempre embaixo da página no canto direito, escrito em forma diagonal.

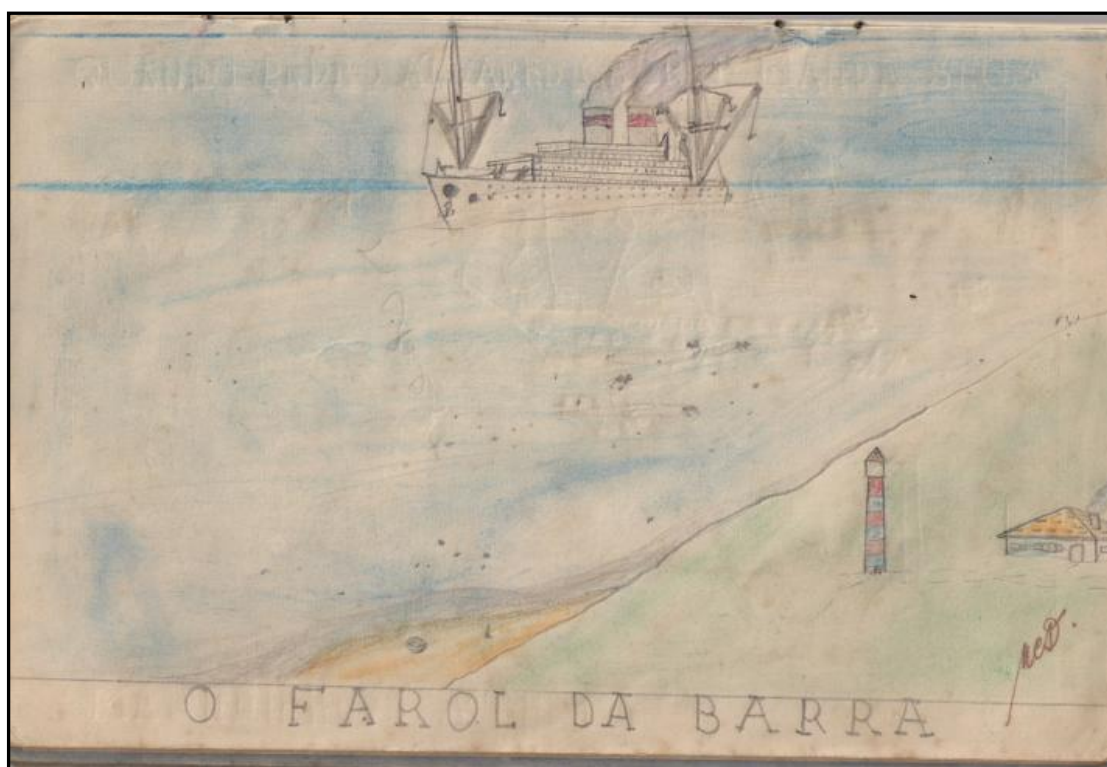


Figura 26 – Marca de Correção da professora Maria Carmem Delgado
Fonte: Cadernos de Desenho da 3ª série B de Erico Winfried Wickert

Luiz Carlos Petry

Professora: Zilá Schmitz – 3ª série A – 1953

A coleção de 23 cadernos da 3ª série inicia com o boletim de notas colado. Cada caderno possui na sua capa a etiqueta padrão da escola, constando o nome do aluno escrito a lápis ou com caneta tinteiro.

No 1º trimestre, o aluno obteve o 2º lugar em termos de aproveitamento e resultados na avaliação. No 2º e 3º trimestre obteve o 1º lugar. Nestas classificações recebeu como prêmio, três medalhas, uma prata e duas de ouro. A mãe, Sra. Hilda Petry é quem assinava o boletim a cada trimestre. A última observação era da Diretora do Curso Primário, Sra. Vilma Funcke: Parabéns! Depois da sua assinatura era impresso o carimbo com o seu nome.

Na tabela abaixo, está expresso a relação dos cadernos existentes na coleção da 3ª série A.

Matérias	Número de Cadernos
Português	05
Caligrafia	01
Ditado	03
Redação	02
Aritmética	04
Sabatina de Aritmética	01
Ciências	01
Geografia	01
História	01
Desenho	02
Meu Diário	01
Deveres	01
Total	23

Quadro 34 – Número de cadernos de Luiz Carlos Petry. da 3ª série do Curso Primário
Fonte: Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002)

Nos cadernos da 3ª série aparecem as seguintes observações da professora escritas com caneta vermelha e que expressam marcas de correção.

Português

Luiz Carlos, sua lição está linda!

Correção?

Lápis azul os substantivos próprios

Lápis verde os substantivos comuns

Data?

Letra!

Ditado

Luiz Carlos, preste atenção quando a professora manda colocar acentos.

Excelente!

Letra

Aritmética

Luiz Carlos, sua lição está bonita!

Excelente!

Correção

Cuidado!

Que linda sabatina!

Muito bem

Ciências

Excelente!

Geografia

Muito Bem!

Excelente!

História

Muito Bem

Excelente

Esta lição está lindíssima!

Meu diário

Luiz Carlos, seus trabalhos estão muito lindos!

Nas observações escritas nos cadernos de Luiz Carlos, se percebe que a professora, ao mesmo tempo em que sugere um modelo a ser seguido, estabelece um determinado tipo de interação discursiva em que os significados poderão ser assumidos de modos distintos.

Essas observações ou frases, em geral, expressam alegria, entusiasmo, elogio, uma ordem ou a necessidade de atenção.

As marcas revelam-se como discursos próprios da instituição escolar porque se tornam índices qualificadores das atividades e parecem requerer uma aprendizagem específica. Os alunos talvez aprendam a significação dessas marcações pelo uso sistemático e, absorvidas cotidianamente, podem vir a representar não só a produção acadêmica, mas a identidade de aluno: o que é organizado com seu registro/o que não é; o que copia por completo uma tarefa/o que não copia.

Essa ideologia implícita nas marcas de correção contribui para reforçar relações assimétricas uma vez que determinadas respostas dos alunos são consideradas aceitáveis ou não, em acordo ou em desacordo com que se estabeleceu a priori.

Também encontramos na coleção dos cadernos escolares de Luiz Carlos o registro da avaliação da professora, através do emprego de carimbos.

Cadernos	Carimbos
Aritmética	Pato Donald
	Branca de Neve
	Zé Carioca
	Pluto
	Mickey
	Dumbo
Português	Pinóquio
	Sobrinho do Mickey

Quadro 35- Carimbos nos cadernos de Luiz Carlos Petry. da 3ª série
Fonte: Cadernos de Aritmética e Português de Luiz Carlos Petry. da 3ª série (1950)

Os carimbos foram colocados apenas em dois cadernos de Aritmética: o 1º no período de 13 de junho a 19 de novembro de 1953; o 2º de 25 de agosto a 13 de novembro de 1953; no caderno de Português de 10 de setembro a 19 de novembro de 1953.

Gladis Renate Wiener

Professora: Zilá Schmitz – 3ª série C – 1955

A coleção de 30 cadernos da 3ª série inicia com o boletim de notas colado.

Boletim Escolar de Gladis Renate Wiener da 3ª série C (1955)

GLADIS RENATE WIENER				OBSERVAÇÕES		VISTO
	1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre			
Atitude escolar	E	E	E	1.º trimestre		Kud Wiener?
Atenção	E	E	E	1.º Lugar		
Atividade escolar	E	E	E	31-5-1955 Zilá Schmitz		
Religião				2.º trimestre		Kud Wiener?
Português	Elocução ...	10	10	1.º Lugar		
	Leitura ...	10	10	30-9-1955		
	Ortografia ...	10	10	Zilá Schmitz		
	Redação ...	4	8			
Aritmética	10	10	10	3.º trimestre		
História	10	9	9	Promoção a 4.ª classe		
Geografia	10	10	10	1.º Lugar		
Ciências Naturais	10	10	10	15-12-1955		
Caligrafia	10	10	10	Zilá Schmitz		
Desenho	10	10	10	Observações finais:		
Música	10	10	10	Zilá Schmitz		
Educação Física	10	10	10			
Trabalhos Manuais	10	10	10			
Faltas		2	1			
Atrasos						
Prof. Regente Zilá Schmitz						
				WILMA G. FUNCKE Diretora		

Figura 27 – Boletim Escolar de Gladis Renate Wiener
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares da 3ª série C

Cada caderno possui na sua capa a etiqueta padrão da escola, constando o nome da aluna escrito a lápis ou com caneta tinteiro.

A professora regente da 3ª série C de Gladis, assim como de Luiz Carlos foi Zilá Schmitz.

Nos três trimestres a aluna obteve o 1º lugar em termos de aproveitamento e resultados na avaliação. O pai de Gladis, o Sr. Kurt Wiener é quem assina o boletim nos dois primeiros trimestres. No 3º trimestre, a professora registrou a frase “Promovida à 4ª classe”. Nas observações finais está a assinatura da Sra. Vilma Funcke, acompanhada do carimbo com o seu nome.

Na tabela abaixo, apresento a relação dos cadernos de Gladis que fazem parte da coleção da 3ª série C.

Matérias	Número de Cadernos
Aritmética	09
Caligrafia	01
Ciências	01
Desenho	02
Deveres	03
Ditado	03
Geografia	01
História	02
Meu Diário	01
Português	06
Redação	01
Total	30

**Quadro 36 – Número de cadernos escolares analisados de Gladis W.
Fonte: Conjunto de cadernos escolares da 3ª série C – 1955**

Cadernos de Aritmética

O primeiro caderno de Aritmética da coleção é de Sabatinas.

O quadro abaixo apresenta as marcas de correção existentes neste caderno.

Sabatinas	Erro	Ordem	Nota	“C” certo	“X” Erro	“/” Erro	Obs.	Nota Final	Carimbo	Assin.
1ª	-	10,0	10,0	17	-	-	Que linda sabatina!	10,0 Excelente	-	Mãe
2ª	-	10,0	10,0	05	-	-	Excelente	10,0	Porco	Mãe
3ª	01	10,0	8,0	04	01	-	-	8,0	-	Mãe
4ª	-	10,0	10,0	06	-	-	-	10,0 Excelente	Livro e maleta	Mãe
5ª	-	10,0	10,0	10	-	-	Excelente	-	Árvore e casa	Mãe
6ª	01	10,0	9,0	13	-	01	-	9,0	-	Mãe
7ª	-	10,0	10,0	12	-	-	Maravilhoso	10,0	Pato Donald	Mãe
8ª	-	10,0	10,0	05	-	-	-	10,0 Excelente	-	Mãe
10ª	-	10,0	10,0	07	-	-	-	10,0	-	Pai
11ª	-	9,0	10,0	08	-	-	-	10,0	-	Mãe
12ª	-	10,0	10,0	10	-	-	-	10,0 Excelente	Casa	Pai
13ª	-	10,0	10,0	05	-	-	-	10,0	-	Pai

Quadro 37 – Marcas de Correção do caderno de Sabatinas
Fonte: Caderno Escolar de Sabatina de Gladis W. da 3ª série C – 1955

Todas as marcas de correção presentes no caderno de sabatina de Aritmética estão corrigidas pela professora com caneta vermelha.

Quando havia erros, a professora assinalava com o “X” ou “/”, marcava na legenda de erros e, conseqüentemente, baixava a nota. Após a correção da professora, a aluna refazia a questão que havia errado e a professora verificava a tarefa feita e vistava com sua rubrica.

Todas as sabatinas foram assinadas pelos pais. A mãe assinou a maior parte delas: nove vezes e o pai, três vezes. Essa assinatura era feita com caneta preta ou azul.

No caderno de sabatinas não consta a de número 9.

Nos outros oito cadernos de Aritmética de Gladis, encontramos as mesmas marcas de correção evidenciadas no caderno de sabatinas.

Expressões e frases escritas com caneta vermelha pela professora Zilá nos cadernos de Aritmética da aluna:

Gladis como seu trabalho está bonito!

Faça a letra menor. Sim?

(Onde está o problema?).

Letra!

Lindo!

Que bonito!

A professora Zilá registrou a marca de correção “C” para certo em todas as operações e problemas matemáticos. O “C” era registrado com caneta vermelha e seu tamanho era bem grande e expressivo.

Zilá não poupava elogios. Sempre escreveu nas lições dos cadernos. Os carimbos também foram empregados nos cadernos de forma frequente.

Cadernos de Deveres

Nos cadernos de Deveres, estão anotadas as tarefas que deveriam ser realizadas em casa. Entre os dias 13 a 18 de abril de 1955, Gladis escreveu “**Semana da Atenção**”, e a professora carimbou a figura de um dos sobrinhos do Pato Donald. Em todos eles, Gladis pintou os carimbos. No último dia, 18/04/1955, a professora registrou a nota 10,0 em vermelho e escreveu excelente.

No dia 13/10/1955, a professora carimbou um bolo, simbolizando o “Dia da Criança” e escreveu assim: “**Em comemoração ao dia da criança, a professora não marcará lições!**” O caderno de Deveres mantinha o rigor de um caderno normal. Deveria ser feito com capricho, organização e letra bonita.

Cadernos de Ditado

Nos três cadernos de Ditado encontramos as seguintes marcas de correção escritas com caneta vermelha pela professora. Alguns ditados tinham títulos outros não, e eram numerados. Nos dois primeiros cadernos as linhas são de caligrafia e no último as linhas são simples.

Ditado	Erro	Ordem	Nota	Carimbo	Assinatura
1º	-	10,0	10,0	Porquinho	Pai
2º Os Pontos Cardeais	01	10,0	9,0	-	Mãe
3º Orientação	01	10,0	9,5	-	Mãe
4º	-	10,0	10,0	Casinha	Mãe
5º	01	10,0	9,0	-	Mãe
6º	01	9,0	9,0	-	Mãe
7º A Oficina de tio Emílio	-	9,0	10,0	Carimbo	Mãe
8º	-	9,0	10,0	Urso e rato	Mãe
9º Tiradentes	-	10,0	10,0	Mickey	Mãe
10º	-	10,0	10,0	Livro e mala	Mãe
11º O trabalho	-	10,0	10,0	Árvore	Pai
12º	-	10,0	10,0	Bolo	Mãe
13º	-	10,0	10,0	Mala	Pai
14º	-	10,0	10,0	Navio	Mãe
15º São João	-	10,0	10,0	Mickey	Pai
16º Governo da localidade	-	10,0	10,0	Dumbo	Mãe
17º	01	9,0	9,0	-	Mãe
18º O RS dentro do Brasil	-	10,0	10,0	Cama	Pai
19º Localização do RS	-	10,0	10,0	Cadeira	Mãe
20º Minha Pátria	-	10,0	10,0	Peteca	Mãe
21º Osvaldo Cruz	-	10,0	10,0	Berinjela	Mãe
22º	01	10,0	9,0	-	Pai
23º Independência	-	10,0	10,0	-	Pai
24º Sílabas tônicas	-	10,0	10,0	Mala	Pai
25º	-	10,0	10,0	-	Pai
26º Serviços públicos	-	10,0	10,0	Mulher	Mãe
27º Animais úteis	01	10,0	9,0	-	Mãe
28º As missões	-	10,0	10,0	-	Pai
29º A polícia	-	10,0	10,0	Casa, árvore e cavalo	Pai
30º	03	10,0	7,0	-	Mãe
31º A pandorga	-	10,0	10,0	-	Mãe

Quadro 38 – Marcas de Correção dos cadernos de Ditado
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares de Gladis W. da 3ª série C – 1955

Junto às correções dos ditados a professora escreveu com caneta vermelha, as seguintes frases e expressões:

Expressões e Frases	Quantidade
Excelente!	15
Meus parabéns, Gladis!	01
Gladis, não deixe sua letrinha cair para trás. Sim?	01
Letra?	02
Gladis, seus ditados são tão certinhos cuide da letra também. Está?	01
Que lindo ditado!	01
Maravilhoso!	04
Lindo!	01
Total	26

Quadro 39 – Expressões e Frases escritas nos cadernos de Ditado
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares de Gladis W. da 3ª série C – 1955

É evidente a preocupação com a letra na realização dos ditados.

Nos cadernos de Ditado de Gladis, a professora corrigiu todos eles imprimindo sua marca. Além de considerar a legenda Erro, Ordem e Nota, sempre escrevia uma frase ou expressão de elogio ou de algo que precisasse melhorar, como também parabenizava a aluna com a colocação de algum carimbo.

Caderno de Caligrafia

O caderno de caligrafia escrito com caneta tinteiro, contém exercícios com as letras do alfabeto e com frases que iniciam com a letra em estudo, por exemplo:

G G

G G

g g

g g

Gladis ganhou uma goiaba.

Gladis ganhou uma goiaba.

Gladis ganhou uma goiaba.

No caderno de caligrafia não há registro de marcas de correção.

Nos cadernos de Português as marcas de correção são as mesmas dos cadernos de ditado.

A preocupação com a letra de Gladis estar ficando inclinada para trás, é evidente nas expressões escritas pela professora nos cadernos de Português.

Gladis, não deixe sua letrinha cair para trás. Sim?

Gladis, você não receberá mais 10,0 em ordem, se continuar a fazer a letra caída para trás.

Está?

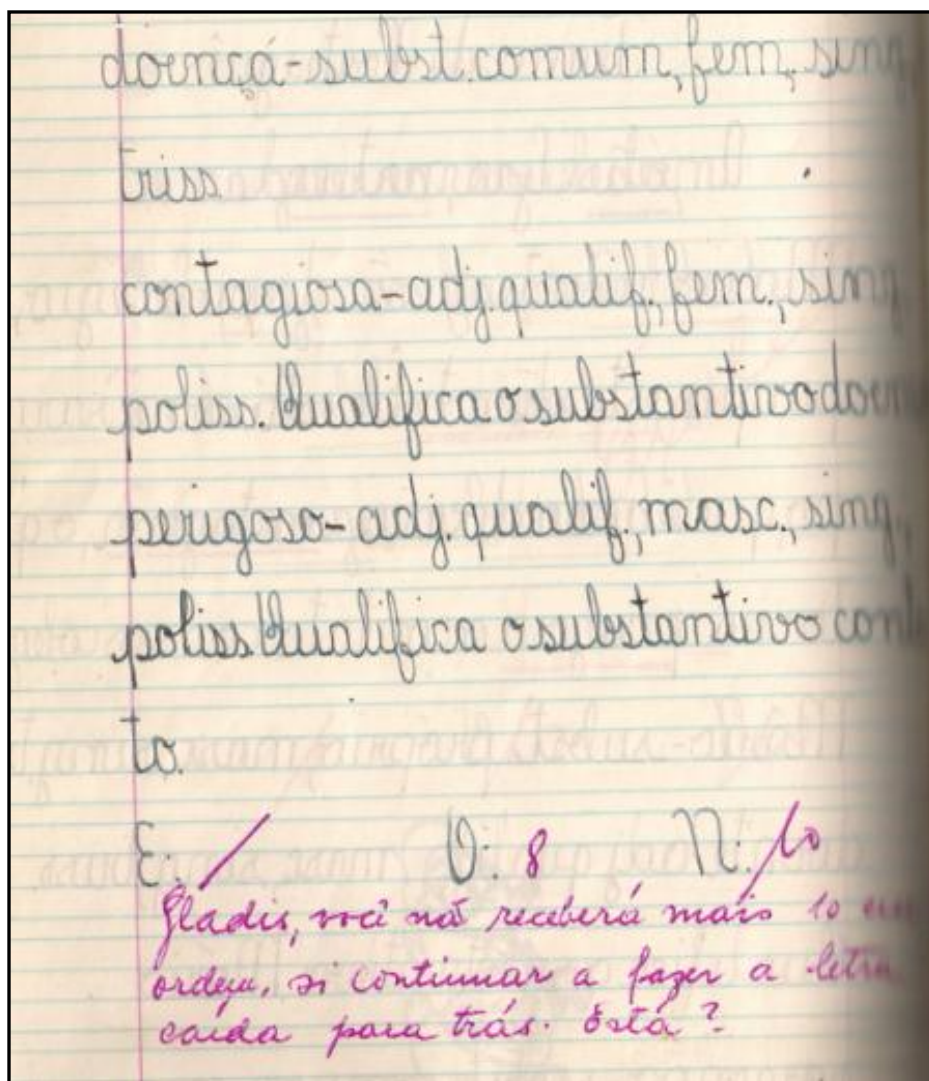


Figura 28 – Exemplo da letra de Gladis W.
Fonte: Caderno de Caligrafia de Gladis W. da 3ª série C – 1955

Após estas observações fica evidenciado nos cadernos de Gladis, que ela realmente prestou mais atenção e cuidou para que a letra não ficasse mais inclinada.

Caderno de Redações

O caderno de Redações da aluna contém doze redações. Elas apresentam uma legenda de correção. **O** – para **ordem** e **O** – para **original**

Redação	Ordem	Original
Minhas Férias	10,0	9,0
Assunto livre: Como é que a máquina do corpo trabalha?	10,0	7,0
A minha Páscoa	10,0	7,0
Meu terceiro ano	10,0	10,0
Uma travessura	10,0	6,0
Meu boletim	9,0	10,0
A rua onde eu moro	10,0	8,0
Um dia de frio	10,0	6,0
A minha cidade querida amiga!	10,0	5,0
Como eu gostaria que fosse o meu colégio novo	10,0	6,0
A primavera	-	10,0
O negrinho do pastoreio	-	4,0

Quadro 40 – Marcas de Correção do caderno de Redação
Fonte: Caderno de Redação de Gladis R. Wiener da 3ª série C – 1955

Nas duas últimas redações a nota do item original foi corrigida a lápis. Percebe-se que Gladis não apresentou em suas redações, um bom desempenho na questão originalidade. Nesse sentido, originalidade está relacionada a questão da criatividade. E Gladis não demonstrou muita imaginação na sua escrita.

Pelos resultados apresentados na tabela, destaca-se a variação nas notas que Gladis obteve em relação a originalidade de suas redações; assim como obtinha “10,0”, também apresentou resultados com a nota “4,0”.

Caderno “Meu Diário”

O caderno Meu Diário era composto de redações que a aluna realizava em casa. Na 1ª folha, a aluna escreveu em diagonal “**MEU DIÁRIO**” e coloriu.

Esses registros eram corrigidos pela professora conforme tabela abaixo:

Redação	Expressão	Assinatura/Rubrica	Observações
1.O dia das mães	Excelente!	Professora	-
2.O meu cachorro novo	Excelente!	Professora	-
3.Uma tarde em casa	Excelente!	Professora	-
4.Uma tarde em nosso clube	Excelente!	Professora	-
5.A minha casa de Assunção	Excelente!	Professora	-
6.Minhas bonecas	Excelente!	Professora	-
7.A minha aula de piano	Excelente!	Professora	-
8.Em casa da minha vovó	Excelente!	Professora	Que lindas redações!
9.O aniversário da minha irmã	-	Professora	-
10.O meu 1º dia de férias	-	Professora	-
11.Um dia em casa de minha titia	-	-	-
12.Uma bonita viagem de avião	-	-	-
13.A história do Chapeuzinho Vermelho	-	-	Que bonitas redações!

Quadro 41 – Expressões e frases escritas no caderno “Meu Diário”

Fonte: Caderno “Meu Diário” de Gladis W. da 3ª série C – 1955

Todas as redações eram rubricadas pela professora. Nas três últimas redações a professora não registrou nenhuma expressão e nem rubricou. Apenas na última escreveu **“Que bonitas redações!”**.

Diferente do caderno de redações realizado na sala de aula, o caderno “Meu Diário” destinado também para a escrita de redações, apresenta comentários com elogios no trabalho realizado.

Caderno de Ciências

O caderno de Ciências está dividido em lições. Cada lição está ilustrada com desenhos e gravuras. No caderno de Ciências a professora registrou com notas e expressões sua correção.

Lição	Nota	Observações
O Homem	10,0	Excelente!
A Cabeça	10,0	-
O Tronco	10,0	Excelente!
Alimentação	10,0	Maravilhoso!
Aparelho Digestivo	10,0	-
Aparelho Respiratório	9,0	-
Aparelho Circulatório	9,0	-
Animais	10,0	-

Quadro 42 – Marcas de Correção do caderno de Ciências
Fonte: Caderno de Ciências de Gladis W. da 3ª série C – 1955

Cadernos de História

Os dois cadernos de História também estão divididos em lições. Estão ilustrados com desenhos e gravuras e seguem o mesmo padrão de correções dos outros cadernos.

Na observação “**sublinhar?**”, a professora questiona por que a aluna não executou a ordem do exercício e isso caracterizou a ausência da nota no trabalho.

Lição	Nota	Observações
Tempos Antigos	-	Gladis, sua lição está muito bonita!
Descobrimto do Brasil	10,0	Excelente!
Tiradentes	-	Sublinhar?
Abolição da Escravatura	10,0	Excelente!
Fundação da Cidade de Porto Alegre	10,0	Excelente!
Primitivos Habitantes do RS	10,0	-
Colonização do RS	10,0	-
Oswaldo Cruz	10,0	-
Duque de Caxias	9,0	-
Independência do Brasil	10,0	-
Os 7 Povos das Missões	10,0	Maravilhoso!
Alberto Santos Dumont	-	-
Marechal Deodoro	-	-

Quadro 43 – Marcas de Correção dos cadernos de História
Fonte: Cadernos de História de Gladis W. da 3ª série C - 1955

Caderno de Geografia

Este caderno também contempla o trabalho com lições. Assim como os outros, ele é escrito pela aluna com caneta tinteiro e corrigido pela professora a cada lição realizada com caneta vermelha.

Lição	Nota	Observação
Orientação	10,0	Excelente!
Pontos Cardeais	8,0	-
Acidentes Geográficos	10,0	-
Planície, Planalto	8,0	-
Rio	10,0	-
Mapa do Brasil	10,0	Excelente!
Município de Porto Alegre	10,0	Excelente!
Meios de Transporte	-	-
Limites do RS	10,0	-
Serras dos RS	10,0	-
Rios do RS	-	-
Bacia Ocidental	-	-
Bacia Oriental	-	-
Bacia do Jacuí	10,0	Excelente
Depressão Central	-	-

Quadro 44 – Marcas de Correção do caderno de Geografia
Fonte: Caderno de Geografia de Gladis W. da 3ª série C - 1955

Cadernos de Desenho

Os cadernos de Desenho apresentam trabalhos feitos pela aluna. Ali encontramos desenhos de flores, paisagens, campos, barcos, mares, desenho de observação, intitulado desenho natural³⁰, barras coloridas, semelhantes aos frisos, porém em tamanhos maiores com as noções de claro e escuro e cores primárias.

Não há marcas de correção nestes cadernos.

³⁰ Sobre desenho natural entendemos ser o que estimula a observação da natureza e revela o gosto, as tendências e os interesses dos alunos.

3.3.4 CADERNOS ESCOLARES DA 4ª SÉRIE DO CURSO PRIMÁRIO

Erico Winfried Wickert

Professora: Genny Luiza Ribeiro – 4ª série C - 1951

Caderno de Redação

Na primeira página do caderno de Redação, Erico escreveu “**As Minhas Redações**”, colocando abaixo o seu nome completo, a série e a turma, o mês (julho) que corresponde ao início das atividades e o ano em curso (1951).

As histórias são escritas com caneta tinteiro e a cada início de uma nova redação, a página inicial é destinada para o título da história, que é feito em letras maiúsculas ocupando duas linhas cada. Também estas letras, que formam os títulos das redações, são pintadas com lápis de cor. Para cada redação, tem um título na página inicial, depois a redação em si e no final da história o aluno faz desenhos relacionados ao assunto escrito e também cola fotografias.

No quadro abaixo, se destaca o título de cada redação e o desenho e/ou fotografia presente no caderno.

Títulos das Redações	Desenho	Fotografia	Marcas de Correção
1. Numa Fábrica de Queijo	Caixa, tampa, soro, queijo, leite, tanque e fogo	-	-
2. O Foto Atelier	Quadrinhos demonstrando as etapas da revelação da fotografia	Duas fotografias do laboratório fotográfico e uma fotografia de uma criança posando para a foto	Palavras: sala, repórter, triciclo, os.
3. Paulo e Iris viajam para a Lua	Cadeira adaptada a um foguete Foguete no espaço se afastando do planeta terra, sol anjinhos e estrelas	-	Palavras: terra, descer.
4. Um Sonho	Cama, travesseiro, criado mudo com relógio, menino caído no chão	-	Palavras: (de cigarros)
5. Um Susto	Água, barco, meninos em pé e nadando	-	Palavras: movimentos,
6. A Chuva	Árvore desfolhando, chuva, pedestres na rua com guarda-chuva, chapéu e capa, rua e a casa	-	-
7. Um Pequeno Desastre	Menino, tábua, martelo, mesa e vidraça	-	-
8. Os Meus Brinquedos Prediletos	Parafusos, porcas, peças, Torre Eiffel, tratores e automóveis	-	Palavra: camioneta
9. A Volta de Erica	Alpes cobertos de neve	-	-

Quadro 45 – Marcas de Correção do caderno de Redações
Fonte: Caderno de Redações de Erico W. da 4ª série C – 1951

As redações de Erico foram escritas a partir do mês de julho de 1951. Os desenhos e fotografias ilustrativas presentes nas redações dão a impressão de que ele estava lá e fez parte da história. Nas redações, foi o autor e sujeito da ação.

Das nove redações escritas, Erico escreve da sua vida em família, conta das vivências com seu irmão Geraldo, das viagens feitas à Serra, da rotina do seu dia-a-dia, do Atelier Fotográfico de seu pai **“Studio OS 2”** localizado na Rua dos Andradas, no centro da cidade de Porto Alegre, no qual descreve com precisão na sua redação **“O Foto Atelier”** as etapas e os processos realizados na revelação de filmes, reproduções, cópias e ampliações, bem como as características físicas do próprio laboratório: **um grande quarto escuro, com lâmpadas vermelhas, aparelhos para copiar e ampliar e banheiras com os reveladores; lavadeiras, secadeiras para retoque e recorte dos trabalhos.**

Sua vivência retratada e escrita na sua história vai muito além, quando com muita criatividade descreve no final de sua redação: **“Guardados num armário existem brinquedos, como bonecas, bolas, cachorrinhos, livrinhos para as crianças brincarem a vontade. Quantas vezes já ouvi dizer: “Olha para cá, queridinho, da máquina vai sair um passarinho.” Mas eu sei que não sai!**

Na redação **“A Chuva”**, mais uma vez Erico registra a sua história ao escrever: **“Quando o colégio termina todas as crianças se abrigam dentro do colégio ou debaixo dos telhados das casas comerciais ou lojas de vendas esperando os bondes ou os autos dos pais. Eu também estou entre êstes! Assim são os dias de chuva.”**

Sobre as marcas de correção presentes no caderno de redações, elas aparecem numa forma muito discreta. São apenas correções ortográficas escritas com caneta tinteiro na cor azul, em cima da palavra que contém algum erro, ou entre a palavra escrita quando na ausência de alguma letra ou da palavra, ou com um risco na diagonal alertando a ausência ou a troca da letra.

Percebi ao ler as redações de Erico que em sua escrita havia sentimento, verdade e registros de sua história de vida, de suas experiências, medos e desejos. Nesse sentido, Michel Foucault na obra (Tecnologias Del Yo,1991, pp. 62-64) afirma que o cuidado de si está relacionado com a atividade literária e que ao escrevermos cartas, estamos descrevendo a vida cotidiana, com todos os detalhes do cuidado de si. Partindo destas coisas que se vive, construímos as experiências do eu. Portanto, a partir da sua identidade expressa em suas

histórias, o aluno tentou buscar a necessidade da conquista do seu espaço e de contar a verdade sobre si mesmo³¹.

Nas redações, Erico escrevia para a professora e certamente para seus colegas, amigos e familiares e nestas escritas revelava o seu eu, os seus segredos.

Na redação “**Numa fábrica de queijo**”, o aluno descreve com detalhes a sua experiência ao visitar a fábrica e como se apropriou do conhecimento do “processo” de como fazê-lo. Na visão de Gadamer (2008), a experiência se dá num arsenal de conhecimentos, onde o sujeito experimentado é aquele que tem discernimento. Portanto, a visita à fábrica trouxe ao aluno este arsenal de conhecimentos e discernimentos nesse fazer experiência, oportunizando a ele a descrição detalhada do processo da fabricação do queijo, se apropriando deste conhecimento.

“Perto da nossa casa na serra existe uma pequena fábrica de queijo. Às vezes eu vou lá e vejo como de manhã os colonos trazem o leite para a fábrica, uns a cavalo outros a pé. Um empregado da fábrica mede e anota a quantia de leite que cada pessoa traz, para pagá-la no fim do mês. Os fabricantes põem o leite num grande tanque, juntam um pó chamado coalhaleite, com o qual o leite é coalhado, acendem debaixo do tanque um fogo, que deve ficar queimando até que o leite coalhado está bem aquecido e duro. Aí cortam dentro do tanque mesmo esta massa grossa em pedaços do tamanho de um queijo. Um ajudante põem as partes em caixas de madeira perfuradas embaixo, e fecha cada caixinha com pano e tampa. Amontoada uma caixa em cima da outra, existe grande pressão, com a qual sai o soro e corre numa lata.

O nosso vizinho engorda os seus porcos com este soro.

Depois de algumas horas tiram-se os queijos das caixas, deixando-os num lugar fresco em prateleiras por uma até duas semanas.

Cada sábado vem um grande caminhão de Pôrto Alegre e leva todos os queijos. Empacotados em papel vermelho, estes queijos vão ser vendidos com o nome “queijo serrana!”.

No final da redação, o aluno representa em forma de desenhos todo o processo descrito. Desenha a caixa, depois a caixa na parte debaixo perfurada, de lado com os furos o fogo e o soro escorrendo, a tampa, o queijo, e a caixa com o leite dentro. A partir do desenho, ele representa todo o processo descrito em sua redação.

As únicas marcas de correção existentes neste caderno são nas letras em negrito (**está, põem e canda**; esta empregada pelo aluno para a palavra cada), onde a professora aponta os erros de ortografia presentes na redação. No caderno estas marcas são feitas pela professora, de forma muito discreta, sinalizando-as com caneta tinteiro azul; a mesma cor

³¹ Sobre práticas de escrita de si, de subjetivação do sujeito e de construção da memória individual e social, ver BASTOS (2011).

utilizada pelo aluno. Evidencia-se que a marca é da professora, pois, na palavra (**está**) a cor da tinta é mais forte e diferente do formato da letra do aluno; na palavra (**põem**) a professora fez um traço horizontal em cima da letra “m”, e na palavra (**canda**) a professora sinaliza também com um traço horizontal em cima do “n” demonstrando que esta letra não existe na palavra.

Luiz Carlos Petry

Professora: Genny Luiza Ribeiro – 4ª série B - 1954

O boletim de Luiz Carlos está anexado na primeira página da coleção de cadernos e está preenchido pela professora. Constam nas observações dos trimestres os seguintes dizeres:

1º trimestre: Em 31-5-1954, apenas a assinatura da professora.

2º trimestre: **Alcançou o 3º lugar**, em 30-9-1954 e a assinatura da professora.

3º trimestre: Promovido à 5ª classe; **alcançou o 2º lugar**, em 15-12-1954 e a assinatura da professora.

Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 4ª série B (1954)

Luiz Carlos Petry				OBSERVAÇÕES	VISTO
	1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre		
Atitude escolar	M.B.	M.B.	E.	1.º trimestre Em 31-5-1954 Genny Luiza Ribeiro	Genny Luiza Ribeiro
Atenção	M.B.	M.B.	E.		
Atividade escolar	M.B.	M.B.	E.		
Religião					Genny Luiza Ribeiro
Português	Oral	8	9	2.º trimestre Alcançou o 3.º lugar Em 30-9-1954 Genny Luiza Ribeiro	
	Ortografia	8	9		
	Redação	8	9		
Aritmética	9	9	9		
História	9	10	9		
Geografia	7	9	10		
Ciências Naturais	5	9	10		
Caligrafia	8	7	9		
Desenho	9	10	10		
Música	7	8	9		
Educação Física	5	-	9		
Trabalhos Manuais	8	9	10		
Faltas		12 h.	9 h.	3.º trimestre Promovido à 5.ª classe Alcançou o 2.º lugar Em 15-12-1954 Genny Luiza Ribeiro	
Atrasos				Observações finais: Parabéns! Wilma G. Funcke	
Prof. Regente Genny Luiza de Castilhos Ribeiro				WILMA G. FUNCKE Diretora	

Figura 29 – Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 4ª série B – 1954
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares da 4ª série B

Aos alunos que recebiam o 1º, 2º e 3º lugar em desempenho durante os trimestres era atribuído uma medalha como merecimento. Para o 1º lugar a medalha era de ouro, 2º lugar de prata e 3º lugar de bronze.

Quando Luiz Carlos doou a coleção de cadernos ao Memorial da Escola, doou também algumas medalhas recebidas pelo seu desempenho escolar.

O conjunto de 22 cadernos da 4ª série B está escrito com caneta tinteiro, inclusive os cadernos de deveres que serviam como uma agenda das tarefas diárias escolares.

A partir da tabela abaixo podemos identificar as disciplinas ministradas na 4ª série e o número de cadernos que fazem parte da coleção.

Matérias	Número de Cadernos
Aritmética	03
Gramática	07
Ditado	01
Deveres	02
História	01
Ciências	01
Desenho	02
Geografia	01
Redação/Cópia	02
Música	02
Total	22

Quadro 46 – Número de Cadernos Escolares analisados de Luiz Carlos Petry da 4ª série B
Fonte: Conjunto de cadernos Escolares da 4ª série B – 1954

Cadernos de Aritmética

A tabela abaixo consta as marcas de correção presentes nos três cadernos de aritmética, corrigidos com caneta vermelha. Algumas vezes o próprio aluno corrigiu, utilizando lápis de cor vermelho, empregando o mesmo estilo de correção da professora.

Marcas de Correção	Número de correções
10,0	24
9,5	01
9,0	04
8,0	01
Certo (C)	117
Bem	01
?	01
(X) Erro - correção feita pela professora	07
(X) Erro – correção feita pelo aluno	01
Observações	Correção (05); Numerar as questões (01)
(C) Certo – correção feita pelo aluno	40
Assinatura da mãe	02
* Correção feita pela professora	12

Quadro 47 – Marcas de Correção dos cadernos de Aritmética de Luiz Carlos Petry

Fonte: Cadernos de Aritmética da 4ª série B - 1954

***Neste item, a professora corrigiu com caneta vermelha, em cima da correção feita pelo aluno com lápis de cor.**

Cadernos de Gramática

Nos cadernos de Gramática, a professora Genny também utilizava a legenda de correção para cada exercício realizado:

E – Erros

O – Ordem ou L – Letra

N – Nota

Para cada item era atribuída uma nota, porém muitas vezes aparece apenas o item da nota e/ou “V” de Visto. Também abaixo de cada atividade realizada havia a correção dos erros, onde o aluno tinha que corrigir a resposta ou copiar a frase corretamente. Por exemplo: Num exercício sobre análise léxica (pronomes adjetivos), a professora riscou com caneta vermelha em cima da resposta do aluno e escreveu ao lado a resposta correta.

No último caderno de Gramática escrito a lápis pelo aluno, encontrei uma frase interessante, escrita pelo aluno a lápis: “**Faça a letra mais feia**” e ao lado a letra **N:** escrito “10,0” com caneta vermelha.

Na tabela abaixo estão marcas de correção encontradas nos 07 cadernos de Gramática do aluno.

Erros	Ordem/Letra	Nº. de correções	Nota	Nº. de correções
43	10,0	13	10,0	40
-	9,0	01	9,8	02
-	8,0	03	9,5	08
-	7,0	05	9,0	19
-	6,0	05	8,5	01
-	5,0	01	8,0	10
-	-	-	7,0	04
-	-	-	6,5	01
-	-	-	6,0	04
-	-	-	5,0	02

Quadro 48 – Marcas de Correção dos cadernos de Gramática
Fonte: Cadernos de Gramática de Luiz Carlos Petry da 4ª série B - 1954

Caderno de Ditado

No caderno de Ditado, a professora utilizou a mesma legenda de correção empregada nos cadernos de Gramática. Ao término de cada ditado, o aluno escrevia a legenda de correção e a professora registrava a sua avaliação.

Ditados	Erros	Ordem	Nota	Visto	Assin. da Mãe
Nº 1	03	9,0	8,5	-	-
Nº. 2	05	7,0	6,0	01	-
Nº. 3	01	-	9,0	01	-
Nº. 4	03	-	7,0	01	-
Nº. 5	03	7,0	7,0	01	-
Nº. 6	01	-	9,0	01	-
Nº. 7	02	9,0	8,0	01	-
Nº. 8	-	-	7,0	01	-
Nº. 9	02	-	8,0	01	01
Nº. 10	-	-	8,0	01	-
Nº. 11	06	10,0	5,0	01	-
Nº. 12	01	8,0	9,0	01	-
Nº. 13	03	10,0	7,0	01	-
Nº. 14	01	10,0	9,0	01	-
Nº. 15	03	10,0	7,0	01	-

Quadro 49 - Marcas de Correção do caderno de Ditado
Fonte: Caderno de Ditado de Luiz Carlos Petry da 4ª série B - 1954

O visto era escrito pela professora, após a correção realizada pelo aluno.

No ditado nº 11, encontramos uma variação significativa em relação à nota atribuída. No item referente à ordem, a nota é “10,0”, entretanto, a nota atribuída ao ditado é “5,0”, devido ao número de erros cometidos.

Caderno de História

O caderno de História contempla 14 textos escritos com caneta tinteiro de cor azul e ilustrados com gravuras e desenhos. No caderno de História há poucas marcas de correção da professora: a nota 10,0 escrita com caneta tinteiro de cor preta no texto sobre Duque de Caxias; também na mesma página consta a assinatura da mãe de Luiz Carlos, dona Hilda Petry. Algumas palavras escritas erradas também estão assinaladas pela professora. Outras palavras escritas de forma incorreta não apresentam intervenção da professora. Por exemplo, a palavra **hereditária**, o aluno escreveu sem o (**h**), entretanto a palavra Capitania, foi escrita com acento diversas vezes no texto e em todas elas, a professora corrigiu.

Os textos presentes no caderno de História são os seguintes:

- 1- Descobrimientos marítimos
- 2- Descobrimiento da América
- 3- Tratado de Tordesilhas
- 4- Começo do descobrimento do Brasil
- 5- Viagem do descobrimento
- 6- Os bandeirantes
- 7- Bandeirantes: Fernão Dias Paes Leme
- 8- Bartolomeu Bueno da Silva
- 9- Antônio Raposo Tavares
- 10- Duque de Caxias
- 11- Primeira expedição exploradora
- 12- Capitánias hereditárias

13- Datas

14- Primeiro governador geral do Brasil – Tomé de Souza 1549 – 1553

No texto das Datas, a professora desenvolveu uma linha de tempo onde foram registrados os acontecimentos numa ordem cronológica de acontecimentos.

Percebe-se que a linha metodológica para o ensino de História era centralizada na valorização dos grandes vultos e fatos e datas históricas acontecidas no país. Acredito que eram textos copiados do quadro e explicados aos alunos. A intervenção do aluno neste trabalho, além da cópia, era procurar a gravura ou desenho, adequar ao texto estudado e anexar no final de cada atividade trabalhada no caderno.

Caderno de Ciências

O caderno de Ciências também contempla 10 textos e todos ilustrados com muitas gravuras coladas. São textos copiados pelos alunos sobre os seguintes assuntos:

1- Animais, vegetais e minerais.

2- Animais vertebrados e invertebrados

3- Animais vertebrados: mamíferos, aves, répteis, batráquios, peixes.

4- Animais invertebrados: insetos

5- A abelha

6- O bicho da seda

7- O homem: cabeça, face, tronco, costelas, membros, membros inferiores, coxa, ilíacos, perna, pé, músculos, articulações, digestão, produzem líquidos, boca, estômago, intestinos.

8- Aparelho respiratório: fossas nasais, laringe, traquéia, brônquios, pulmões, inspiração, expiração.

9- Aparelho circulatório: coração, artérias, veias, vasos capilares, sangue.

10- Botânica: raiz (aérea aquática e tuberosa).

Nos textos dos “Animais, vegetais e minerais, das aves, dos batráquios e peixes”, a professora fez sua intervenção corrigindo com “C”. Em algumas palavras sublinhou embaixo o erro (**trêz**), (**exelente**), (**musculos**), (**assucarado**).

No texto sobre “**Tronco**”, a professora registrou no canto esquerdo da margem do caderno “M.Bem” com caneta vermelha.

No texto “**Aparelho respiratório**” consta a assinatura da mãe de Luiz Carlos, no canto esquerdo da margem. Isto evidencia que a mãe estava bem presente na realização das atividades desenvolvidas pelo aluno.

Cadernos de Desenho

Os dois cadernos de desenho apresentam desenhos livres (coelhinho, casinha, árvores, flores, etc.), e alguns envolvendo desenhos geométricos (quadrado, retângulo, etc.). Consta no 1º caderno de desenho uma sabatina, datada de 14-6-54, mas não está corrigida. Nenhuma atividade, realizada nos cadernos de desenho, apresentam marcas de correção.

Caderno de Geografia

O caderno de Geografia também não apresenta marcas de correção em nenhum texto escrito.

Os textos do caderno de Geografia estão escritos com caneta tinteiro de cor preta e apresentam vários desenhos e gravuras coladas para ilustrar os conteúdos estudados.

No texto sobre “**Rosa dos Ventos**”, Luiz Carlos desenhou com perfeição os pontos cardeais e colaterais. Também no texto “**O nosso Estado**”, o desenho do mapa do RS está perfeito, caprichado e correto.

No caderno de Geografia, aparece pela primeira vez uma folha mimeografada, colada numa página com o desenho do mapa do RS e a divisão das regiões (Missões, Planalto Médio, Região Colonial, Planalto do Nordeste, Campanha, Depressão Central, Região do Sudeste e Litoral). A intervenção do aluno nesta atividade foi de colar e pintar com cores diferentes as diversas regiões do estado.

Cadernos de Redação e Cópia

Os dois cadernos de Redação e Cópia contemplam as duas atividades simultaneamente. Algumas vezes, o aluno escreveu suas redações e em outras, copiou textos e poesias no caderno.

Redações e Cópias	Marcas de Correção	Desenhos	Gravuras
O álbum de selos	(V) visto	-	-
O meu boletim	(V) visto	Boletim de L.C.P.	-
Como fiquei	(V) visto	-	-
Meu aniversário	-	-	-
A professora	-	-	-
O churrasco	-	-	-
Minha mestra	-	-	-
Uma figueira	-	-	-
Uma história	-	-	-
Os exames	-	-	-
O meu 1º exame	-	-	-
As férias	-	-	Gravura de um aluno
O cinema	-	-	Gravura de um menino brincando na areia
A páscoa	-	Desenho de uma cesta de doces	-
A páscoa	-	-	Gravura de um avião
Dia 21 de abril	-	-	Gravura de Tiradentes
O passeio	-	-	-
Minha mãe	-	-	Gravura de uma mãe com a filha
Minha mãe	-	-	-
O sítio	-	-	Gravura de um menino dormindo
O meu carrinho de lomba	-	-	-
O álbum	-	-	Figurinha de álbum colada
Um sonho	-	-	Figura de um avião
A visita	(V) visto	-	-
A viagem	-	-	-
A viagem	-	-	-
O começo das aulas	-	-	Gravura de um menino com o cachorro
O aniversário	-	Desenho de uma bola colorida	-
A festa	-	-	Gravura de um cachorro
Minha distração predileta	-	Desenho de um livro de fábulas de Monteiro Lobato	-
A coleção	-	Desenho de um lápis	-
O morro Reuter	-	-	Gravura de um piquenique na floresta
O desastre	-	-	-
Meu companheiro de classe	(V) visto	-	Gravura de um menino
O churrasco	-	-	-
O meu lápis	-	Desenho de um lápis	-
Pátria Rio Grandense	-	-	-
O recreio	(V) visto	Desenho da escola, pátio e os alunos brincando.	-
Total: 38	06	07	12

Quadro 50 - Marcas de Correção dos cadernos de Redação e Cópia

Fonte: Caderno de Redação e Cópia de Luiz Carlos Petry da 4ª série B - 1954

Caderno de Canto

O caderno de canto não segue os padrões dos outros cadernos de Luiz Carlos.

A capa é uma folha dura, na cor azul com o desenho do mapa do Brasil político, com o nome do Estado impresso. As capitais dos estados estão escritas a lápis pelo aluno. Cada estado está pintado com cores diferentes.

A etiqueta com o nome do aluno e da disciplina, está escrita e colada numa tira de folha de caderno.

Na primeira página do caderno estão coladas três gravuras: de Carlos Gomes tocando piano, um cartaz escrito Carlos Gomes e Carlos Gomes com a Bandeira do Brasil no mastro. Atrás da primeira página, está colada uma gravura do mapa do Brasil. Em cima, está escrito BRASIL, abaixo, a cidade do Rio de Janeiro e o estado do RS.

Neste caderno constam os seguintes hinos e músicas copiadas pelo aluno com caneta tinteiro:

- **Hino da Criança**
- **Ser Brasileiro**
- **Canção do Orfeonista**
- **Hino Nacional**
- **Hino da Independência**
- **Nossa Terra**
- **Balaio**
- **Hino Rio-Grandense**

Junto às músicas e aos Hinos a professora trabalhou os “Mandamentos do Orfeonista”. Estes mandamentos tinham como objetivo trabalhar as noções de civilidade, ordem e obediência.

“Mandamentos do Orfeonista”

“Ser sempre bem comportado.
Ser cumpridor dos deveres.

Manter no orfeão a atitude que o mesmo exige: imóvel, corpo firme, cabeça erguida, braços caídos e olhos fixos no regente.
Ser assíduo e pontual em todas as ocasiões apresentar-se corretamente uniformizado sempre que for preciso.
Cantar os hinos pátrios com correção, admiração e respeito.
Dar preferência à boa música procurando ouvi-la sempre que tiver oportunidade.
Considerar a música na escola uma matéria de ensino tão útil quanto as demais, porque seu programa coopera para o desenvolvimento da inteligência e do caráter”

A partir deste material trabalhado e copiado no caderno, percebemos a preocupação da professora e da escola com a questão da civilidade.

Segundo Maria Tereza Santos Cunha (2006), os professores são responsáveis pela transmissão de valores, de saberes, de normas de conduta, como também, atores privilegiados na formação de mentes, de almas e de corações moldando o indivíduo/aluno para a civilidade e o civismo, atuando como veículos de propagação intelectual dos valores de civilidade.

Chartier (2004) também se manifesta sobre este tema, pontuando que a:

“Civilidade se insere numa série de adjetivos designando as virtudes mundanas visíveis nas cidades/urbes (...) honesto, polido, cortês, gracioso, afável, bem-educado, tratável, sociável. Este conjunto de palavras vizinhas desenha um mesmo espaço de civilidade/urbanidade (...) onde conta antes de tudo a aparência das maneiras de ser” (p.46)

Portanto, esse mandamento reforça o papel do professor que deveria interiorizar/ensinar a seus alunos na produção e transmissão de normas, condutas, valores e saberes. Ao socializar estas regras, conseguiram compor um saber escolarizado sobre civilidade.

Caderno de Música

O outro caderno de música apresenta na capa a etiqueta impressa identificando a disciplina.

É um caderno específico de música com pautas, adequado para o registro de partituras. Apenas quatro páginas estão preenchidas com algumas notas musicais. Em ambos os cadernos de canto, não há registros de marcas de correção.

Gladis Renate Wiener

Professora: Irene Petrick – 4ª série C - 1956

A coleção de 17 cadernos da 4ª série C também inicia com o boletim de notas anexado.

Boletim Escolar de Gladis Renate Wiener da 4ª série C (1956)

Gladis Renate Wiener				OBSERVAÇÕES	VISTO
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre		
Atividade escrita	MB	MB	MB	1º trimestre	1º Lugar! Em 30 de maio de 1956 I. Petrick
Atividade oral	MB	MB	MB		
Atividade prática	MB	MB	MB		
Matemática	-	-	-	2º trimestre	1º Lugar! Em 30 de setembro de 1956 I. Petrick
Português	9	9	9		
História	8	8	8		
Geografia	9	9	9	3º trimestre	1º Lugar! Em 15 de dezembro de 1956 I. Petrick
Artes Visuais	9	10	9		
Artes Cênicas	9	10	9		
Atividade Integrada	10	8	8		
Atividade Interdisciplinar	8	9	10		
Atividade Multidisciplinar	9	9	9		
Atividade Transdisciplinar	7	10	10		
Atividade Interdisciplinar	10	10	10		
Atividade Multidisciplinar	8	10	10		
Atividade Transdisciplinar	10	8	10		
Atividade Integrada	4 hs	-	4 hs	Observações finais	Promovida à 5ª classe!
Atividade Interdisciplinar					
Atividade Multidisciplinar					
Atividade Transdisciplinar					
Prof. Responsável	Irene M. Petrick				

Figura 30 – Boletim Escolar de Gladis W. da 4ª série C – 1956
Fonte: Conjunto de cadernos de Gladis W. da 4ª série C - 1956

Nos três trimestres a aluna obteve o 1º lugar em termos de aproveitamento e resultados na avaliação. O pai de Gladis, o Sr. Kurt Wiener, é quem assinou o boletim nos três trimestres. Nas observações finais a professora Irene escreveu: “Promovida para a 5ª classe!”

Cada caderno possui na sua capa a etiqueta padrão da escola, constando o nome da aluna escrito a lápis ou com caneta tinteiro.

Na tabela abaixo, apresento a relação dos cadernos de Gladis que fazem parte da coleção da 4ª série C.

Matérias	Número de Cadernos
Aritmética	04
Ciências	01
Deveres	03
Ditado	01
Geografia	02
Gramática	02
História	01
Português	02
Redação/Cópia	01
Total	17

Quadro 51 – Número de cadernos escolares analisados de Gladis W. da 4ª série C
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares de Gladis W. da 4ª série C - 1956

Cadernos de Aritmética

Nos cadernos de Aritmética encontramos exercícios envolvendo operações de adição, subtração, multiplicação e divisão, números inteiros, números positivos e negativos, problemas matemáticos e números decimais.

Os exercícios nos cadernos foram copiados e resolvidos com caneta tinteiro. A correção foi feita pela professora com caneta e lápis de cor vermelha.

As marcas de correção presentes nos cadernos são estas:

Marcas de Correção	Quantidade
10,0	05
9,5	01
9,0	01
8,0	01
Ótimo!	01
Excelente!	01
Muito Bem!	26
Bem!	04
“C” – Certo	319
“V.” – Visto	17
“E” - Erro	20
Nulo!	01
Copiaste mal.	01
Não esquecer o CR\$ e os 2 zeros quando o resultado é dinheiro!	01
Não esquecer as designações.	01

Quadro 52 – Marcas de Correção dos cadernos de Aritmética de Gladis W.
Fonte: Cadernos de Aritmética de Gladis W. da 4ª série C - 1956

Quando a aluna errava algum cálculo ou resposta, ela mesma colava em cima do erro, uma figurinha d'água com temas de flores ou outra figura recortada de revista. A própria aluna preocupava-se com a questão estética nos seus cadernos escolares. A marca de correção mais usada pela professora nos cadernos de Aritmética era o “C” para certo.

Caderno de Ciências

No caderno de Ciências estão registradas as lições sobre os animais, vegetais e minerais, vertebrados, peixes, batráquios, répteis, insetos e noções de botânica. O caderno está escrito com caneta tinteiro na cor azul e contém desenhos e gravuras coladas. A única marca de correção existente é o “V” registrado com caneta tinteiro de cor azul, na lição dos insetos.

Cadernos de Deveres

A marca de correção que aparece no primeiro caderno de deveres da coleção da 4ª classe é o “V” no dia 23 de abril de 1956.

No dia 09 de junho, a mãe de Gladis assinou o caderno de deveres e a professora “Vistou”. Neste dia a aluna registrou o seguinte bilhete:

“Irei entrar no colégio após as 8hs e 10 minutos. Cumpro meu dever sendo pontual. Os alunos impontuais, além de se prejudicarem, interrompem as explicações, prejudicando os colegas. Caso acontecer um imprevisto, deverei trazer a explicação de casa.”

Ao registrar este bilhete no caderno de deveres, a professora destacou a importância da pontualidade no ambiente escolar. Nesse sentido, a pontualidade é uma obrigação funcional, como também é, uma condição preliminar para o desempenho de quaisquer relações.

O papel da escola é com a formação de bons hábitos. Ser assíduo e pontual estabelece e mantém um clima de trabalho e de respeito aos compromissos e às obrigações.

A escola possui normas, procedimentos e diretrizes de organização por isso, precisam aplicar ações corretivas, portanto, o texto escrito no bilhete acima, é um exemplo dessas ações.

Com isso, percebe-se que o caderno de deveres era o meio de comunicação entre escola e família. E quando havia algo importante a ser informado, a professora assumia sua posição hierárquica em relação às normas da escola.

Nas tarefas registradas no dia 31 de agosto, a professora “Vistou” com lápis de cor azul marinho. Eram atividades de Português (análise léxica) e Matemática (Regras de divisão no D1).

Caderno de Ditado

O caderno de Ditado está escrito com caneta tinteiro e a correção foi feita pela professora com caneta vermelha.

No caderno de Ditado foram realizados doze ditados e duas provas de ortografia.

Ditado	Erros	Ordem	Nota	Observação	Assinatura
1º Ditado O avozinho	0	Parabéns!	10,0	-	Pai
2º Ditado	01	9,5	9,5	Muito Bem!	Mãe
3º Ditado	02	-	8,5	-	Mãe
4º Ditado	01	-	9,5	-	Mãe
5º Ditado	02	10,0	9,0	-	Mãe
6º Ditado	02	-	8,5	-	Mãe
7º Ditado	03	-	8,0	-	Mãe
8º Ditado	01	7,5	9,5	-	-
9º Ditado	01	10,0	9,0	-	Pai
10º Ditado	01	9,5	9,0	-	Mãe
11º Ditado	04	7,5	7,5	-	Mãe
12º Ditado	-	8,0	10,0	Muito Bem!	Mãe
13º Ditado	-	9,0	10,0	Parabéns!	Mãe

**Quadro 53 – Marcas de Correção do caderno de Ditado de Gladis W.
Fonte: Caderno de Ditado de Gladis W. da 4ª série C - 1956**

No 5º e 11º ditado a correção da aluna após a avaliação da professora ainda apresenta erro. Abaixo da correção a professora escreveu com caneta vermelha:

1 êrro ainda

Nas duas provas de ortografia realizadas no caderno de Ditado, as marcas de correção são as seguintes:

Data da Prova	Erro	Ordem	Nota	Observação	Assinatura
08/05/1956	1-1=0	10,0	9,5+0,5=10,0	Muito Bem!	Pai
18/08/1956	-	-	10,0	-	Mãe

**Quadro 54 – Marcas de Correção do caderno de Prova de Ditado de Gladis W.
Fonte: Caderno de Prova de Ditado de Gladis W. da 4ª série C - 1956**

Cadernos de Geografia

Nos cadernos de Geografia estão registradas lições sobre a Rosa dos Ventos, relevo e hidrografia do RS e desenho dos mapas do estado, do Brasil e da América do Sul.

As marcas de correção presentes nos dois cadernos são poucas. Aparece o “V” de Visto, a correção da letra “p” minúscula para maiúscula da palavra “Pólvora” de (Casa da Pólvora).

Cadernos de Gramática

Os dois cadernos de gramática apresentam as seguintes marcas de correção:

“V” – três vistos escritos com lápis de cor vermelho e um escrito com lápis de cor azul marinho;

“Muito Bem” – uma vez escrito com lápis de cor vermelho.

Caderno de História

O caderno de História apresenta marcas de correção muito discretas. O “V” é expresso em cor azul marinho, em cinco momentos no caderno de Gladis.

Cadernos de Português

Os cadernos de Português apresentam exercícios de acentuação, análise léxica, conjugação de verbos, adjetivos, pronomes e formação de frases.

Neles encontramos as seguintes marcas de correção, escritas com caneta vermelha pela professora da classe:

Marcas de Correção	Quantidade
10,0	03
9,5	01
9,4	01
9,0	01
8,8	01
-0,5	02
-0,25	02
-0,2	03
-0,1	01
“V” - Visto	18
“C” - Certo	165
“?” - Interrogação	03
“X” Erro	04
“/” Erro	25
Trabalho muito bom!	01
“E” - Erro	12
Excelente!	01
Muito Bem!	05
Bom trabalho!	01
Falta a 1ª frase.	01
Trabalho bom.	01
E a regra?	01
Bom trabalho; corrige-o cuidadosamente.	01
Trabalhaste muito bem!	01

**Quadro 55 – Marcas de Correção dos cadernos de Português de Gladis W.
Fonte: Cadernos de Português de Gladis W. da 4ª série C - 1956**

A marca de correção “/” indica erro. O “X” que também indica erro está marcado pela professora e pela aluna. A letra “E” que também indica erro era escrito nas tarefas pela professora e, ao lado, era colocado o número de erros feitos pela aluna.

Os décimos (0,1; 0,2; 0,25 e 0,5) eram descontados das notas atribuídas às tarefas nos cadernos.

Caderno de Redação/Cópia

O caderno de Redação contempla sete redações realizadas no ano de 1956.

Redação	Erros	Nota de Ordem	Nota do Original
As férias de Páscoa	-	9,0	7,0
As nossas equipes	01	-	6,5
Meu primeiro boletim no 4º ano	-	-	8,0
As minhas férias	02	-	8,0
Visita à ferrovia do sonho	-	10,0	7,0
Meu 2º boletim de 1956	-	-	7,0
Um passeio nos dias de férias	-	-	7,0

**Quadro 56 – Marcas de Correção do caderno de Redação de Gladis W.
Fonte: Caderno de Redação de Gladis W. da 4ª série C - 1956**

Nas redações percebe-se que pelas notas atribuídas nos cadernos, Gladis não tinha o desempenho que obtinha na ordem dos trabalhos. Embora sua letra fosse bem traçada, legível e escrita com capricho, o desenvolvimento dos seus textos deixava a desejar. Faltava mais desenvolvimento nas suas histórias e adequação do tema com a proposta do tema.

As cópias realizadas no caderno são estas:

Cópias	Erros	Nota de Ordem
Mãe	-	10,0
Nosso patrono	01	9,0
Visconde de Mauá	-	“V”
Bandeira do Brasil	-	“V”
Os sinos de Natal	-	“V”

**Quadro 57 – Marcas de Correção do caderno de Cópia de Gladis W.
Fonte: Caderno de Cópia de Gladis W. da 4ª série C - 1956**

Nas cópias as notas recebidas são melhores do que nas redações. Nas três últimas cópias a professora apenas vistou o trabalho realizado.

3.3.5 OS CADERNOS ESCOLARES DA 5ª SÉRIE DO CURSO PRIMÁRIO

Luiz Carlos Petry

Professora Regente: Edith Lemmertz – 5ª série C - 1955

A coleção de cadernos de Luiz Carlos Petry da 5ª série C do Curso Primário é composta de 18 cadernos escolares e um boletim e está encadernada na cor verde escuro. Cada caderno da coleção mede (25 cm x 18 cm x 6 cm) e a capa tem um tom azul acinzentado.

A coleção inicia com três cadernetas: de Gramática, Sinônimos e Acentuação. Nestas cadernetas não constam marcas de correção. Em seguida está o boletim de notas da série.

O boletim está assinado pela professora com visto da mãe, nas datas de 04 de abril, 05 de maio, 06 de junho, 08 de agosto, 09 de setembro e 10 de outubro.

Nos três trimestres, Luiz Carlos obteve o 1º lugar, recebendo a medalha de ouro pelo seu desempenho escolar. Na última página do boletim da 5ª série C, está o registro do resultado dos exames de admissão à 1ª série ginásial³².

³² Sobre Exames de Admissão, ver BASTOS e ERMEL (2011)

Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 5ª série C (1955)

		MB	MB						
Atitude escolar		MB	MB						
Atenção		B	B						
Atividade escolar		B	MB						
				1	5	6	8	9	10
Português	Ortografia	8	9	9	7	8	9		
	Redação	7	8	8	7	8	8		
	Oral	8	7	6	7	8	8		
	Média	8	8	8	7	8	8		
Aritmética		10	10	8	8	9	10		
História		9	9	9	7	10	10		
Geografia		10	10	10	8	9	10		
Média Geral		9,2	9,2	8,7	7,5	9	9,5		
Ciências			8			10			
Religião			9			9			
Desenho			9			9			
Canto			9			8			
Educação Física			8			9			
Trabalhos Manuais			7			8			
Faltas		-	4 h	-	-	-	-		
Atrasos		-	-	-	-	1	-		

Prof. regente: Edith G. Lemmert

OBSERVAÇÕES	Visto da pai ou responsável
4 - Abril Edith G. Lemmert	
5 - Maio	<i>A.C. Petry</i>
1.º lugar	
31-5-1955	<i>A.C. Petry</i>
Edith Lemmert	
6 - Junho Edith Lemmert	<i>A.C. Petry</i>
8 - Agosto Edith Lemmert	<i>A.C. Petry</i>
9 - Setembro	
1.º lugar	
31-9-1955	<i>A.C. Petry</i>
Edith Lemmert	
10 - Outubro Edith Lemmert	
1.º lugar	<i>A.C. Petry</i>

Figura 31 – Boletim Escolar de Luiz Carlos Petry da 5ª série C – 1955
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares de Luiz Carlos Petry da 5ª série C - 1955

No quadro abaixo, constam as disciplinas e o número de cadernos que compõem a coleção de cadernos escolares de Luiz Carlos Petry, aluno da 5ª série C.

Disciplinas	Número de cadernos
Deveres	03
Geografia	02
Aritmética	01
Ciências	01
Ditado	01
Gramática	03
Redação	01
História	03
Desenho	03
Total	18

Quadro 58 – Número de cadernos escolares analisados de Luiz Carlos Petry da 5ª série C
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares de Luiz Carlos Petry da 5ª série C - 1955

Caderno de Geografia

Este caderno está preenchido com caneta tinteiro cor preta e azul. Nele se encontra textos copiados sobre o *Sistema Solar, o Universo, Planeta Terra, Movimento de Rotação e Translação, etc.*

Luiz Carlos preencheu o seu caderno empregando letra bem legível e bem traçada, onde o capricho é claramente percebido. Desenhos, gravuras e mapas ilustram os textos estudados.

Alguns textos apresentam marcas de correção da professora registradas com caneta vermelha e azul: **“V” visto, Bem e Muito Bem!**

Caderno de Aritmética

Na capa do caderno de Aritmética, a etiqueta está impressa pela **Tipografia Mercantil Ltda**, situada à Rua Dr. Flores, 76 em Porto Alegre/RS.

O nome do aluno está impresso por um carimbo. Consta na coleção de cadernos da 5ª série, apenas um exemplar da disciplina de Aritmética, o que me causou certo estranhamento. Mas ao analisar o documento, verifiquei que o mesmo possui mais folhas que os demais cadernos. Ao todo são 50 folhas, sendo que apenas 07 não estão preenchidas.

As marcas de correção são da professora e algumas vezes do próprio aluno. Alguns exercícios não foram corrigidos, não evidenciando nenhuma marca de correção. Outros exercícios foram corrigidos pela professora com caneta vermelha e pelo aluno com lápis de escrever.

Outro aspecto que chama atenção é que por ser um caderno de Aritmética, que exige atenção, cuidado, raciocínio, ele é todo preenchido com caneta tinteiro, exigindo mais habilidade de concentração e atenção para o desenvolvimento das atividades.

As marcas de correção presentes no caderno são o “C” Certo; “X” Erro; “MB”; “Bom”; “10,0”.

Em todos os cadernos da coleção, apenas em dois exercícios do caderno de Aritmética da 5ª série, consta a assinatura do pai (Alfredo Alvício Petry); uma datada de 21/05/1955 e outra de 10/06/1955 sobre frações ordinárias.

Cadernos de História

São três os cadernos de História de Luiz Carlos. Um é destinado para pesquisas biográficas de vultos históricos e os outros dois, contém textos envolvendo conteúdos de História.

O caderno de pesquisa de História é um documento com folhas de desenho, brancas sem linhas. Nele estão registradas três pesquisas biográficas sobre:

1ª) Pedro Américo de Figueiredo e Melo

2ª) Victor Meirelles

3ª) Luiz Vaz de Camões

O segundo caderno de História apresenta textos dos Descobrimentos Marítimos, Tratado de Tordesilhas, Descobrimento do Brasil, Capitânicas Hereditárias, etc.

Em vários textos, o aluno ilustrou com desenhos de mapas. No Tratado de Tordesilhas, desenhou o Globo Terrestre com a divisão dos hemisférios e depois o mapa do Brasil, sinalizando a mesma divisão.

Nas Capitânicas Hereditárias, o aluno desenhou o mapa do Brasil com as respectivas divisões. Esses desenhos são bonitos, caprichados e coloridos.

No texto sobre o 2º Governador Geral Duarte da Costa, Luiz Carlos desenhou o mapa ilustrativo do texto, entretanto a professora registrou no lado esquerdo da margem do caderno a seguinte frase:

“Por que está incompleto o mapa do 1º governador?”

A outra reclamação está escrita com caneta vermelha:

“M. bem... mas...”

P.S. ainda não ficou completo o mapa, reclamado já páginas antes”

Nestas duas observações/reclamações, a professora deixa explícita a sua exigência. Valorizou os textos, porém a tarefa não estava completa, e sinalizou sua exigência a partir do registro escrito no caderno.

Na última página do caderno, consta o índice dos fatos estudados e registrados no caderno, com as respectivas datas de 1488 a 1792.

No terceiro caderno de História encontramos o registro de textos dos vultos e acontecimentos históricos. Em muitos deles, o aluno ilustrou com desenhos e gravuras. Também na última página do caderno consta o índice que vai de 1808 a 1866. Não constam neste caderno marcas de correção.

Esse caderno compreende textos sobre a **Abolição da Escravatura** e está ilustrado com gravuras dos abolicionistas: Joaquim **Princesa Isabel (a redentora)**, **Rui Barbosa**, **Castro Alves** e **Nabuco**.

O segundo texto é sobre a **Proclamação da República** e está ilustrado com a gravura de **Mal. Deodoro**.

No terceiro texto sobre o **Governo Provisório**, a figura de um **soldado armado** junto à bandeira do Brasil, simboliza a preocupação com o dever cívico, tornando o caderno escolar um documento oficial e um testemunho da construção da memória escolar do período estudado.

Caderno de Ciências

O caderno de Ciências compreende folhas brancas de desenho, sem linhas. É um caderno que se assemelha a um álbum, pois além de ser um caderno com folhas totalmente brancas, apresenta textos pequenos e ilustrados com muitas gravuras e desenhos coloridos. Exemplo: No texto sobre **Corpos da Natureza**, o aluno desenhou pedras, lápis, copo com água, sol, bule com vapor, lâmpada, barra de gelo, etc.

Os desenhos e as gravuras ali presentes tornam o caderno de ciências, um documento interessante de ser manuseado e de fácil assimilação e compreensão do conteúdo estudado. Não há marcas de correção neste documento, entretanto o capricho e a organização são impecáveis.

Caderno de Ditado

No caderno de Ditado, a professora utilizou a seguinte legenda de correção: **(E) Erro**, **(O) Ordem**, **(N) Nota**. Ao término de cada ditado, o aluno escrevia a legenda de correção e a professora registrava a sua avaliação.

Ditado	Erros	Ordem	Nota	Assinatura da Mãe	Observações
1º ditado	02	6,0	8,0	X	-
2º ditado	01	7,0	9,0	X	Deves melhorar a letra Luiz Carlos
3º ditado	-	7,0	10,0	X	-
4º ditado	02	5,0	8,0	X	-
5º ditado	03	8,0	7,0	X	-
6º ditado	-	8,0	10,0	X	-
7º ditado	02	7,0	8,0	X	-
8º ditado	03	6,0	7,0	X	-
9º ditado	-	5,0	10,0	X	-
10º ditado	04	5,0	6,0=7,0	X	-
11º ditado	02	8,0	8,0=9,0	X	-
12º ditado	02	8,0	8,0=9,0	X	-
13º ditado	10	6,0	-	X	-
14º ditado	01	6,0	9,0	X	Muito bem, Luiz Carlos.

Quadro 59 – Marcas de Correção do caderno de Ditado de Luiz Carlos Petry
Fonte: Caderno de Ditado de Luiz Carlos Petry da 5ª série C - 1955

Abaixo de cada ditado realizado, o aluno faz a correção dos erros sinalizados pela professora com caneta vermelha. Copia corretamente a palavra errada, várias vezes, preenchendo a linha e copia todo o parágrafo, onde o erro foi sinalizado.

Após a correção do ditado, a professora registra o “V”, vistando o trabalho e muitas vezes, sinaliza erros existentes na própria correção.

Sendo o exercício do Ditado uma atividade rotineira até a 5ª série, podemos deduzir que esta prática além de exercitar a grafia correta das palavras, poderia ser também uma preparação para o exame de admissão, uma vez que o Português era avaliado com uma prova escrita e uma prova oral.

Cadernos de Gramática

O primeiro caderno de Gramática de Luiz Carlos apresenta um aspecto interessante e ao mesmo tempo um diferencial sobre as marcas de correção. Nos vários exercícios presentes nos cadernos, são os colegas de aula que registram suas marcas. Eles corrigem a lápis e escrevem a letra (E) apontando o número de erros cometidos.

Nos cadernos de Gramática, apenas um exercício foi corrigido pela professora, os restantes foram corrigidos pelos colegas de classe e pelo próprio aluno.

Quando as atividades são corrigidas pelos alunos, eles utilizam essas marcas de modo semelhante ao do professor. Dessa forma, concluímos que as marcas de correção são práticas aprendidas e assimiladas.

Na tabela abaixo se destacam as pessoas que realizaram as correções no caderno de Luiz Carlos:

Data	Erros	Nota	Aluno/professora
08/03/1955	07	8,0	Professora Regente
12/04/1955	-	-	Luiz Carlos
29/04/1955	08	-	Maria Ester
06/05/1955	10	-	Haroldo L.Maisonave
21/05/1955	01	-	Alberto Cabral
27/05/1955	-	-	L.C.P.
31/05/1955	01	-	-
13/06/1955	04	-	Haroldo L. Maisonave
17/06/1955	-	-	-
20/06/1955	08	-	Haroldo L. Maisonave
27/06/1955	01	-	Haroldo L. M.
02/08/1955	07	-	-
12/08/1955	03	-	Luiz Petry
02/09/1955	02	-	Carlos S.Osório
12/09/1955	08	-	Alfredo santos
26/09/1955	03	-	Ernani A. Strecht
28/10/1955	01	-	Alberto Cabral
03/11/1955	02	-	Alberto Cabral
24/11/1955	19	-	Alberto F. Cabral
25/11/1955	-	-	A. F. C.
28/09/1955	05	-	Jorge F.Haussen
30/09/1955	03	-	Ingo Schulze
07/10/1955	01	-	Ingo Schulze
27/10/1955	02	-	Alberto Cabral
04/11/1955	01	-	A. F. C.
08/11/1955	04	-	Ingo Schulze
12/11/1955	03	-	Brunhilde Richter
17/11/1955	03	-	A. F. C.
21/11/1955	02	-	A. F.C.
22/11/1955	01	-	A. F. C.
25/11/1955	07	-	A. F. C.

Quadro 60 – Marcas de Correção dos cadernos de Gramática de Luiz Carlos Petry
Fonte: Cadernos de Gramática de Luiz Carlos Petry da 5ª série C - 1955

Caderno de Redação

Para cada redação escrita no caderno, a professora estabeleceu dois critérios de avaliação: *original e ordem*.

Original estava relacionado à coerência e ao desenvolvimento do tema proposto, ordem se referia à observação correta dos parágrafos, emprego de letra maiúscula no início das frases, pontuação, letra legível e clara.

No quadro abaixo estão as redações desenvolvidas e as marcas de correção empregadas:

Título	Data	Original	Ordem
O amigo das aves	19/03/1955	7,0	8,0
Uma família feliz	16/04/1955	8,0	8,0
Os cisnes	14/05/1955	8,5	9,0
Um dia chuvoso	14/05/1955	9,0	8,0
A briga no galpão	06/08/1955	7,0	7,5
Pequenos patriotas	03/09/1955	7,0	8,0
O pequeno ladrão	1º/10/1955	7,0	8,0

Quadro 61 – Marcas de Correção do caderno de Redação de Luiz Carlos Petry
Fonte: Caderno de Redação de Luiz Carlos Petry da 5ª série C - 1955

Nas redações, a professora destacou os erros ortográficos corrigindo com caneta vermelha em cima do erro.

No final da redação “**O pequeno ladrão**”, a professora escreveu com caneta vermelha: “Frases muito compridas”.

Após cada redação, o aluno fez a correção a partir da cópia do parágrafo onde estava assinalado o erro. Abaixo da correção, a professora corrigiu, colocando “V” de visto.

Gladis Renate Wiener

Professora Regente: Hedy S. Pieper – 5ª série A – 1957

A coleção de cadernos de Gladis Renate Wiener da 5ª série A do Curso Primário é composta de 7 cadernos escolares e um boletim e está encadernada na cor azul esverdeada. Cada caderno da coleção mede (25 cm x 18 cm x 6 cm) e a capa tem um tom azul acinzentado. Apenas os cadernos de Problemas e Meu Diário são diferentes. A capa é uma imagem de uma ponte, o mar, um morro e um automóvel. A capa de trás tem a representação do mapa do Brasil dividido em estados.

A coleção inicia com o boletim de notas de Gladis seguido de três cadernetas: de Gramática, Sinônimos e Acentuação. Nestas cadernetas não constam marcas de correção.

O boletim está assinado pela professora com visto do pai, nas datas de 20 de abril, 31 de maio, 30 de junho, 31 de agosto, 30 de setembro e 20 de outubro.

No primeiro trimestre, Gladis obteve o 3º lugar, nos demais não obteve classificação. Na última página do boletim está o registro do resultado dos exames de admissão à 1ª série ginásial.

Boletim Escolar de Gladis Renate Wiener da 5ª série A – 1957

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Atividade escolar											
Atividade											
Atividade escolar											
Atividade	Gramática	8	8	10	8	8	10				
	Matemática	4	6	7	-	7	8				
	Português	6	6	8	-	8	7				
	Música	8	8	8	-	7	8				
Atividade	7	8	7	-	8	8					
Atividade	8	8	7	-	8	8					
Atividade	8	8	8	-	8	8					
Média final	7,2	8	7,5	-	7	8,5					
Atividade		10				9					
Atividade		-				-					
Atividade		7				6					
Atividade		10				8					
Atividade		10				-					
Atividade		8				8					
Atividade		-	-	4h	8h	4h	18h				
Atividade		-	-	7	-	-	-				

OBSERVAÇÕES		Nota do pai
1 - 20/4	20 de abril de 57	Assinado
2 - 31/5	31 de maio de 57	Assinado
3 - 30/6	30 de junho de 57	Assinado
3º lugar		
4 - 31/8	31 de agosto de 57	Assinado
5 - 30/9	30 de setembro de 57	Assinado
6 - 20/10	20 de outubro de 57	Assinado
7 - 20/10	20 de outubro de 57	Assinado

Figura 32 – Boletim Escolar de Gladis Renate Wiener da 5ª série A – 1957
 Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares da 5ª série A – 1957

No quadro abaixo, estão os cadernos da coleção da 5ª série A:

Matérias	Número de Cadernos
Aritmética	03
Caligrafia	01
Ciências	01
Desenho	02
Ditado	01
Geografia	02
Gramática	05
História	02
Meu Diário	01
Música	02
Português	06
Redação	01
Total	27

Quadro 62 – Número de cadernos escolares analisados de Gladis Renate Wiener da 5ª série A
Fonte: Conjunto de Cadernos Escolares de Gladis Renate Wiener da 5ª série A - 1957

Cadernos de Aritmética

Os três cadernos de Aritmética estão corrigidos com caneta e lápis de cor vermelha. Alguns exercícios estão corrigidos pela aluna. E as marcas são semelhantes às empregadas pela professora.

As marcas de correção encontradas são as seguintes:

Marcas de Correção	Quantidade
“C” – Certo	31
“X” - Erro	03
“V” – Visto	02
Figurinhas coladas	08
Grife duas vezes a resposta	02
Não deixe tanto papel em branco.	01
Correção pela aluna “C” e “X”	20
Assinatura mãe/pai	09

Quadro 63 – Marcas de Correção dos cadernos de Aritmética de Gladis Renate Wiener
Fonte: Cadernos de Aritmética de Gladis Renate Wiener da 5ª série A - 1957

Encontramos nestes cadernos, frases escritas com letra maiúscula, emolduradas num quadro colorido, que estão descritas como tema e indicam ordens.

TEMA	FRASE
Nº 1	NUNCA OLVIDE A PROVA DOS NOVE
Nº 2	NENHUM CÁLCULO EM FÔLHA SEPARADA
Nº 3	MÁXIMA ATENÇÃO AO TRABALHO
Nº 4	NUMERAR AS QUESTÕES
Nº 5	A CORREÇÃO É IMPORTANTÍSSIMA
Nº 6, 7 e 8	MÁXIMA ATENÇÃO
Nº 9	MUITÍSSIMO CAPRICHOS
Nº 10	DEIXAR DE SIMPLIFICAR É ERRO
Nº 11	NO FIM NUNCA SE DEIXA FRAÇÃO IMPRÓPRIA
Nº 12	GRIFAR DUAS VÊZES A RESPOSTA
Nº 13	NO FIM NUNCA SE DEIXA FRAÇÃO IMPRÓPRIA
Nº 14	FAZER USO DA RÉGUA
Nº 15	MÁXIMA ATENÇÃO
Nº 16	DEIXAR DE SIMPLIFICAR É ERRO
Nº 17	NO FIM NUNCA SE DEIXA FRAÇÃO IMPRÓPRIA
Nº 18	DEIXAR DE SIMPLIFICAR É ERRO
Nº 19	É PRECISO SABER TABUADA
Nº 20	O ERRO COMETIDO POR DESATENÇÃO É O MAIS GRAVE
Nº 21	O ERRO COMETIDO POR DESATENÇÃO É O MAIS GRAVE
Nº 22	O ERRO COMETIDO POR DESATENÇÃO É O MAIS GRAVE
Nº 23	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9
Nº 24	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9
Nº 25	QUERER É PODER
Nº 26	QUERER É PODER
Nº 27	DEVO MEU ÊXITO A 1/100 DE INSPIRAÇÃO E 22/100 DE TRANSPIRAÇÃO
Nº 28	É MUITO POUCO O QUE SABEMOS E IMENSO O QUE IGNORAMOS
Nº 29	SE NÓS VENCEMOS A PREGUIÇA VENCEMOS O ESTUDO
Nº 30	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9
Nº 31	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9
Nº 32	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9
Nº 33	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9
Nº 34	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9
Nº 35	VERIFIQUE TODOS OS CÁLCULOS FAZENDO A PROVA DOS 9

Quadro 64 – Frases escritas nos cadernos de Aritmética de Gladis Renate Wiener
Fonte: Cadernos de Aritmética de Gladis Renate Wiener da 5ª série A - 1957

A adoção de uma rotina disciplinar é indispensável à vida, portanto, essas frases designavam normas, disciplina.

Segundo Bastos (2011), esse espírito de ordem, regulador do tempo e da vida, foi uma das estratégias adotadas para a formação do homem burguês do século XIX e que continua sendo foco de formação dos homens para viverem, o que Marc Augé (1995) chama, de “supermodernidade” - uma superabundância do tempo do mundo e também dos indivíduos, em que muitas vezes quatro gerações coexistem (apud Cardoso, s/d, p.3).

A ideia e o uso de tempo são educados e disciplinados pelo homem, para viver individual e coletivamente em uma sociedade de progresso, ordem e disciplina. Mesmo sendo uma dimensão profundamente abstrata, o homem aprende como um sistema de medida – cronológico, sucessivo -, mas também como uma representação do real e de uma construção subjetiva. As concepções de tempo presentes na vida cotidiana do homem estão sempre ligadas à sua experiência no mundo, consigo e com os outros.

Caderno de Ciências

Assim como o de Luiz Carlos, o caderno de Ciências de Gladis não contém linhas. São folhas brancas e lisas e estão preenchidas com lições sobre calor, dilatação dos corpos líquidos, gasosos. Estas lições estão escritas com caneta tinteiro e decoradas com gravuras e desenhos feitos pela aluna, ilustrando as lições estudadas. Não contém marcas de correção.

Cadernos de Desenho

Na coleção há dois cadernos de desenho. Um era de trabalhos em aula e outro para tarefas de casa.

O caderno destinado para casa contempla desenhos livres de paisagem, de frutas, etc. O caderno de desenho de aula envolve conteúdos de desenho geométrico, noções de linhas, curvas. Desenhos com tipos de frutas, arbustos, e árvores estavam contemplados neste caderno.

Apenas em duas situações há marcas de correção no caderno de desenho de aula. Numa atividade a professora registrou a nota “9,5” e a sua rubrica com caneta azul. No outro trabalho a professora escreveu: “**Não encontro teus desenhos**”.

Caderno de Ditado

O caderno de Ditado contém doze ditados e obedece a uma legenda de correção igual aos outros cadernos.

Na correção de alguns ditados encontramos a nota transformada em décimos de pontos.

O primeiro ditado realizado serviu como diagnóstico para o professor a fim de mostrar como se encontrava a aluna em termos da grafia correta das palavras.

Ditado	Erro	Ordem	Nota	Assinatura
1º Diagnóstico	01	7,0	9,0	Mãe
2º Ditado	03	7,0	7,0	Mãe
3º Ditado	01	9,0	9,5	Mãe
4º Ditado	0,5	8,0	9,5	Mãe
5º Ditado	0	9,0	10,0	Mãe
6º Ditado	1,5	6,0	8,5+1,0=9,5	Mãe
7º Ditado	2,5	7,0	(7,5) 8,5	Mãe
8º Ditado	0	6,0	10,0	Mãe
10º Ditado	02	8,0	8,0+1,0=9,0	Mãe
11º Ditado	0	7,0	10,0	Mãe
12º Ditado	0,5	7,5	9,5	Mãe
13º Ditado	4	-	-	-

Quadro 65 – Marcas de Correção do caderno de Ditado de Gladis Renate Wiener

Fonte: Caderno de Ditado de Gladis Renate Wiener da 5ª série A - 1957

Cadernos de Geografia

Nos dois cadernos de Gramática de Gladis, encontramos apenas dois “V” registrados com lápis de cor vermelho.

Percebe-se que estes cadernos não se enquadravam na prática rotineira da correção pela professora.

Cadernos de Gramática

Apenas um caderno de Gramática apresenta marcas de correção feitas pelos alunos da turma.

As marcas são realizadas com lápis de escrever e se restringem ao “C” para certo e “X” para erro. No final da lição corrigida, o aluno ou a aluna que corrigiu escreveu seu nome e colocou a quantidade de erros cometidos.

Caderno de História

Os cadernos de História contêm lições sobre a **Monarquia Portuguesa, Inconfidência Mineira, Família Real, Independência do Brasil, Primeiro Reinado, Governos Regenciais, Revolução Farroupilha, Guerra do Paraguai, etc.** Todas as lições estão acompanhadas de desenhos e gravuras dos heróis da história. Nestes cadernos não encontramos marcas de correção.

Cadernos de Música

Os cadernos de música não contêm marcas de correção.

Caderno de Redação

Encontramos doze redações neste caderno que compreende as datas de 02 de maio a 24 de setembro. Estão escritas com caneta tinteiro e ilustradas com desenhos e gravuras. Não apresenta marcas de correção.

Ao finalizar a análise nos cadernos de Gladis, percebe-se que as marcas de correção não são mais tão frequentes como nas primeiras classes do Curso Primário.

O curso primário era composto de cinco séries, sendo que a 5ª série era quase uma preparação para o Exame de Admissão. Este exame constava de provas escritas de Português e Aritmética, e provas orais de Português, Aritmética, História do Brasil, Geografia e Ciências. As provas escritas de Português e aritmética eram eliminatórias, não podendo prestar exame oral o aluno que obtivesse nota inferior a 50 em qualquer das disciplinas³³.

Na 5ª série vamos encontrar no boletim a referência à professora regente de classe, essa professora assinava o boletim com esta denominação.

³³ Sobre o regulamento do Exame de Admissão ver relatório mensal do Ginásio teuto-brasileiro Farroupilha, ano XI, nº 8/9, p.9-14, outubro/novembro 1939.

Segundo o depoimento da ex-aluna Vera Maria Hemb Becker³⁴, em visita ao Memorial do Colégio Farroupilha no dia 07 de julho do presente ano, a professora regente era a responsável pela turma. Na 1^a, 2^a, 3^a e 4^a série lecionava as disciplinas de Português, Aritmética, Ciências, Geografia e História e na 5^a série lecionava Português e Aritmética. As demais disciplinas como Educação Física, Desenho, Coro, etc., eram de responsabilidade das professoras especializadas.

As marcas de correção presentes nos cadernos evidenciam que o “C” para certo era uma marca diária nos trabalhos e representa a exigência da professora na questão da qualidade do trabalho.

A professora Zilá registrou a marca de correção “C” para certo na grande maioria dos cadernos. O “C” era registrado com caneta vermelha e seu tamanho era bem grande e expressivo. Ela não poupava elogios. Sempre escreveu nas lições dos cadernos de forma carinhosa, e os carimbos também eram usados com frequência. Em entrevista³⁵, falou sobre a atividade diária de correção dos cadernos.

“Ai minha filha, tu não sabes o drama que eram estes cadernos. Todos os dias levar aquelas *pilhas* de cadernos, tu imagina 50 alunos, e depois na 3^a série não eram tantos, mas eram muitos também e todos os dias a gente levava para casa e trazia de volta no dia seguinte, tudo corrigido, certinho, bonitinho e eu ia para a escola era um vizinho cujos filhos estudavam lá e levavam os meninos para o colégio, então levavam a mim com eles, porque era muito amiga deles, então cansei de derrubar dentro do carro dele, eram aquelas *pilhas*, tu imagina, 40 encapadinhos, ficavam os mais grossos em cima. Volta e meia, o Sr. João Hoppe dizia “*fessora*” até quando que tu vais agüentar essas pilhas? Eu dizia, isso é esquema do colégio. Não sei se hoje se corrige. Tinha cadernos para tudo, matemática, português, história, ciências.”

Zilá afirma e expressa com certa exaustão, a questão da correção daquelas “pilhas e pilhas” de cadernos. Essa prática era diária na escola, pois todos os dias os cadernos eram levados para casa a fim de serem corrigidos. Também a padronização destes cadernos, era uma norma e uma disciplina no trabalho escolar.

Sobre as correções dos cadernos, comenta como eram.

“Bom essas correções, o Visto, o M.B. o B, era algo combinado entre o professor e a D.Vilma. Ela nos orientava para isso. Nós éramos muito despreparadas, e algumas coisas a gente fazia na intuição. Fui lecionar minha filha, porque acho que estava dentro da gente. Não fiz Curso Normal, naquela época não precisava esses cursos. Essas marcas de correção era uma característica do Farroupilha, muitas escolas que

³⁴ Vera Maria Hemb Becker foi ex-aluna do colégio e estudou desde o curso primário até o curso científico. Ingressou na escola 1944 e se formou em 1955.

³⁵ Entrevista realizada em sua casa, no dia 10 de agosto de 2011.

vieram depois nos copiaram. A caneta vermelha também era uma norma da escola e servia para se projetar melhor diante da escrita dos alunos, que era a lápis ou com caneta tinteiro. As observações que colocávamos nos cadernos eram críticas aos alunos – “Tu tens que melhorar!” – O professor era autoridade com o dedo em riste. Os pais eram participantes mas, com espírito crítico, ai que os professores saíssem daquela linha que o colégio dizia ter. Eles eram presentes e tinham confiança no colégio. O colégio tinha um sistema rígido de disciplina. A gente não deixava de ir dar aula, nem que ia se arrastando. Eu saí do Farroupilha em 1957 para casar. O meu sonho era me tornar uma professora substituta, sem remuneração, mas meu companheiro não quis. Era uma época de muita pureza, muita inocência, muita confiança. O professor era respeitado, ele tinha um lugar especial na vida e eu passei isso para os meus filhos.”

Zilá explicita que o correto era registrar o ocorrido de todos os alunos todos os dias, para então relatar os avanços e progressos dos alunos. Mesmo tendo um número excessivo de alunos em sala de aula, essa prática era rotineira.

Zilá foi professora de Luiz Carlos Petry na 3ª série em 1953. Sobre seus cadernos disse:

“Ah, os cadernos do Luiz Carlos era um capricho impecável e a mãe sempre muito presente. Ele foi um filho muito cuidado, era filho único. Aliás, as mães todas daquela época eram muito presentes, havia assim quase que um endeusamento do professor. O professor era um ser respeitado, em primeiro lugar o que o professor dizia aquilo era sagrado e a gente tinha essa colaboração dos pais e eles incutiam isso nos filhos, mas dificilmente eles chegavam com arrogância. Era uma coisa bonita, e a D. Wilma nos dava respaldo, era muito severa, ela agia como uma Diretora. Os professores tinham respeito por ela, ela era uma autoridade, o que ela dizia tinha que seguir à risca. A história do relógio era uma prova disso. O aluno que não tinha bons modos ia para baixo do relógio. E o Luiz Carlos, foi colocado embaixo do relógio. Estes dias liguei para ele para conversar sobre o que tu escreveste na revista “O Farroupilha” sobre os seus cadernos, ele me disse: - Zilá, até hoje eu não sei porque me botaste embaixo do relógio! Eu disse: - Ai, Luiz Carlos, nem me fala! – Eu acho Zilá, que foi porque eu puxei o cabelo de uma menina que sentava na frente. Tu imaginas Alice, que vexame, que humilhação, a criança ficar de pé embaixo do relógio, às vistas de todos que passavam no corredor. Ele era um excelente aluno, mas isso marcou. Até hoje ele lembra da história do relógio. Isso deve ter feito um efeito negativo tremendo para ele. Mas na época, isso fazia parte da disciplina pois, havia disciplina mesmo. Aquilo era fila bonitinha, todo mundo tinha que fazer a fila um atrás do outro, certinho, não podia falar, nem dizer nada. Era um regime severo, mas para a época era certo., e funcionou muito bem durante anos...”

E continua

“O caderno *suterling* era para caneta tinteiro. E o aluno tinha que escrever a letra bonitinha. Os cadernos do Luiz Carlos eram assim. Eles eram uniformizados, determinados e com capa azul. O colégio determinava tudo. Eram tantos cadernos, tantos quadradinhos iguais! Não sei se as coisas melhoraram. Eram pilhas e pilhas de cadernos que a gente levava para casa para corrigir. Quem esquecia um caderno, ia para baixo do relógio de castigo. Reunião de Pais não se fazia, e o boletim era entregue aos alunos. Só quando o aluno não ia bem, se entregava na secretaria com a

Diretora junto. O aluno que se sobressaía nas notas, ganhava medalhas. Aquilo era muito festejado. Tu observaste Alice, que tem sempre assim: M.B.; B; excelente ou uma observaçãozinha?”

Luiz Carlos³⁶ assinala que as correções mais marcantes, para ele, eram as verbais, feitas diretamente durante a classe e perante todos. As correções escritas eram uns registros exclusivos do professor, não havia a participação do aluno. Nas correções dos cadernos, a mãe controlava e acompanhava os temas de casa e, quando algum exercício não era copiado ou respondido, a professora emitia uma comunicação aos pais que deveria voltar com o visto dos mesmos. Assim se expressou sobre as correções dos cadernos:

“Foi uma época em que disciplina e respeito não eram contestáveis e as transgressões eram punidas de forma clara e vistosa (ficar parado embaixo do relógio durante o recreio, por exemplo). Havia também, uma valorização pública e intensa para o bom desempenho escolar através de classificação mensal (1º lugar, 2º lugar,...), com medalhas e diplomas de mérito anuais. Isto é, o muito bom era louvado e o transgressor era punido de forma bem legível.”

Esses registros por mais pessoais e criativos que sejam, traduzem um padrão oficial da escola. No caso aqui, esse padrão era estabelecido pela Diretora Sra. Vilma Funcke, pois era quem dava as orientações e determinava o padrão de escola, de ensino, de currículo que deveria ser seguido. Um pouco dessa relação está representado na figura de Tonucci (1997, p.144), que apresenta situações de aprendizagem bem “vigiadas e registradas” pela professora.

Zilá também destacou que as correções empregadas eram uma marca do Farroupilha e que, portanto, muitas escolas vinham copiar o “modelo” de correções. Silvina Gvirtz, em seus estudos, assinala que havia um reconhecimento do caderno como trabalho realizado por uma instituição, que a partir dele se identifica uma escola. Para a autora, esse dispositivo escolar é considerado como um conjunto de práticas discursivas escolares que se articulam de um determinado modo produzindo um efeito (1997, p.25-28). Os códigos utilizados para a classificação não são de simples acesso. Requerem aprendizagem de saberes próprios da instituição escolar.

Lopes (2008, p. 192) afirma que as marcas de correção se ligam aos conceitos de identidade e diferença; portanto, às relações de poder. Em primeiro lugar, porque expressam o

³⁶ Entrevista realizada em 18 de dezembro de 2009.

que é correto ou não em determinado contexto; e, em segundo, porque assinalam a hierarquia das relações entre quem ensina e quem aprende. Entre outras funções, elas intencionam não som indicar uma ordem, mas também dirigir a atenção para aspectos relacionados aos diversos eventos que compõem o cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em cadernos escolares é difícil, ao mesmo tempo fascinante e enigmática. Como fonte, serve para reconstruir uma trajetória de ensino e aprendizagem da cultura escolar, uma vez que eternizam em suas páginas métodos de trabalho e de ensino utilizados ao longo dos anos (BARUM e PERES, 2010).

O caderno não é um mero suporte físico, pelo contrário são um dispositivo que gera efeitos na dinâmica da sala de aula, além de um instrumento fortemente normatizado e ritualizado que contempla o conhecimento do aluno e sua avaliação.

Em se tratando das marcas de correção em cadernos escolares empregadas pelas professoras, elas expressam o discurso de controle, vigilância, resultando num cuidado contínuo que são atributos próprios da escola. Segundo Varela e Alvarez (1992), a escola é uma instituição destinada a ocupar o tempo das crianças, cuja pretensão é mobilizar no espaço todas as crianças, passando a ideia de governo da infância.

Antigamente a aprendizagem dava-se por acertos e erros e a escola atribuía, valorizava e dava grande ênfase à nota.

O professor corrigia diariamente os instrumentos trabalhados em aula e em casa. As tarefas escolares resolvidas nos cadernos, nos blocos e em folhas eram periodicamente corrigidas, vistas e observadas. Nelas os professores atribuía suas marcas de correção, seja por meio de notas, conceitos, visto, carimbos, figurinhas e de preferência com caneta vermelha. Estas práticas salientavam a posição hierárquica e, às vezes, opressiva que exercia diante dos alunos. A escola não mudava o sistema de avaliação devido à pressão vinda dos pais e dos próprios professores.

Para dominar a classe, o professor supervalorizava as notas como também somente aceitava as respostas certas, decoradas; não importava o processo ou o raciocínio do aluno, apenas o resultado final. O bom professor, não era aquele que dava boa aula, mas aquele que era “*durão*”, exigente e que dava notas baixas.

Para Foucault (1997), a disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.

O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. (FOUCAULT, 1997, p.164)

Nos trabalhos escolares, não era exigido grandes habilidades de raciocínio, análise, síntese e conclusão, mas memorização de nomes, classificações, datas, locais, etc., preparavam-se os alunos para responderem “*questionários*”. O professor preparava o aluno para responder exatamente o que ele deu em aula.

A escola possui normas, procedimentos e diretrizes de organização, por isso, precisam aplicar ações corretivas.

Aspectos como organização, clareza na letra, limpeza do caderno e traçado das letras são práticas significativas trabalhadas e cobradas pelos professores. O capricho e a completude das tarefas também eram rigorosamente controlados na correção.

O uso da caneta vermelha e os sinais gráficos empregados diariamente nas correções expressam o elemento regulador da aprendizagem.

Estas constatações afirmam o que Foucault (1997), pensava sobre as instituições educacionais:

“... eram disciplinares e produziam uma maquinaria de controle que funcionava como um microscópio do comportamento; formavam, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento.” (FOUCAULT, 1997, p. 167).

Atualmente, a caneta vermelha não é mais empregada nas correções dos cadernos e de outros instrumentos. Muitos professores utilizam o lápis para marcar sua correção ou uma caneta de outra cor. O professor interage mais com seus alunos no momento que está corrigindo. Atende em grupos ou individualmente, estimula a autonomia e a cooperação, aponta erros, propõe outro percurso para que enfrente e supere os obstáculos em relação à aprendizagem.

Nos cadernos escolares analisados, a avaliação está presente quase que diária. Portanto, após a análise das marcas de correção dos 249 cadernos escolares dos alunos do Curso Primário do Colégio Farroupilha da década de 1948 a 1958, concluo que elas são marcos de avaliação da aprendizagem, pois foram sempre registradas de modo visível e

reconhecidas pela comunidade escolar. Como representações simbólicas da presença do outro, elas indicavam o julgamento do professor, da escola, da sociedade.

O caderno não é mero suporte físico, pelo contrário é um dispositivo que gera efeitos na dinâmica da sala de aula, através da interação dos alunos e professores na realização da tarefa escolar, além de um instrumento fortemente normatizado e ritualizado que contempla em sua estrutura o ensinado, o conhecimento do aluno e a sua avaliação. (GVIRTZ, 1999, p. 14)

Em todos os cadernos analisados, as marcas de correção são praticamente as mesmas: a nota, os conceitos, o visto, os carimbos, as figurinhas coladas, as legendas de correção, a prática do uso da caneta vermelha ou lápis de cor vermelho. Entretanto, algumas vezes vamos encontrar as correções feitas com caneta de tinta azul ou caneta de tinta preta. Bem como a escrita dos alunos, às vezes era com caneta tinteiro na cor azul e na cor preta. A questão da autocorreção também é evidenciada nos cadernos dos alunos e estas eram iguais ou semelhantes às marcas dos professores.

Os signos empregados nas correções dos cadernos e o próprio emprego da caneta e do lápis vermelho eram indicadores da valorização das respostas finais, que de preferência deveriam ser iguais aos dos professores, pois o discurso é da época em que foram alunos.

Na análise dos cadernos, percebe-se que os professores se apropriavam desta prática de correção, com o emprego dos mesmos signos avaliativos, a partir de um trabalho conjunto. Esse trabalho se dava através de reuniões pedagógicas e reuniões de classes onde se estabeleciam práticas metodológicas comuns a todos os professores, sobre como corrigir e quais as marcas de correção iriam empregar nos cadernos escolares. Havia combinações de série sobre o que, como e quando corrigir. Estas marcas de correção ou o modo como era mostrado o erro para o aluno, se dava também pela troca com os outros professores, pelas orientações da direção, e pela experiência e contato diário com os alunos e com as outras professoras ao longo dos anos. Tardif, Lessard e Lahaye (1991) apontam como o saber docente é construído também nas experiências de trabalho e no cotidiano de cada sujeito.

Gvirtz (1999) analisa a diferença entre práticas discursivas escolares e práticas discursivas pedagógicas.

A referência a práticas discursivas escolares está explicitamente mencionada para diferenciá-las de outro tipo de práticas discursivas, de práticas pedagógicas. As primeiras se distinguem dessas últimas quando se considera que são produções da

escola e as segundas seriam produções sobre a escola, ou seja, conformariam metadiscursividades e, portanto, seriam práticas discursivas (as pedagógicas) que se referem a outras práticas discursivas. O estudo de cadernos escolares refere-se sem dúvida, a práticas discursivas escolares (1999, p. 15).

A partir disso, é possível partilhar com a autora essa afirmativa, uma vez que a análise elaborada nesta pesquisa revelou que as marcas de correção, assim como os cadernos escolares são representações de produções da escola, ainda que o lugar do professor se inscreva numa determinada formação discursiva imersa no contexto institucional pedagógico.

O dizer da professora, a partir de orientações da direção, que se materializa por meio das marcas de correção, se constitui em um dos elementos que contribui para delinear o profissional docente. Palavras e marcações estão presentes na narrativa da escola, sendo assim, professores e alunos materializam a memória que “fala” por meio do discurso das marcas de correção e de avaliação (LOPES, 2006, p. 154).

A presença e recorrência das “marcas de correção” no conjunto de cadernos escolares pertencentes ao período de (1948-1958), evidenciam uma representação coletiva desse grupo social. O período estudado (1948 – 1958) permite perceber que as marcas de correção empregadas pelos professores apresentam uma recorrência dessas práticas de correção ao longo da década analisada, pois os signos empregados pelos professores são os mesmos (nota, conceitos, carimbos, figurinhas coladas, “C”- certo, “X” – erro, “E” – Erro, “O” – Ordem, “N” – Nota; bem como o uso da caneta vermelha.

Portanto, essas práticas de correção fixaram uma marca na formação do aluno, pois elas iam ao encontro do que acreditava o professor. Além de efetivar a importância da aprendizagem, essas marcas mostravam o processo de aprendizagem do aluno e os incentivam a fazer um trabalho melhor.

Também se percebe que elas destacam as relações de poder existentes, e de vigilância, pois expressam o que é correto ou não, e apontam a hierarquia das relações entre quem ensina e quem aprende. Na visão de Foucault (1997, p.169), a vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar. As funções de fiscalização são quase todas duplicadas por um papel pedagógico:

“Um submestre ensina a segurar a pena, guia a mão, corrige os erros e ao mesmo tempo “marca as faltas quando se discute”; outro submestre tem as mesmas tarefas na classe de leitura; o intendente que controla os outros oficiais e zela pelo

comportamento geral é também encarregado de ‘adequar os recém-chegados aos exercícios da escola’; os decuriões fazem recitar as lições e “marcam” os que não as sabem”. (FOUCAULT, 1997, p. 170).

Neste caso descrito acima, temos o esboço de uma instituição tipo escola mútua em que estão integrados no interior de um dispositivo único três procedimentos: o ensino propriamente dito, a aquisição dos conhecimentos pelo próprio exercício da atividade pedagógica, enfim uma observação recíproca e hierarquizada. Uma relação de fiscalização, definida e regulada, está inserida na essência da prática do ensino: não como uma peça trazida ou adjacente, mas como um mecanismo que lhe é inerente e multiplica sua eficiência. É desta forma que as práticas educativas aconteciam. A partir da vigilância hierarquizada, contínua e funcional.

Em se tratando de correção das atividades, ela apresenta esse caráter de intencionalidade, já que a avaliação se referencia numa hierarquia valorativa; como técnica, a correção apresenta uma série de sinais utilizados com certas finalidades. Ambas – correção e avaliação – cumprem a função de validar as expectativas dos professores sobre os resultados dos alunos e, nesse sentido, falam de hierarquias, de categorias de sujeitos, de conhecimento ou de sua falta, de espaço e de tempo.

As práticas de correção permanecem. O que existe hoje é uma evolução ou algumas mudanças que acompanham as necessidades da escola atual e das próprias metodologias e práticas pedagógicas.

A pesquisa ainda tem a pretensão de divulgar a importância que os cadernos escolares têm e que não nos damos conta de sua história, que se entrecruza com a história da educação. Passamos por eles despreocupadamente, sem enxergar que falam dos alunos, dos professores, dos pais, dos projetos pedagógicos, das práticas avaliativas, dos valores disseminados em palavras e imagens, bem como das prescrições e interdições que conformam sua produção, circulação e seus usos (MIGNOT, 2008, p. 8).

Nesse sentido, eles trazem a história de uma escola centenária, de origem alemã, que deixa explícita nas marcas dos cadernos escolares a cultura escolar existente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Doris Bittencourt. **O caminho das letras: os 50 anos de alfabetização da professora Lia Mostardeiro**. Porto Alegre: ABE, 1999.

ALMEIDA, Doris Bittencourt; BASTOS, M.H. C.; JACQUES, Alice R. **De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: Entre memórias e histórias (1858-2008)**. In: Anais do 14º Encontro Sul-Riograndense de pesquisadores em história da Educação. Cultura material escolar: memórias e identidades. UFPEL, 2008

BACKHEUSER, Everardo. **A aritmética na “Escola Nova” (A nova didática da Aritmética)**. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1933.

BARUM, Sylvia; PERES, Eliane. **Espelho do ensino, processos de alfabetização refletidos em cadernos escolares 1970 – 2008**. XIX CIC; XII ENPOS II Mostra Científica, 2010.

BASTOS, M.H.C. **O relógio moral: Marc-Antoine Jullien e a arte de governar-se e educar-se**. In: Anais do VII Congresso Internacional de educação profissão docente: Há futuro para esse ofício? São Leopoldo: Unisinos, 2011.

BASTOS, M.H.C. **Relíquias Escolares, uma vida em cadernos: um campo de pesquisa da cultura escolar**. In: PASSEGI, M.C.; SOUZA, E.C; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). Pesquisa (Auto) Biográfica e Práticas de Formação. Natal: Paulus; EdUFRN, 2008.

BASTOS, M.H.C. In: BORDINI, Glória; ZILBERMAN, Regina (**Da escrita ao arquivamento: a fabricação de si**. Orgs.). Anais do 6ºENALB/Encontro de nacional de Acervos Literários. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

BASTOS, M.H.C. ERMEL, T. F. **O que preciso saber para ingressar no ginásio? Manuais para os exames de admissão**. In: Anais do XVII Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação. Santa Maria: UFSM, 2011.

BASTOS, M.H.C. JACQUES, A. R. **Cartinhas à diretora. Escrita epistolar dos alunos do curso primário do Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS 1948-1966)**. In: Anais do XVII Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação. Santa Maria: UFSM, 2011.

BASTOS, M.H.C; STEPHANOU, M. **Traçar letras, números e palavras. Caligrafar gestos da escrita e da vida**. In: MIGNOT, Ana Chritina Venâncio (Org). **Não me esqueças num canto qualquer**. 1 ed. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008, V1., p.1.

_____. **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Vol. III: Século XX. Rio de Janeiro, 2005.

BASTOS, LEMOS E BUSNELLO. **A pedagogia da ilustração: uma face do impresso**. BENCOSTTA. Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. Cortez Editora, São Paulo, 2007.

BELTRAME, Josilene. **Os programas de matemática do Colégio Pedro II: 1837-1932**. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

BISHOP, Marie-France. **“Racontez vos vacances...”**. **Histoires des écritures de soi à l'école primaire (1882-2002)**. Grenoble: PUG, 2010, p. 131.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1973.

CABANAS, José Maria Quintana. **Teoria da educação – concepção antinômica da educação**. 1. Ed. Portugal: 2002.

CHAGAS, Mario de Souza; STORINO, Claudia M. P. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. **Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, 2007, p. 61.

CHARTIER, Anne-Marie. **Um dispositivo sem autor; cadernos e fichários na escola primária.** Revista Brasileira de História da Educação. Editora Autores e Associados/SBHE, nº3. P.9-26, jan/jun,2002.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores no antigo regime.** São Paulo: UNESP, 2004.

CUNHA, Maria T. S. **Ser de cerimônia: manuais de civilidade e a construção de sujeitos históricos (1920-1960)** In: Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação, UCG, Goiânia, 2006.

DIEFENBACH, Renée. **Álbum de cartinhas dos alunos do Curso Primário do Colégio Farroupilha,** 1954.

FERREIRA, Antonio Gomes; VECHIA, Ariclê. **Cadernos escolares: revelando a doutrinação da infância pelo regime militar – 1964-1985.** Revista Educação em Questão, Natal, v. 36, n.22, p. 9-34, set/dez.2009.

FIORENTINI, Dario; MIGUEL, Antonio; MIORIM, Maria A. **Álgebra ou Geometria: para onde pende o pêndulo? Pro-Posições,** Campinas, vol. 3, n. 1 (7), p. 39-54, mar.1992.

FONTOURA, Amaral. **Metodologia do ensino primário. Contendo as matérias dos 2º e 3º anos do Curso Normal.** Rio de Janeiro: 5ª Edição, 1959.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** História da violência nas prisões. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro: 38ª Edição, 1997 (p.186-213).

_____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau, 2003.

_____. **“Tecnologias del yo” In Tecnologias del yo y otros textos afines.** 2.ed. Barcelona: Pidós, 1991 (pp. 45-94).

_____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. **A análise da consciência da história efetual. In verdade e método I – traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** Ed. 10. Petrópolis: Vozes, 2008.

GERTZ, René E.; GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. **História geral do RS – República: Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930 – 1985).** Vol.4, 2007.

GOMES, Maria Laura Magalhães. **O cálculo mental na história da matemática escolar brasileira.** In: XI Encontro Nacional de Educação matemática, 2007, belo Horizonte. IX ENEM Diálogos entre a pesquisa e a prática educativa. Recife: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2007.

GVIRTZ, Silvina. **El discurso escolar através de los cuadernos de clase: Argentina (1930-1970).** Buenos Aires: Eudeba, 1999.

_____. **Del curriculum prescripto al curriculum enseñado: Una mirada a los cuadernos de clase.** Buenos Aires: Eudeba, 1997,

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990.

HÉBRARD, Jean. **Por uma bibliografía material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX).** Revista Brasileira de História da Educação, nº 1, p.115-141, jan.jun.2001.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. **Colégio Farroupilha: 100 anos de pioneirismo.** Porto Alegre: Paloti, 1986.

JACQUES, Alice R. **150 Anos da Associação Beneficente e Educacional de 1858.** Porto Alegre: Paloti 2008.

_____. **As escritas obrigatórias nos cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha.** In: Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação. Vitória/Espírito Santo: UFES/SBHE, 2011. CdRom

JACQUES, Alice Rigoni; ERMEL Tatiane. **O velho casarão: um estudo sobre o Knabenschule dês Deutsches Hilfsverein” (Colégio Farroupilha) em Porto Alegre (1895-1962)**. Anais do XV Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação. Caxias do Sul: UCS, 2009.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, pp. 9-44, 2001.

KOTRE, John. **Luvras brancas: como construímos a nós mesmos através da memória**. São Paulo: Mandarin, 1997.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **O que você precisa saber sobre História da Educação**. Rio de Janeiro, Autêntica, 2001.

LOPES, Isa Cristina da Rocha. **Memória e discurso em marcas de correção: um estudo de cadernos escolares (dissertação)**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória Social/Departamento do centro de Ciências Humanas e Sociais (UNIRIO), 2006, 170 p.

_____. **“Cadernos escolares: memória e discurso em marcas de correção”**. Ana Chrystina Venâncio Mignot. (Org.). **Cadernos à vista, Escola, memória e cultura escrita**. Ed. UERJ. Rio de Janeiro, 2008.p. 188 – 192.

MALRAUX, André. **Museu Imaginário**. Lisboa: Edição 70, 2000.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998. P. 29-42.

MARQUES, Ormindia I. **“A escrita na escola primária”**. Editora Proprietária CIA. Melhoramentos, São Paulo, 1936.

MIGAL, Arthur Carbonell E. **Metodologia do ensino primário**. Porto Alegre, 1932

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Baú de Memórias, bastidores de histórias: O legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: EdUSF, 2002.

_____. (Org). **Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro, EdUERJ, (2008, p. 7- 13).

_____. **“Práticas de memória docente”**. Cortez Editora. São Paulo, 2003.

MIGNOT, Ana Crystina; BASTOS, Maria Helena; CUNHA, Maria Teresa S. (Org.) **Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIORIM, Maria A. **Introdução à História da Educação Matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

PORTO, Gilceane C.; PERES, Eliane. **Concepções e práticas de alfabetização: O que revelam cadernos escolares de crianças?**. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT10-5894--Int.pdf> >, acesso em 15 dez. 2009.

POZZO ANDRÉS, Maria del Mar; RAMOS ZAMORA, Sara. **Los cuadernos de clase como representaciones simbólicas de la cultura escrita escolar**. In: Etnohistoria de la escuela, XII Coloquio Nacional de Historia de la Educación, Burgos, 2003, p. 653-664.

_____. **Representações da escola e da cultura escolar nos cadernos infantis (Espanha, 1922-1942)**, 2008.

RABELLO, Célia. **Cartilha Vivi Vavá**. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 24ª Edição, 1953.

SCHÜTZ, Liane Saenger. **Sótãos e Porões: sacudindo a poeira do Colégio de Aplicação**. Porto Alegre: PUCRS, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação).

SOUZA, Rosa Fátima de. “**História da Cultura Material escolar: um balanço inicial**”. BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas – itinerários históricos**. Cortez Editora, São Paulo, p. 174, 2007.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, M.H.C. **Educar a Escrita: os sentidos da caligrafia na História da Educação**. In: Anais do XIV Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação. Pelotas: UFPel, 2008.

_____. **Infância, Higiene & Educação**. 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. 40 Anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005.

TELLES, Leandro. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha 1858/1974**. Porto Alegre: ABE, 1974.

TONUCCI, F. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VALENTE, Wagner R.. (org.). **A Matemática do Ginásio. Livros Didáticos e as Reformas Campos e Capanema**. CD-ROM. São Paulo: GHEMAT/FAPESP, 2005.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Karl M. (org.). **Programa de Ensino da Escola Secundária Brasileira: 1850-1951**. Curitiba: Editora do Autor, 1998.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Caderno novo**. Zero Hora, Porto Alegre, p. 05 de março de 1991.

VIÑAO, Antonio. **Tiempos escolares, tiempos sociales: La distribución Del tiempo y Del trabajo em La enseñanza primaria em España (1838-1936)**. Barcelona: Ariel, 2006.

WERLE, Flávia. **As novas tecnologias e a pesquisa em História da Educação**. In: FARIA Fº, Luciano Mendes de (Org.) **Arquivos, fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Autores Associados, p.45-62. 2000.

RELATÓRIOS

Relatório Mensal do Ginásio teuto-brasileiro Farroupilha XI, nº. 8/9; p. 9-14; outubro/novembro, 1939. Pertencente ao Memorial De Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha.

ANEXO

Por apresentar este diferencial nas marcas de correção presentes nos cadernos, decidimos que seria interessante entrevistar a professora Zilá.

Entrei em contato com ela, e numa manhã gelada e chuvosa de agosto, visitei a professora. Para retribuir a gentileza de ter me recebido, levei de lembrança para ela, uma caneca em porcelana branca para café, com o logotipo do colégio. Ao abrir a porta para mim, me recebeu com um abraço caloroso, parecia que fazíamos e acho que fazemos parte de uma mesma família, a “Família Farroupilha.” Sentamos no sofá da sala, em almofadas macias e regadas a cafezinho preto, começamos nossa conversa.

Pedi-lhe que me contasse sobre as lembranças que tinha do tempo em que foi professora do Curso Primário do Velho Casarão, localizado no centro da cidade, então começou seu relato assim:

”Todas as turmas, todos os anos tiravam fotos, a professora com os alunos todos, só que tem muitos ali, que os nomes eu não lembro mais, isso foi há 50 anos minha filha. Fui professora durante 5 anos do Casarão. Comecei a lecionar no Batista Americano, na Cristovão Colombo, eu fui lá para fazer um curso de estenografia³⁷, e a Diretora D. Wilma, sabia que eu estava querendo lecionar e aí ela me convidou e eu comecei a lecionar. A Diretora que era uma olheira, ficava pescando, e eu era ex-aluna do colégio. Eu fui aluna do Farroupilha. Eu estudei da 5ª série até me formar no Ginásio, e a D. Wilma sabia que eu estava tendo um bom resultado no trabalho lá no Batista. Ela precisou de uma professora de 5ª série pra Admissão, aí ela me pescou, aí eu fiquei lá. Não me recordo quanto tempo na 5ª série, eu só me lembro que entrei bem inexperiente, praticamente com 52 alunos na 5ª série e aí, posteriormente eu fui para a 3ª série.”

E as turmas, quantas de cada série havia no Curso Primário?

“Eu acho que eram três turmas de cada série. Tinha a turma A, B e C.”

Nesse momento, concordei com a profª Zilá, e disse-lhe que pela análise dos cadernos escolares, existiam sim, três turmas de cada série. Então ela falou:

“Ai minha filha, tu não sabes o drama que eram estes cadernos. Todos os dias levar aquelas *pilhas* de cadernos, tu imagina 50 alunos, e depois na 3ª série não eram tantos, mas eram muitos também e todos os dias a gente levava para casa e trazia de volta no dia seguinte, tudo corrigido, certinho, bonitinho e eu ia para a escola era um vizinho cujos filhos estudavam lá e levavam os meninos para o colégio, então levavam a mim com eles, porque era muito amiga deles, então cansei de derrubar dentro do carro dele, eram aquelas *pilhas*, tu imagina, 40 encapadinhos, ficavam os

³⁷ Estenografia é a técnica de escrita com abreviaturas, de ser tão rápida como se fala.

mais grossos em cima. Volta e meia, o Sr. João Hoppe dizia “fessora” até quando que tu vais agüentar essas pilhas? Eu dizia, isso é esquema do colégio. Não sei se hoje se corrige. Tinha cadernos para tudo, matemática, português, história, ciências.”

E as aulas, eram preparadas e registradas em diários ou em algum outro caderno?

“Eu tenho impressão que não preparávamos aula, não vou dizer de improviso, pois a D. Wilma dava muita assistência aos professores, fazia reuniões sempre com a gente. A Vera Matte, que foi Diretora também, somos muito amigas até hoje e estávamos sempre juntas. Namoramos, noivamos e casamos. Estávamos sempre os quatro juntos. A sala de aula da Vera era contígua à minha, então a gente podia numa folguinha, ou numa aula de Trabalhos Manuais, combinávamos o programa que nós quatro iríamos fazer. Era o nosso namoro.”

Ao analisar os cadernos, identifiquei que o aluno Luiz Carlos Petry foi seu aluno da 3ª série. A senhora lembra-se destes cadernos?

“Ah, os cadernos do Luiz Carlos era um capricho impecável e a mãe sempre muito presente. Ele foi um filho muito cuidado, era filho único. Aliás as mães todas daquela época eram muito presentes, havia assim quase que um endeusamento do professor. O professor era um ser respeitado, em primeiro lugar o que o professor dizia, aquilo era sagrado e a gente tinha essa colaboração dos pais e eles incutiam isso nos filhos, mas dificilmente eles chegavam com arrogância. Era uma coisa bonita, e a D. Wilma nos dava respaldo, era muito severa, ela agia como uma Diretora. Os professores tinham respeito por ela, ela era uma autoridade, o que ela dizia tinha que seguir à risca. A história do relógio era uma prova disso. O aluno que não tinha bons modos, ia para baixo do relógio. E o Luiz Carlos, foi colocado embaixo do relógio. Estes dias liguei para ele para conversar sobre o que tu escreveste na revista “O Farroupilha” sobre os seus cadernos, ele me disse: - Zilá, até hoje eu não sei porque me botaste embaixo do relógio! Eu disse: - Ai, Luiz Carlos, nem me fala! – Eu acho Zilá, que foi porque eu puxei o cabelo de uma menina que sentava na frente. Tu imaginas Alice, que vexame, que humilhação, a criança ficar de pé embaixo do relógio, às vistas de todos que passavam no corredor. Ele era um excelente aluno, mas isso marcou. Até hoje ele lembra da história do relógio. Isso deve ter feito um efeito negativo tremendo para ele. Mas na época, isso fazia parte da disciplina pois, havia disciplina mesmo. Aquilo era fila bonitinha, todo mundo tinha que fazer a fila um atrás do outro, certinho, não podia falar, nem dizer nada. Era um regime severo, mas para a época era certo., e funcionou muito bem durante anos...”

O planejamento das aulas, dos trabalhos e das provas eram feitos como e em que momentos?

“O planejamento feito era a partir de reuniões com a Diretora. Ela orientava os professores. – Vocês têm que ir por este caminho. E a gente obedecia. O currículo a gente sabia. As reuniões eram frequentes e aconteciam nos finais das aulas. Naquela época era muito intuitivo o planejamento. O conteúdo era todo passado no quadro, era autoritário, ninguém questionava. O professor chegava e dizia: - Hoje vamos fazer tal e tal lição. E ninguém questionava”.

O que a Sra. lembra dos cadernos escolares?

“O caderno *suterling* era para caneta tinteiro. E o aluno tinha que escrever a letra bonitinha. Os cadernos do Luiz Carlos eram assim. Eles eram uniformizados, determinados e com capa azul. O colégio determinava tudo. Eram tantos cadernos, tantos quadradinhos iguais! Não sei se as coisas melhoraram. Eram pilhas e pilhas de cadernos que a gente levava para casa para corrigir. Quem esquecia um caderno, ia para baixo do relógio de castigo. Reunião de Pais não se fazia, e o boletim era entregue aos alunos. Só quando o aluno não ia bem, se entregava na secretaria com a Diretora junto. O aluno que se sobressaía nas notas, ganhava medalhas. Aquilo era muito festejado. Tu observastes Alice, que tem sempre assim: M.B.; B; excelente ou uma observaçãozinha?”

Professora Zilá, nos cadernos do Luiz Carlos me chamou a atenção, a forma afetiva das suas correções.

“Eu fazia aquilo, não como uma obrigação, mas para mostrar que ele estava melhorando. Até hoje eu conservo esta coisa de bilhetinhos. É uma característica. Eu fazia aquilo com paixão. Onde eu corrigia os cadernos tinha uma janelinha, e os amigos me viam corrigindo os cadernos e me convidavam para sair com eles.”

E o friso nos cadernos professora, para que servia?

“O friso era uma norma da escola, além de separar os exercícios, para não ficar tudo amontoado, eles demonstravam a criatividade dos alunos, pois eles tinham que desenhar e pintar. As professoras regentes só não davam aula de Trabalhos Manuais, Religião e Ginástica. Tinha Português, Matemática, Ciências, Geografia e História. Cada aula era dividido por horas. Em geral a primeira hora era Português e tinha todos os dias.”

E as correções dos cadernos, como eram?

“Podia ter me dado esse questionário para me preparar, pois são cinquenta anos atrás que isso aconteceu! Bom essas correções, o Visto, o M.B. o B, era algo combinado entre o professor e a D.Vilma. Ela nos orientava para isso. Nós éramos muito despreparadas, e algumas coisas a gente fazia na intuição. Fui lecionar minha filha, porque acho que estava dentro da gente. Não fiz Curso Normal, naquela época não precisava esses cursos. Essas marcas de correção era uma característica do Farroupilha, muitas escolas que vieram depois nos copiaram. A caneta vermelha também era uma norma da escola e servia para se projetar melhor diante da escrita dos alunos, que era a lápis ou com caneta tinteiro. As observações que colocávamos nos cadernos eram críticas aos alunos – “Tu tens que melhorar!” – O professor era autoridade com o dedo em riste. Os pais eram participantes mas, com espírito crítico, ai que os professores saíssem daquela linha que o colégio dizia ter. Eles eram presentes e tinham confiança no colégio. O colégio tinha um sistema rígido de disciplina. A gente não deixava de ir dar aula, nem que ia se arrastando. Eu saí do Farroupilha em 1957 para casar. O meu sonho era me tornar uma professora substituta, sem remuneração, mas meu companheiro não quis. Era uma época de muita pureza, muita inocência, muita confiança. O professor era respeitado, ele tinha um lugar especial na vida e eu passei isso para os meus filhos.”

E os alunos?

“No meu tempo o aluno era um ser especial para o professor. Para fazer uma crítica era para algo muito grave. Eu tive um aluno que nunca esqueci o nome dele, parece que não vive mais. Naquela época, a gente não sabia se o aluno tinha problemas em casa. Devia ter problema sério de conduta. Ele não parava um segundo quieto e nem sentado, aí falei para a Diretora e ela tirou ele uns instantes da aula e levou para a secretaria e se sentou ao lado dele. Me lembro direitinho da D. Vilma sentada ao lado dele. Depois ela chamou os pais. Eu estava tendo problemas de dar aula por causa dele. Constatou-se depois que ele cresceu, que tinha problemas mesmo. Naquela época, só tinha a Diretora, nosso porto seguro, nosso pronto socorro. Depois na época da Diretora Vera Reimer já tinha auxílio. Tanto a D. Vilma como a D. Vera, sabiam o nome de cada aluno. Eram centenas de alunos. Era uma memória privilegiada. Elas se interessavam pelos alunos como um ser humano e não como um número.”

E as salas de aula?

“As salas de aula, eram tudo feito pelos professores. Alguns cartazes apenas, outros enfeites não havia. Apenas as carteiras e um armário para guardar os materiais. E o recreio era no pátio, e os que faziam algo errado iam para baixo do relógio que ficava no corredor em frente ao pátio. A punição era no recreio. A sorte que naquela época não havia *bulling*. Os colegas nem olhavam para o tal do relógio. Ficar embaixo do relógio era rotina e norma da escola, hoje daria cadeia. Os professores no recreio, ficavam na sala dos professores e tinha aqueles que fumavam, aí era um horror.

Nesse momento, a professora Zilá recebeu a visita do seu filho para o almoço e me convidou para almoçarmos juntos. Agradei o convite, mas disse-lhe que tinha que voltar para a escola e que voltaria em outra ocasião para continuarmos conversando. Como mora perto do Farroupilha, convidei-a para visitar o Memorial da escola e rever estas lembranças, os cadernos de Luiz Carlos e o “bendito relógio” que não sai de sua cabeça.